CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

MULHERES NEGRAS EM JACUTINGA:
SOBRE INTERSECCIONALIDADE E EMPODERAMENTO

Alexandre dos Santos Monteiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Etnicorraciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre

Orientadora: Professora Sônia Beatriz dos Santos, PhD

Rio de Janeiro
Setembro de 2014

MULHERES NEGRAS EM JACUTINGA:

SOBRE INTERSECCIONALIDADE E EMPODERAMENTO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Etnicorraciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Alexandre dos Santos Monteiro

Aprovada por:

Presidente, Professora Sonia Beatriz dos Santos, Ph.D. (orientadora)

Professor Alvaro de Oliveira Senra, Ph.D.

Professora Nara Maria Carlos de Santana, Ph.D.

Professor Rolf Ribeiro de Souza, Ph.D., Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro
Setembro de 2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

M775 Monteiro, Alexandre dos Santos
Mulheres negras em Jacutinga: sobre interseccionalidade e empoderamento / Alexandre dos Santos Monteiro. – 2014.
viii, 78f. il.color. + anexos ; enc.

Dissertação (Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2014.
Bibliografia : f. 74-78
Orientadora : Sônia Beatriz dos Santos

1. Negras – Identidade racial – Brasil. 2. Relações etnicorraciais. I. Santos, Sônia Beatriz dos (orient.). II. Título.

CDD 305.896081

DEDICATÓRIA

À minha esposa, Aliane, companheira de todas as horas, que tanto me apoiou e estimulou a conseguir concluir esta dissertação.

Aos meus filhos, Lucas, Fernando e Pedro, razões de minha existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do Mestrado em Relações Étnico-Raciais, do CEFET/RJ, pelos momentos de construção de conhecimento.

Agradeço à comunidade de Jacutinga, especialmente aos que se dispuseram a conceder entrevistas, que foram essenciais para a execução da pesquisa.

Agradeço à comunidade escolar do CIEP Municipalizado 431 Padre Nino Miraldi, que me recebeu como se nunca tivesse deixado de ser parte dela.

Três mulheres, porém, merecem agradecimentos muito especiais.

A primeira é minha esposa, Aliane Lyra, que acreditou na minha capacidade e, com seu amor, me mantém.

A segunda é minha orientadora, Professora Sônia Beatriz dos Santos, pelos ensinamentos e pela confiança que conseguiu transmitir nos momentos mais difíceis.

A terceira é uma mulher muito forte, que aqui chamo de Maria. A ela ensinei pouco. Com ela aprendi muito, através de seu exemplo de vida.

RESUMO

MULHERES NEGRAS EM JACUTINGA:
SOBRE INTERSECCIONALIDADE E EMPODERAMENTO

Alexandre dos Santos Monteiro

Orientadora: Professora Sônia Beatriz dos Santos, PhD

Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Etnicorraciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Este trabalho consiste num estudo sobre mulheres negras da comunidade de Jacutinga, bairro de Mesquita, localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Para tal, foram utilizados os conceitos de interseccionalidade e empoderamento, valorizando as diversas vozes que constituem o pensamento feminino negro. Além disso, conceitos como território, territorialidade, gênero e políticas públicas também são importantes na análise da realidade do local.

Palavras-chave:

Mulheres negras; Interseccionalidade; Empoderamento.

Rio de Janeiro
Setembro de 2014

ABSTRACT

BLACK WOMEN IN JACUTINGA:
ABOUT INTERSECTIONALITY AND EMPOWERING

Alexandre dos Santos Monteiro

Advisor: Sônia Beatriz dos Santos, PhD

Abstract of Dissertation submitted to Programa de Pós-graduação em Relações Etnicorraciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, as partial fulfillment of the requirements for the degree of Master.

This paper is a study on black women of Jacutinga community, Mesquita's neighborhood, located in the Metropolitan Region of Rio de Janeiro. To this end, the concepts of intersectionality and empowerment were used, valuing diverse voices that make up the female black thought. In addition, concepts such as territory, territoriality, gender and public policies are also important in the analysis of the local reality.

Keywords:

Black women; Intersectionality; Empowerment.

Rio de Janeiro
September 2014

SUMÁRIO

Introdução	**1**
I. O lugar e sua história	**8**
II. As pessoas e suas histórias	**27**
III. Problemas, soluções e utopias	**50**
Considerações Finais	**69**
Referências Bibliográficas	**74**
Apêndice	**79**
Anexo	**81**

INTRODUÇÃO

Mulheres negras em Jacutinga: sobre empoderamento e interseccionalidade é um trabalho resultante de uma pesquisa participante. Este pesquisador, interessado nas questões sociais, especialmente nas questões socioespaciais, isto é, as relações sociais que ocorrem em sua interação com o espaço geográfico, percebeu na realidade de Jacutinga a possibilidade de aplicação prática de teorias multidisciplinares.

A pesquisa no âmbito das ciências sociais não pode ocorrer se não houver uma interação social do pesquisador e do objeto pesquisado. Melhor explicando, não há pesquisa social que não envolva o pesquisador com o grupo social pesquisado. Nesta pesquisa, a relação entre este pesquisador e a comunidade pesquisada é dialética, numa relação dupla e mutuamente influente de ensino e aprendizagem.

O primeiro contato do pesquisador com a comunidade do bairro de Jacutinga ocorreu em 2009. O CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) Municipalizado 431 Padre Nino Miraldi foi o motivo e o caminho para o ingresso na comunidade. O pesquisador foi designado pela Secretaria Municipal de Educação de Mesquita como professor de Geografia para as turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) desse CIEP.

Alertado por colegas e funcionários da escola em que anteriormente lecionava, o pesquisador esperava um ambiente muito mais violento e hostil, não contando com a receptividade apresentada desde o início por parte de alunos, alunas, funcionários(as) e comunidade escolar em geral. Desde o primeiro contato, a comunidade mostrou-se simpática a novas propostas de educação, ávida por melhorias para o local.

O convívio com os jovens e adultos (de adolescentes de quinze anos a idosos de mais de setenta anos) matriculados em turmas do segundo segmento do ensino fundamental (6ª a 9ª fases) permitiu, mesmo que parcialmente, conhecer a comunidade, sua formação e suas particularidades. A partir da observação atenta, foi possível notar que, indiscutivelmente, a maioria dos alunos era negra. E essa percepção empírica inicial mostrou-se verdadeira após um maior convívio com os moradores locais.

Foram dois anos de permanência no CIEP: 2009 e 2010. No início de 2011, devido a outros compromissos profissionais, este pesquisador teve que se afastar não só do CIEP, mas também da Prefeitura de Mesquita. Mas a realidade daquele local já havia tomado conta de seus

pensamentos, que, ainda que de forma não estruturada, buscavam entender melhor aquela realidade.

Muito contribui para esse fervilhar de ideias não integradas uma aluna em especial. Essa aluna, que concluiu o ensino fundamental em 2011, que chamaremos de Maria, foi de vital importância para a existência deste trabalho. Mais do que isso, foi responsável pela idealização do trabalho, bem como seus depoimentos constituem o eixo norteador desta dissertação.

Inicialmente, é necessário explicar que todas as pessoas entrevistadas para a elaboração deste trabalho concordaram em ter suas declarações reproduzidas neste texto acadêmico. Todavia, devido ao princípio da preservação das fontes, o anonimato é a regra a ser respeitada. Logo, os nomes dos(as) moradores(as) entrevistados(as) ou aos quais eles(as) se referem não são seus verdadeiros nomes, mas, sim, nomes atribuídos a eles(as) pelo pesquisador, evitando qualquer transtorno posterior e problemas para aqueles(as) que se mostraram tão receptivos(as) ao pesquisador e à pesquisa. Por outro lado, todas as pessoas públicas, como, por exemplo, políticos e pessoas que designam ruas, têm seus nomes expressos.

A possibilidade de ingressar no curso de Mestrado em Relações Étnico-Raciais permitiu que o desejo de melhor entender a dinâmica socioespacial de Jacutinga consistisse na alavanca para elaborar esta dissertação. Assim, o projeto de dissertação já apresentava, como estrutura básica, a ideia de estudar a formação do território de Jacutinga, a constituição de sua população, as desigualdades ali concretizadas, os problemas estruturais existentes, a ausência de políticas públicas para atender às necessidades da população.

Não foi surpresa constatar que Jacutinga e, em especial, áreas específicas do bairro, estão quase que completamente abandonadas pelos poderes públicos (municipal, estadual e federal). A precariedade das habitações; as constantes enchentes; a proliferação de lixo, ratos e insetos nas ruas; ruas com asfalto esburacado ou sem asfalto; iluminação insuficiente nos postes; constantes cortes do fornecimento de energia elétrica; ausência de rede de água e esgoto; transformação do Rio da Prata em um valão, onde são lançados os dejetos das moradias; insuficiência do transporte público; violência e criminalidade; ausência de opções de cursos para ingresso no mercado de trabalho para a grande quantidade de jovens que habitam o bairro.

Esse retrato, todavia, não é o mesmo de outros bairros do município de Mesquita, o mais jovem do estado do Rio de Janeiro. Há bairros próximos que apresentam uma estrutura muito melhor. São bairros habitados por pessoas com maior poder aquisitivo, inclusive pelos políticos locais (prefeito e vereadores). Nenhum dos doze vereadores mesquitenses reside em Jacutinga.

Este estudo envolve, portanto, aspectos etnográficos, geográficos e históricos. A pesquisa bibliográfica abrangeu trabalhos de, principalmente, antropólogos, geógrafos e historiadores, que estudaram a Baixada Fluminense e as mulheres negras, a partir do conceito de interseccionalidade, que pressupõe a interseção de formas de opressão. No caso deste trabalho, a interseção se dá a partir das questões de raça, gênero, classe social e local de moradia, principalmente, com outras questões específicas para situações particulares.

Mais do que uma revisão bibliográfica, o que se busca neste trabalho é entender uma realidade de ocupação territorial de uma área delimitada pelas ruas Ana Peixoto, Barros Peixoto e Aimoré e pela linha férrea auxiliar, que se mostrou majoritariamente negra e, mais do que isso, se deu a partir de lideranças femininas. A particularidade maior está justamente nesta característica, que deve ser ressaltada: a liderança de mulheres negras na ocupação de terras em um bairro periférico de um município periférico da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. E essa particularidade só poderia ser entendida através da voz dessas líderes.

Deste modo, para este estudo pretendíamos entrevistar as mulheres de Jacutinga que participaram das iniciativas de construção da comunidade. Todavia, durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível constatar que, dentre as líderes da ocupação, ocorrida há mais de duas décadas, a maioria já não mais residia na área que ficou conhecida como “mutirão”, pois haviam se mudado para áreas consideradas melhores, menos insalubres e perigosas. Outras, já haviam falecido. Apenas uma das antigas líderes permaneceu morando na comunidade que ajudou a criar: Maria, que havia sido aluna da EJA do CIEP Padre Nino Miraldi.

Assim, devido à ausência das antigas moradoras, bem como às dificuldades de acesso à comunidade, dominada por pessoas armadas, que, segundo relatos, estariam envolvidas com o tráfico de substâncias entorpecentes e outras atividades criminosas, nossa principal, e quase exclusiva, fonte de informações sobre a ocupação da área do mutirão em Jacutinga foi Maria Santos. Seus relatos, contudo, devido à riqueza de detalhes, tornaram possível reconstituir parte significativa do passado da comunidade. Neste sentido, se por um lado, compreendemos que os relatos de Maria não podem ser tomados como representativos das experiências de vida de todas as mulheres de Jacutinga, em particular a outras lideranças que fundaram com ela a comunidade, por outro, a partir de sua história de vida pudemos conhecer outras histórias semelhantes de mulheres desta comunidade. Assim, estamos cientes de que a narrativa de Maria representa uma perspectiva do universo social das mulheres de Jacuntiga, e de nenhum modo pretendemos tomá-la como um relato homogêneo das vozes de todas as mulheres que

residiram (ou residem) naquela área; mas certamente a partir dele, pudemos evidenciar questões sociais importantes vividas pelas mulheres, em especial as negras nesta localidade.

Nesse ponto, a proximidade e a confiança mútua que já haviam se estabelecido na relação entre professor e aluna foram essenciais para que Maria se dispusesse a ser entrevistada e narrasse suas experiências como liderança e integrante da comunidade de Jacutinga. E neste sentido, avalio que o fato de ter trabalhado como professor no CIEP 431 Padre Nino Miraldi e de Maria ter sido uma aluna da disciplina que lecionava, foi de grande importância para que pudesse me inserir e transitar em Jacutinga, pois sou um homem branco, com 36 anos de idade, inserido em uma cultura de classe média. Em alguns momentos, percebi olhares e comentários sobre a minha presença ali. Todavia, não houve qualquer contestação direta a mim.

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que a particularidade da ocupação da área do mutirão era muito maior do que a liderança de mulheres negras. Muito mais do que isso, eram mulheres que buscavam em Jacutinga o local de fuga de opressões diversas, geralmente impostas pelos próprios maridos: agressões físicas e morais, violência sexual, torturas. Eram mulheres que viam em Jacutinga o local de libertação, de possibilidade de construir uma nova realidade, uma nova vida, livres da violência e da humilhação, uma vida feliz.

Este trabalho está fundamentado em pesquisa bibliográfica, em entrevistas semiestruturadas individuais e com pequenos grupos de moradores da comunidade de Jacutinga e na observação participante do pesquisador. A maior parte da interação com os membros da comunidade ocorreu no CIEP Padre Nino Miraldi, ou a partir dele. As pessoas entrevistadas eram funcionárias da escola, responsáveis por alunos, ex-alunas e outros frequentadores, especialmente participantes do projeto *Escola Aberta*, realizado aos sábados, envolvendo a prática de esportes e artes marciais. Realizei entrevistas semiestruturadas individuais com cinco moradores da comunidade, sendo um homem e quatro mulheres. Uma das entrevistadas, Maria, concedeu três entrevistas, bem mais longas que as demais. Em outros cinco momentos, as entrevistas ocorreram com pequenos grupos de moradores. Estas entrevistas em grupos ocorreram informalmente, servindo para me inserir na comunidade e entender sua organização socioespacial.

Consideramos que a utilização desta metodologia se justifica pelo fato de almejarmos que o conhecimento teórico e o conhecimento prático estejam em constante diálogo. Dessa forma, busca-se garantir que as teorias que fundamentam o estudo estejam em consonância com a metodologia do trabalho de campo que nos permitiu acessar as práticas, estruturas e fenômenos sociais presentes no cotidiano, os quais a teoria por si mesma não é capaz de identificar e

compreender (Cf. PEZZATO, 2011). O equilíbrio e a relação dialógica e dialética entre o conhecimento intelectual (primordialmente teórico) e o conhecimento existencial (obtido por meio da vivência e da experiência) foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar a formação de uma identidade territorial negra em Jacutinga sob a perspectiva racial, de gênero, e de classe.

São objetivos específicos:

- Entender como ocorre a interseccionalidade de formas de opressão que afetam as condições de vida e status das mulheres negras de Jacutinga.
- Compreender como ocorrem os diferentes tipos de empoderamento das mulheres negras de Jacutinga.
- Identificar, documentar e analisar o contexto socioespacial e geográfico de Jacutinga considerando os aspectos racial, de gênero, e de classe.

Para definir a existência de uma identidade territorial negra e feminina em uma comunidade pobre da periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro, além dos conceitos de interseccionalidade e empoderamento, abordamos neste estudo outros importantes conceitos.

O primeiro dos conceitos é o de território, tão importante para a Geografia e a Ciência Política. Território é “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995, p. 78). Essas relações de poder podem ser de vários tipos e se situarem em várias escalas: desde o poder estatal sobre o território nacional até o poder familiar sobre o território doméstico, passando pelos territórios dos mais diversos grupos sociais, em suas ações cotidianas. A história contemporânea de Jacutinga é a história de uma população, majoritariamente negra, que busca constituir e manter seu território de moradia e vida.

O território pode ser definido, também, pela identidade que uma pessoa ou um grupo de pessoas têm para com um determinado espaço. Esse sentimento de identidade e pertencimento a um território, essa identidade territorial, é chamada de *topofilia* por Yi-Fu Tuan (Cf. HAESBAERT, 1997, p. 37). Dessa forma, a dimensão subjetiva e simbólica está presente na constituição dos territórios (ou lugares). As múltiplas identidades territoriais podem ser chamadas, portanto, de territorialidades.

Sob esse viés identitário, surge o conceito de “des-reterritorialização”, sentimento de quem se desterritorializa e novamente se territorializa, que pode apresentar, também, diferentes

interpretações, com maior peso para aspectos espaciais, econômicos, políticos, culturais ou psicológicos.

> *"(…) os territórios expressam, em um determinado momento, um complexo e dinâmico conjunto de relações políticas, socioeconômicas e culturais, historicamente desenvolvidas e contextualmente espacializadas, (…) os territórios assim identificados tendem a apresentar conflitos mas também laços de coesão e solidariedade, valorizando os interesses comuns"* (SILVA, 2010, p. 175).

Outros conceitos igualmente importantes são os de raça, etnia, racismo e identidade etnicorracial. A discussão quanto à utilização dos termos raça ou etnia ainda é bastante presente nos meios científicos.

> *"Superado no campo científico a tese da raça biológica, o embate se dá entre os adeptos da sua transmutação em raça social e os que defendem o uso do conceito etnia, seja esta articulada às correntes culturalistas ou ligada à perspectiva histórico-político-social, fundamentada na ideia de território como elemento agregador de significado político. (…) Contemporaneamente, menciona-se a existência de um racismo institucional, referindo-se às operações anônimas de discriminação em organizações, profissões, ou, inclusive, de sociedades inteiras"* (LIMA, 2008, pp. 33-34).

A questão do gênero e da preponderância das mulheres como líderes da ocupação que originou a comunidade Jacutinga é também um dos grandes pontos de interesse desta pesquisa. Através da pesquisa qualitativa, buscamos identificar a história desta comunidade por meio das histórias oral e de vida, através das memórias de seus moradores pioneiros na organização do bairro, com especial destaque para as mulheres negras, representadas na voz de Maria.

Esta dissertação será estruturada em três capítulos diretamente relacionados aos conceitos, questionamentos e conclusões desenvolvidos ao longo da pesquisa. Dessa forma, o primeiro capítulo, denominado "O lugar e sua história", trata das particularidades e das generalidades do bairro de Jacutinga, em especial, e de Mesquita e da Baixada Fluminense, em geral. Nesse capítulo, associamos as características da Jacutinga a das comunidades próximas para, e por meio desta estratégia, entender as condições atuais de vida dos moradores da comunidade. Os principais conceitos desse capítulo são território e periferia.

O segundo capítulo, que recebe o nome de "As pessoas e suas histórias", tem como objetivo principal reconstituir a formação socioespacial de Jacutinga. Para alcançar tal fim, a estratégia utilizada foi o registro e a análise de depoimentos orais. Nesse capítulo, buscaremos entender os fatores que condicionaram a formação da comunidade, de seu povo, de sua cultura. Os principais conceitos desse capítulo são interseccionalidade e empoderamento.

O terceiro capítulo, chamado “Problemas, soluções e utopias”, tratará da realidade social da comunidade, dos principais problemas enfrentados e das soluções encontradas para diminuir esses problemas. Para abordar a comunidade de Jacutinga, majoritariamente formada por famílias negras, que convivem constantemente com discriminação, econômica e racial, mas que demonstram força de caráter e auto-estima acima do comum, o conceito de utopia será abordado.

Por fim, nas considerações finais, retomamos os conceitos apresentados nos capítulos anteriores, a fim de confirmar as hipóteses ou superá-las, especialmente no que trata de possíveis identidades espaciais negras e na formação de territorialidades negras periféricas, a partir de uma abordagem interseccional, considerando as questões de raça, gênero, classe social, local de moradia e sexualidade.

CAPÍTULO I. O LUGAR E SUA HISTÓRIA

Jacutinga é um bairro do terceiro distrito do município de Mesquita, localizado na Baixada Fluminense, parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Mesquita é o mais novo dos 92 municípios do estado do Rio de Janeiro, emancipado de Nova Iguaçu em 1999 e instalado em 2001, com a posse de seu primeiro prefeito, José Montes Paixão (1927-2004), e da primeira legislatura da Câmara Municipal, composta por nove vereadores.

A palavra *jacutinga* tem origem no tupi-guarani, língua dominante entre os índios que habitavam o litoral brasileiro quando aqui chegaram os invasores europeus, a partir do século XVI. Designa uma ave que existia em grande número na Mata Atlântica. Significa “jacu branco”. O nome se deve às penas brancas que apresenta nas asas e no topo da cabeça. A base do bico e o entorno dos olhos têm coloração azul. Pés e pernas são rosados. Possui uma barbela vermelha bem evidente. O restante do corpo é coberto por uma plumagem negra. Seu nome científico é *Pipile jacutinga*. Pertence à família dos Cracídeos e à ordem *Galliforme*. Mede cerca de 75 centímetros. A caça e o desmatamento provocaram uma diminuição considerável da espécie. Atualmente, encontra-se ameaçada de extinção.

É provável que o apelido *Jacutinga* tenha sido dado aos índios que habitavam grande parte da Baixada Fluminense pelos portugueses, devido ao hábito dos aborígenes de se enfeitarem com as penas da ave de mesmo nome. Pertenciam ao grupo étnico Tupinambá. Entre 1554 e 1567, os Jacutingas uniram-se a outras nações tupinambás, formando a Confederação dos Tamoios, com o objetivo de enfrentar os invasores portugueses. Aliaram-se aos franceses. Após a expulsão destes, na segunda metade do século XVI, os portugueses iniciaram uma “limpeza étnica” nas áreas próximas ao litoral fluminense. As doenças transmitidas pelos europeus e o genocídio por eles perpetrado, dizimou os Jacutingas que habitavam a Baixada Fluminense.



Figura I.1. Jacutinga. Fonte: http://dommalharo.com.

Em 1574, o capitão-mor Belchior Azeredo recebeu do então governador do Rio de Janeiro, Cristóvão de Barros, terras da Baixada Fluminense. Em 1575, construiu uma pequena igreja, em homenagem a Santo Antônio, instalando um engenho de açúcar, ao qual deu o nome de Engenho Santo Antônio da Aldeia dos Jacutingas. A organização do território colonial seguia a estrutura do Império Português. Nesse sentido, as freguesias (ou paróquias) constituíam as menores unidades político-administrativas. Devido à instituição do catolicismo como religião oficial do Estado, o clero se investia de poderes políticos. A igreja de Santo Antônio de Jacutinga foi elevada à categoria de freguesia em 1657 (Cf. Bezerra, 2010). O território da Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga abrangia parte dos atuais municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Belford Roxo, São João de Meriti e Mesquita.

Os principais “caminhos” eram os rios, por onde transitavam pessoas e mercadorias. Os rios e portos da região ganharam maior importância a partir do século XVIII, quando se tornaram essenciais para o escoamento da produção aurífera proveniente da região das Minas Gerais, em direção à Baía de Guanabara. É na segunda metade do século XVIII que a Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga se destaca, especialmente na produção de farinha (25.000 alqueires) e açúcar (163 caixas), em 1779, quando contava com 236 escravos (Cf. Torres, 2013, p. 19), distribuídos por sete engenhos. É a mais produtiva das cinco freguesias que ocupavam a Baixada Fluminense naquele período. Contava com quatro portos, no Rio Sarapuí, para escoar sua produção.

Um dos sete engenhos localizados na Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga estava localizado no sopé da Serra da Cachoeira, onde atualmente está o Parque Natural Municipal de Mesquita, no Maciço do Gericinó. Ali foi erguida, em 1731, a Capela de Nossa Senhora da Cachoeira, pelo proprietário do Engenho da Cachoeira, Manuel Corrêa Vasques (Cf. SILVA, 2007, p. 72). Devido à existência do rio da Cachoeira (atual Canal Dona Eugênia), muitos viajantes paravam às suas margens. Para abastecê-los, surgiu o Arraial da Cachoeira. Durante o século XVIII e boa parte do século XIX, as terras da Baixada Fluminense foram ocupadas por engenhos, além de seus rios serem utilizados como vias de circulação de mercadorias de e para a cidade do Rio de Janeiro.

A grande mudança na região ocorreu com a construção da Estrada de Ferro Dom Pedro II, atualmente Central do Brasil. Em 29 de março 1858 foi inaugurado o trecho que ligava a Estação Aclamação (atual Central do Brasil) até a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicu (atual município de Queimados). Eram apenas cinco estações: Aclamação, Engenho Novo, Cascadura, Maxambomba (atual Nova Iguaçu) e Marapicu. Em 8 de novembro

do mesmo ano, foi inaugurada a estação de Belém (atual Japeri). Em 1884, foi inaugurada a estação de Mutambó[1], depois denominada estação Barão de Mesquita, em homenagem ao então proprietário das terras onde se localizava a estação: Jerônimo José de Mesquita, o Barão de Mesquita. Seu filho, Jerônimo Roberto de Mesquita, o segundo Barão de Mesquita, era o proprietário das terras que deram origem ao município vizinho de Nilópolis.



Figura I.2. Fazenda Mutambó. Fonte: http://cedomadriano.wordpress.com.

Com o processo de abolição da escravidão, a atividade canavieira na Baixada Fluminense entra em decadência. O Engenho da Cachoeira, que viria a ser a sede do município de Mesquita, foi vendido no fim do século XIX. Suas terras foram divididas em chácaras, nas quais começaram a ser cultivadas frutas cítricas, principalmente laranjas. No início do século XX, foram instaladas as primeiras olarias do território mesquitense, à época parte do município de Iguassú. As olarias aproveitavam a qualidade do barro e a existência de áreas alagadiças na região. Essas áreas alagadiças, típicas de baixadas e de vales de rios, viriam a se tornar um dos grandes problemas da região na atualidade: as constantes enchentes quando ocorrem chuvas fortes.

Até a década de 1940, as terras de Mesquita eram ocupadas por chácaras com laranjais, olarias e poucas residências. Predominavam as chácaras nas terras localizadas do lado

[1] Silva (2007) afirma que a parada de trem existia desde 1880, na Fazenda Mutambó, que recebeu a visita do Imperador Dom Pedro II em 1882 (p. 93). A autora explica que a palavra *Mutambó* tem origem no idioma quimbundo, língua de Angola e designava árvores características das encostas locais, o mutamba preto (*Luthea divarecata*). A palavra lembra os quilombos existentes no século XIX na Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga (p. 95).

esquerdo da linha férrea, e as olarias nas terras localizadas no lado direito[2]. A população era de 9.109 habitantes. Com a decadência dos laranjais, devido à queda das exportações durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e o aumento da migração de pessoas provenientes do interior do estado do Rio de Janeiro e de outros estados (especialmente Minas Gerais e estados da região Nordeste) para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, aumentam os loteamentos em toda a Baixada Fluminense, acompanhados pelo crescimento da população e do número de residências.

> *"Enquanto do lado esquerdo da ferrovia, no sentido Nova Iguaçu, o parcelamento do solo caminhava em ritmo acelerado, do outro se via o 'Ciclo do Barro', com a alta produção das olarias, retardando o processo de loteamento nessa área. Desde o início do século XIX que essa atividade prosperava em terras mesquitenses, alicerçada na fartura e na qualidade do barro existente por aqui"* (SILVEIRA, 2011, p. 19).

Na década de 1940, o acesso à Baixada Fluminense — que, até então se restringia aos trens da Central do Brasil e a ruas esburacadas e mal iluminadas em suas cercanias — foi facilitado com a construção da Avenida Brasil (parte da BR-101 no município do Rio de Janeiro), inaugurada em 1946, e, posteriormente, da Rodovia Presidente Dutra (BR-116, a nova Rio–São Paulo), inaugurada em 1951. Muitos migrantes provenientes de áreas mais pobres do estado e do país passaram a ocupar a região, atraídos pelo acesso mais fácil ao mercado de trabalho do Rio de Janeiro e pelo preço mais baixo das terras do que aquele cobrado no então Distrito Federal[3].

Outros fatores contribuíram para o acelerado crescimento populacional da Baixada Fluminense: obras de saneamento realizadas pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS), por meio do Serviço de Saneamento da Baixada Fluminense, na década de 1930, e a eletrificação da Estrada de Ferro Central do Brasil, a partir de 1935, que tornou as viagens mais rápidas; a implantação da tarifa ferroviária única no Grande Rio, isto é, nos trens que circulavam na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Cf. ABREU, 1988, p. 109).

Em 1950, Mesquita já contava com 28.835 habitantes, ou seja, sua população triplicou em uma década. É válido ressaltar que a maioria desta população concentrava-se no lado esquerdo da ferrovia, considerada até os dias atuais como o "lado rico" de Mesquita, onde está atualmente o Primeiro Distrito do município, formado pelos seguintes bairros: Centro, Edson Passos, Santa Terezinha, Alto Uruguai, Chatuba e Coreia. No lado direito da ferrovia, onde estão

[2] Lateralidade considerando o início da linha férrea no município do Rio de Janeiro.
[3] Entre 1763 e a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, a cidade do Rio de Janeiro foi a sede da Colônia (até 1808); sede do Império de Portugal, Brasil e Algarves (1808 a 1821); sede do Império Brasileiro (1822 a 1889) e capital da República dos Estados Unidos do Brasil (Distrito Federal), a partir de 15 de novembro de 1889.

atualmente o Segundo e o Terceiro Distritos, continuavam predominando as olarias, com destaque para a Companhia de Materiais de Construção Ludolf & Ludolf, fundada em 28 de janeiro de 1908, mas que já funcionava desde 1905, sob a direção de membros da família Ludolf (Alfredo, Ameace, Américo e Alexandre). A Ludolf & Ludolf destacou-se na produção de telhas francesas (ou do tipo Marselhe). A olaria ocupava uma área de 383.298 m² (Cf. SILVEIRA, 2011, p. 19). Outra empresa, a Olaria Gigante ocupava as terras que hoje constituem o bairro de Rocha Sobrinho. A sua chaminé permanece preservada.

Apenas na década de 1950, devido ao esgotamento da tabatinga de qualidade presente nas várzeas dos rios, as olarias fecham. As terras da Ludolf & Ludolf foram compradas pela Imobiliária Santo Elias, que começou a vender os primeiros lotes em 1954. Os compradores desses lotes aproveitaram os preços baixos e a possibilidade de pagamento em longas e baratas prestações. Muitos nem visitavam as terras antes de adquiri-las. Por isso, muitos loteamentos irregulares (sem autorização da Prefeitura de Nova Iguaçu) ou em áreas insalubres foram feitos, inclusive com a existência de grilagem de terras[4] A partir de então, aumenta a densidade demográfica também do lado direito da linha férrea (Cf. TAVARES, 2007, pp. 60-1).

Com o adensamento populacional, Mesquita foi elevada do *status* de "povoado" para 5º Distrito de Nova Iguaçu, através da Lei Estadual nº 1472, de 28 de abril de 1952. O rápido crescimento populacional transformou a paisagem mesquitense: de área tipicamente rural passava a ser uma zona urbana cada vez mais povoada. Contribuíram para esse adensamento populacional a instalação de fábricas no distrito, acompanhando o surto industrial brasileiro, iniciado na Era Vargas[5], com destaque para as metalúrgicas Brasferro (Laminação Brasileira de Ferro S.A.), IBT (Indústria Brasileira de Tubos) e Sonarec (Sociedade Nacional Reconstrutora Ltda.), sendo esta última especializada na construção de peças para trens e na manutenção de vagões. Além delas, a Pumar, ainda em funcionamento, produz guarda-chuvas, guarda-sóis, cadeiras de praia e tendas, desde 1944. Juntas, estas empresas chegaram a empregar mais de

[4] *Grilagem* de terras é o processo de falsificação de documentos de propriedade de imóveis. O termo teve origem na prática de *grileiros*. Os grileiros eram pessoas que falsificavam escrituras ou contratos utilizando grilos. Eles deixavam um documento falso dentro de uma gaveta junto com alguns grilos. Após alguns dias, o papel parecia ser bem velho. Isto se deve à ação dos dejetos dos grilos no papel. Tal prática se tornou comum a partir da promulgação da Lei nº 601, em 18 de setembro de 1850. Esta lei, conhecida como Lei de Terras, dispunha sobre as terras devolutas do Império. Seu artigo 1º estipulava: "*Ficam prohibidas as acquisições de terras devolutas por outro titulo que não seja o de compra*". Se os grileiros comprovassem que haviam adquirido as propriedades antes da promulgação da Lei, tornavam-se legítimos proprietários. A grilagem persiste nos dias atuais, substituindo-se os grilos pelo computador e as fraudes nos cartórios (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm).

[5] *Era Vargas* é o nome como ficou conhecido o período de governo do presidente Getúlio Dornelles Vargas (1930 a 1945 e 1951 a 1954) e, também, do governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra (1946-1951). A principal característica da gestão econômica desse período era o desenvolvimentismo, baseado na industrialização brasileira, com ênfase nas indústrias de base.

1.500 trabalhadores, sendo que só a Pumar chegou a ter 900 empregados, a maioria mulheres, na década de 1980.

A partir da década de 1990, com a abertura do mercado nacional para a concorrência desleal de produtos provenientes principalmente do Sudeste Asiático e da China, onde o custo de produção é menor, devido à baixa tributação e à aos salários muito baixos, a maioria das tradicionais fábricas mesquitenses fechou, restando apenas a Pumar, entretanto, com uma produção muito menor, empregando muito menos funcionários que nos áureos tempos.

Na década de 1950 começou o movimento político pela emancipação de Mesquita. Em sete de maio de 1957 foi realizada a primeira reunião pública pró-emancipação, presidida por Jackson Trindade, então diretor do jornal *O Mesquitense* (fundado em 31 de julho de 1955). Compareceram a esta reunião, realizada da Sociedade Esportiva Sete de Setembro, localizada no centro de Mesquita, mais de cem pessoas. Outros encontros foram realizados até que, em 1962, foi encaminhado à Assembleia Legislativa um processo de emancipação de Mesquita. Todavia, esse processo teria desaparecido misteriosamente.

> *"... as primeiras ações em favor da emancipação nesse período ocasionaram um processo encaminhado à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e ao Governo do Estado para ser sancionado. Nesses trâmites, teria desaparecido; em relação ao 'desaparecimento' as versões são diferenciadas, até hoje não se sabe exatamente como isso ocorreu"* (SILVA, 2007, pp. 118-9).

O certo é que o processo desapareceu em Niterói, então capital do estado do Rio de Janeiro. Logo se seguiu a ditadura militar, que impediu o surgimento de quaisquer municípios, inclusive proibindo a simples realização de reuniões públicas. Diante disso, somente após o fim do regime de exceção foram retomados os processos de emancipação. Entre 1986 e 1997 foram criados 27 municípios no estado do Rio de Janeiro.

No caso de Mesquita, foram promovidos pelo Tribunal Regional Eleitoral três plebiscitos, realizados em 6 de setembro de 1987, 28 de novembro de 1993 e 26 de novembro de 1995. Em nenhum deles foi alcançado o quórum mínimo de 50% dos eleitores cadastrados para votar. O então deputado estadual José Montes Paixão, que antes era contrário à emancipação, iniciou, após o terceiro plebiscito, um processo judicial para provar que havia cerca de quatorze mil mortos ainda cadastrados como eleitores. Excluindo-se os falecidos, teria havido o quórum. Finalmente, o Supremo Tribunal Federal decidiu, em 1999, que, de fato, o quórum havia sido alcançado, excluindo da lista de votantes os falecidos.

Em quinze de setembro de 1999 a Assembleia Legislativa aprovou o projeto de lei da emancipação e, dez dias depois, o governador sancionou a lei que criou o município de Mesquita. José Montes Paixão foi eleito seu primeiro prefeito no ano seguinte. Em primeiro de janeiro de 2001 Mesquita tornou-se o 92º município do estado do Rio de Janeiro.

O município de Mesquita é formado por dezessete bairros, divididos em três distritos, a saber:

- 1º Distrito: Centro, Coreia, Chatuba, Santa Terezinha, Alto Uruguai e Edson Passos;
- 2º Distrito: Vila Emil, Cosmorama, Juscelino e Cruzeiro do Sul;
- 3º Distrito: Banco de Areia, BNH, Rocha Sobrinho, Vila Norma, Bairro Industrial, Jacutinga e Santo Elias.[6]



Figura I.3. Ramal Ferroviário Auxiliar, em Jacutinga. Foto do autor (junho de 2014).

Deste modo, o bairro de Jacutinga limita-se com Santo Elias, Banco de Areia e Bairro Industrial. Fica entre a Rodovia Presidente Dutra e a Via Light (RJ-081), no que anteriormente definimos como o lado direito da linha férrea. Todavia, outra ferrovia passa por suas terras: o Ramal Ferroviário Auxiliar da Rede Ferroviária Federal (RFFSA). Este ramal foi inaugurado em

[6] Conforme o artigo 1º, parágrafo único, da Lei Complementar nº 009, de 25 de agosto de 2009.

1898 e ligava a estação da Mangueira (no Rio de Janeiro) à estação Entre Rios, no município de Três Rios, no limite com Minas Gerais. Há décadas, é utilizada apenas para o transporte de cargas. A estação mais próxima é a de Rocha Sobrinho, outro bairro do 3º Distrito de Mesquita. Há casas construídas muito próximas a esta ferrovia, e o trânsito de pessoas é constante no que os moradores chamam de “Linha”, visto que o tráfego de trens de carga é muito reduzido.

Os bairros mais conhecidos de Mesquita são os localizados no lado esquerdo da Estrada de Ferro Central do Brasil. O mais noticiado na imprensa recentemente é o bairro da Chatuba, devido ao homicídio de seis jovens ocorrido em setembro de 2012. O crime teria sido cometido por traficantes de entorpecentes. Tanto a Chatuba quanto o bairro da Coreia são associados ao domínio territorial por grupos criminosos que controlam a venda de drogas ilícitas. Esta tem sido, na imprensa, a imagem forjada de toda a Baixada Fluminense.

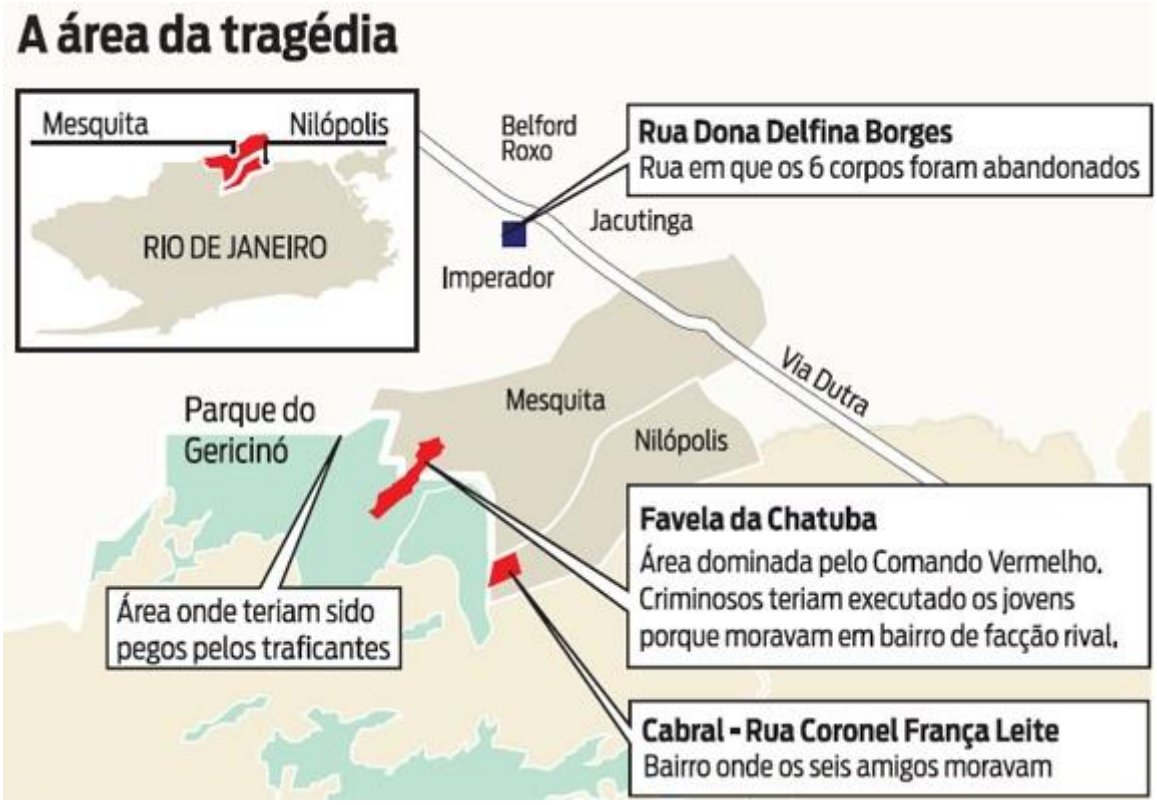


Figura I.4. Fonte: http://odia.ig.com.br/portal/rio/mortes-de-jovens-em-mesquita-podem-ter-sido-cometidas-por-20-traficantes-1.487776, 11/09/2012.

Em primeiro lugar, é preciso caracterizar a Baixada Fluminense como um território. A palavra *território* tem sido utilizada em vários sentidos pelas ciências sociais. Aqui consideraremos o território a partir de um duplo significado. O primeiro, como espaço delimitado por relações de poder.

> *"… o território não é o substrato, o espaço social em si, mas sim um campo de forças, as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial"* (SOUZA, 1995, p. 97).

Estas relações de poder que definem um território e seus limites são construídas historicamente. Haesbaert (2002) classifica esta definição de território como relacional, por privilegiar as relações sociais e políticas (de poder) presentes em um espaço (substrato concreto). Assim, o espaço é definido pelo físico, construído pela relação entre o natural e o social ou cultural. O território é constituído por relações, sociais e políticas, que ocorrem em um espaço delimitado justamente por essas relações sociais e políticas. "Enquanto relação social, uma das características mais importantes a ser trabalhada sobre o conceito de território é a sua historicidade" (HAESBAERT, 2002, p. 27). Daí vem a importância de se realizar um breve resgate histórico da Baixada Fluminense, de Mesquita e de Jacutinga.

O segundo significado de território é o que o define a partir de suas representações.

> *"De forma geral, a representação pode ser entendida como uma forma de conhecimento do mundo e das coisas que ele compõe. Essas formas de conhecimento são expressas através de diferentes modos. Seja pela linguagem, seja pelas imagens mentais, ou mesmo pelas formas materiais que qualificam a relação entre o sujeito e objeto. Ao mesmo tempo em que elas carregam significado são significantes e permitem o olhar sobre o que agentes e atores sociais dizem ou querem dizer"* (ROCHA, 2013, p. 2).

A partir da definição da categoria *representação*, o mesmo autor desenvolve a ideia de que a Baixada Fluminense constitui um território a partir de sua representação hegemônica, especialmente a disseminada pelos meios de comunicação na segunda metade do século XX. A representação hegemônica "relaciona a Baixada à condição de periferia, miséria e violência social" (ROCHA, 2013, p. 5). A Baixada seria a "periferia da periferia", uma vez que o subúrbio carioca constituiria a periferia do Rio de Janeiro. A periferia, por fazer parte do município do Rio de Janeiro, já estaria devidamente urbanizada e estruturada. Já a Baixada Fluminense ainda apresentaria uma "desestruturação urbana". Corrêa caracteriza a Baixada Fluminense:

> *"A periferia da metrópole é o lugar da existência e reprodução de parcela ponderável das camadas populares. No caso da metrópole carioca, esta periferia é conhecida, sobretudo, como a Baixada Fluminense. (…) residir nela impõe horas e horas perdidas no trânsito em transportes públicos sempre cheios e mal conservados (…). A periferia é o resultado da justaposição de numerosos loteamentos, que acabam formando um mosaico irregular, cujo conteúdo em termos de equipamentos de consumo coletivo é extremamente precário (…), transparece ruas sem calçamento, na precária iluminação e na inexistência de redes de escoamento de águas pluviais e de esgoto. A precariedade ou falta de postos de saúde, hospitais, escolas, policiamento e praças arborizadas é regra geral"* (CORRÊA, 2011, pp. 160-1).

Os meios de comunicação, em sua construção da representação hegemônica da Baixada Fluminense, reforçam constantemente a associação entre pobreza e violência.

> *"… até 1950 a Baixada tem relativamente pouca visibilidade dentro da grande imprensa. Uma mudança neste sentido começa a ser sentida em meados de 50 e na década de 60, principalmente pelo papel exercido pelo político e pistoleiro Tenório Cavalcanti*[7] *e pelas lutas pela posse da terra, no processo de loteamentos. Neste período, está sendo construída a imagem da região como 'faroeste fluminense', uma 'terra sem lei'. A partir de 1970, já podemos perceber que a* Baixada*, principalmente nos jornais de cunho mais sensacionalista, como o* Última Hora *e* O Dia*, passa a ocupar diariamente a primeira página, associada principalmente aos motes da 'violência' e da 'falta de políticas públicas'. Isso se amplia ainda mais na década de 80 (…). Neste período inicial da década de 80, todos os grandes jornais (não só os sensacionalistas, como* Última Hora *e* O Dia*, mas também o* JB[8]*) dedicam generosos espaços em suas edições para retratar a* Baixada*, quase sempre a associando a um espaço marcado pela 'violência' e pela 'ausência de lei'."* (ENNE & DINIZ, 2005, pp. 1-2).

Se a Baixada Fluminense é considerada como "periferia da periferia", por ser a periferia do subúrbio carioca, Mesquita, por não ocupar posição de destaque entre os municípios da Baixada Fluminense, poderia ser classificada como periferia da Baixada. Mais ainda, o 3º Distrito de Mesquita, localizado no lado menos nobre do município (o lado direito da ferrovia), é a periferia de Mesquita. Nesse sentido, Jacutinga seria a periferia do 3º Distrito, notadamente o bairro menos assistido pelas diversas instâncias do Poder Público. Tratamos, portanto, de uma área extremamente periférica e estigmatizada: os estigmas da miséria, da violência e do abandono perseguem o bairro.

Em abril de 2012, o jornal Extra, um dos mais populares do Rio de Janeiro, pertencente ao grupo que edita o jornal O Globo, publicou, com grande destaque, uma série de reportagens intitulada *Política da Boa Vizinhança*, que apresentou as desigualdades sociais em cada um dos municípios da Baixada Fluminense. Para isso, comparou as condições de saneamento básico (rede de água e esgoto, coleta de lixo), pavimentação das vias públicas em dois bairros de cada município: aquele onde se localiza a residência do prefeito e o que é considerado o mais pobre.

No dia sete de abril, um sábado, as páginas 3 e 4 foram dedicadas a três municípios: Mesquita, Seropédica e Guapimirim, com maior destaque para o primeiro, incluindo três fotografias (uma do prefeito, uma de sua casa e outra maior, apresentando uma visão ampla da Vila Emil, bairro onde o prefeito reside). O título da página 3 demonstra a importância maior destinada a Mesquita pelo jornal: *A 'vantagem' mora ao lado*, seguido pelo subtítulo: *Vizinha que*

---

[7] Natalício Tenório Cavalcante de Albuquerque foi advogado e político. Nascido em Alagoas, em 1906, chegou a Duque de Caxias (então distrito de Nova Iguaçu) no final da década de 1920. Foi vereador, deputado estadual e deputado federal, cassado em 1964, pela Ditadura Militar. Ficou conhecido como "Rei da Baixada". Faleceu em 1987.

[8] Jornal do Brasil.

teve a rua asfaltada em Mesquita reconhece que é privilegiada por residir perto do prefeito. O texto da reportagem é direto: “Com 7.737 habitantes, a Vila Emil é ‘privilegiada’: todas as ruas são pavimentadas e possuem saneamento básico” (CUSTÓDIO, 2012, p. 3)

Na página 4, sob o título *O descaso vive ao* lado, o jornal apresenta o bairro de Jacutinga, considerado o mais pobre do município de Mesquita. Entrevista um morador, o autônomo Hilton Mendes de Almeida, que “reclama que a praça do bairro Jacutinga, localizada a três quilômetros da casa do prefeito Artur Messias, desapareceu em meio à terra e ao lixo” (CUSTÓDIO, 2012, p. 4). Não há uma fotografia sequer do bairro, que ainda tem muitas ruas sem asfalto, e onde apenas 65% dos moradores têm acesso à rede de esgoto.

Estudando um projeto comunitário de reciclagem de lixo, desenvolvido pela Igreja Católica no início deste século, SANTOS assim definiu os bairros de Santo Elias e Jacutinga:

> *“… as comunidades de Santo Elias e Jacutinga são marcadas por uma realidade social de abandono e exclusão. Sua constituição se dá basicamente por mulheres, em sua maioria negra, de nenhuma ou baixa escolaridade, fora do mercado formal e até mesmo informal de trabalho, grande parte sem moradia e apresentando diversas outras vertentes de agravamento da exclusão: problemas de saúde diversos, incluindo AIDS, alcoolismo, entre outros”* (SANTOS, s/d., p. 4).

Esse projeto comunitário de reciclagem de lixo foi planejado e estimulado pelo padre italiano Nino Miraldi, que é homenageado com nome de rua no bairro de Santo Elias (onde residia) e com nome de escola (um CIEP[9]) no bairro de Jacutinga. Nino Miraldi chegou ao Brasil na década de 1960, tendo sido pároco na Vila Kennedy, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Desenvolveu considerável trabalho social, dentro da lógica da Teologia da Libertação, movimento dentro da Igreja Católica composto por padres atuantes na defesa dos direitos individuais e sociais.

Em 1980 foi transferido para a Baixada Fluminense, para a Paróquia de São José Operário – Califórnia, que compreendia os bairros de Califórnia, Fraternidade, Vila Nova, Juscelino, Santo Elias e Jacutinga, em Nova Iguaçu. Após a sua morte, em 1990, a Paróquia foi dividida em duas: a de São José Operário (que engloba Califórnia, Fraternidade e Vila Nova, bairros de Nova Iguaçu) e Santo Elias (que engloba Juscelino, Santo Elias e Jacutinga, bairros de Mesquita).

[9] Os CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública) ficaram conhecidos popularmente como “Brizolões”, por terem sido construídos durante os dois governos do engenheiro gaúcho Leonel de Moura Brizola (1922-2004) como governador do estado do Rio de Janeiro (1983 a 1987 e 1991 a 1994). Os prédios são de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012) e o projeto de educação integral que deveria ser desenvolvido nos CIEPs é de autoria do antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997).

Padre Nino foi o responsável pela fundação da Capela de São Francisco, em Jacutinga. Estimulava o estudo e a formação profissional de jovens e adultos. Buscava conscientizar a população de seus direitos e deveres sociais, bem como da importância da participação popular na política.

> *"Dava sinais claros de solidariedade, humildade e autodoação, quando fazia questão de residir no bairro de Santo Elias, na rua que hoje leva o seu nome, ficando, assim, bem próximo aos mais carentes. Era comum Padre Nino ser chamado no meio da madrugada para levar moradores ao hospital, e ele os levava, em uma época em que* ***o bairro da Jacutinga apresentava os piores índices de violência da Baixada Fluminense****. Apoiava fortemente a campanha de doação de alimentos para os mais pobres, chamada Campanha do Quilo"* (SOUZA, 2010, p. 1, grifo nosso).

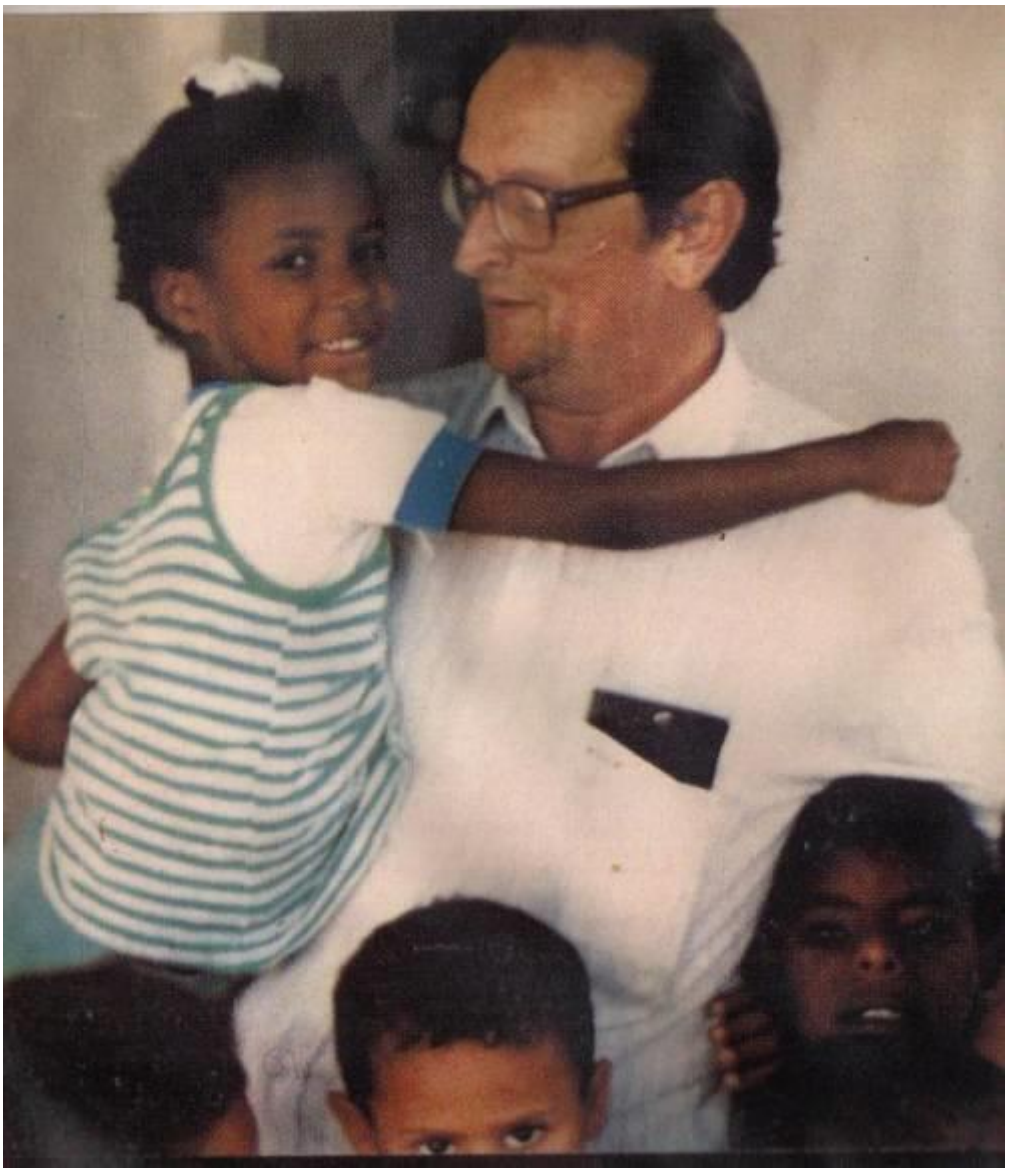


Figura I.5. Padre Nino Miraldi com crianças. Fonte: www.ninomiraldi.blogspot.com.

A representação de Jacutinga como “o bairro que apresentava os piores índices de violência da Baixada Fluminense” é reforçada pelo senso comum de que Jacutinga é o mais pobre e violento de Mesquita, se não de toda a Baixada Fluminense. Ferreira (2011), ao se referir à fotografia abaixo, do bairro Banco de Areia, escreve: “Parece o bairro de Jacutinga e o da Coreia, mas não é: localidade Maria Cristina, no bairro Banco de Areia, estado lastimável. Cadê o poder público, cadê nosso dinheiro? O povo de Mesquita merece respeito!”.



Figura I.6. Fotografia de rua no bairro Banco de Areia, Mesquita, 08/03/2010.
Fonte: http://vanderson2010.blogspot.com.br/2011/03/localidade-maria-cristina-em-banco-de.html#uds-search-results

O discurso do autor chega a ser contraditório: considera absurda a situação de uma área do bairro Banco de Areia, mas aceita que Jacutinga e Coreia não tenham saneamento básico ou calçamento das ruas; clama pela ação do poder público em Banco de Areia, mas admite sua ausência em Jacutinga. Termina sua intervenção com uma exigência de respeito ao povo de Mesquita, restringindo, contudo, esse respeito aos moradores dos bairros menos pobres.

Tavares (2007), em entrevistas com moradores do bairro da Chatuba, em Mesquita, questiona-os se Chatuba é o bairro mais pobre de Mesquita. Ao que um deles (não identificado pela autora), responde: “Chega a ser igual à Jacutinga. Jacutinga é um lugar bem carente mesmo. Acho que é o mais carente de Mesquita”. A pesquisadora, surpresa, pergunta: “Mais do que Chatuba?” O entrevistado, convicto, reitera: “Mais do que Chatuba” (TAVARES, 2007, p. 66).

Mesmo os moradores de um dos bairros mais pobres e desassistidos pelo poder público, que é a Chatuba, conhecida pela violência, reconhecem em Jacutinga uma situação de mais abandono e, em uma palavra recorrente, *carência.* Apesar de não serem vizinhos, os bairros da Chatuba e de Jacutinga aproximam-se pela ausência de políticas públicas, que culminam com

situações como as retratadas anteriormente, de homicídios ocorridos na Chatuba, com corpos abandonados em Jacutinga.

Na memória das pessoas que entrevistamos entre os anos de 2009 e 2014, a violência permanece como marca de Jacutinga. O terreno ocupado pelo CIEP Padre Nino Miraldi era conhecido como “área de desova” de corpos na localidade. Até mesmo após o início da construção do CIEP, corpos continuaram sendo abandonados no local.[10] Com a inauguração do CIEP, na década de 1990, o abandono de corpos de vítimas de homicídios passou a ocorrer na área localizada às margens da Rodovia Presidente Dutra.



Figura I.7. Corpos de seis jovens assassinados na Chatuba, encontrados em Jacutinga, às margens da Rodovia Presidente Dutra, em 12/09/2012.
Fonte: http://www.meiahora.ig.com.br/noticias/mortos-por-cruzarem-a-fronteira-do-trafico_6240.html.

Jacutinga é um território. É um espaço delimitado por relações de poder. O poder público, representado por sua instituição mais próxima, a Prefeitura Municipal de Mesquita, define

[10] A construção do CIEP foi iniciada durante o primeiro governo de Leonel Brizola (1983-1987). Como não foi concluído, o prédio ficou no “esqueleto” até o segundo governo de Leonel Brizola (1991-1994), devido ao descaso com a educação pública do político que ocupou o governo entre 1987 e 1991.

Jacutinga como um bairro do terceiro distrito do município. As ações do poder público, todavia, são escassas no local. O trecho abaixo, de um artigo de jornal, resume sua situação.

> *"As famílias de Jacutinga e de Santo Elias convivem diariamente com esgoto a céu aberto, ruas esburacadas e sem calçamento, lixo por toda parte e risco de toda sorte de doenças, e o que mais me dói, o que mais entristece, é que NENHUMA autoridade deste município de Mesquita se mexe para resolver ou tentar resolver os problemas dos moradores. Isto é inaceitável para mim!"* (BIZARELLI, 2012, p. 7, grifo da autora).

Jacutinga é um território. É um espaço delimitado por representações, construídas pelos "de dentro" (seus moradores) e, também, pelos "de fora". Neste último grupo exerce importante papel a mídia, que tem contribuído para destacar as mazelas e dificuldades do local, assim como seu abandono pelo poder público, como destaca a reportagem do *Jornal Hora H*, de Nova Iguaçu, com o título "*População de Jacutinga sofre há semanas com a falta de coleta de lixo em Mesquita*".

> *"Moradores de Mesquita sofrem com a falta de coleta de lixo na Rua João Souza, no bairro Jacutinga. A localidade não recebe coleta de lixo há vários dias. Com isso, os moradores são obrigados a jogar as sacolas em uma esquina, esperando que o caminhão passe para recolher. Prefeitura de Mesquita, os moradores cobram a realização do serviço, pois é um direito do cidadão, que é obrigado a pagar o IPTU"* (Jornal Hora H, 31 dez. 2013).



Figura I.8. Lixo acumulado na Rua João Souza, em Jacutinga, em dezembro de 2013.

Fonte: http://www.noticiasdemesquita.com/2013/12/populacao-de-jacutinga-sofre-semanas-com-a-falta-de-coleta-de-lixo-em-Mesquita.html#ixzz2qlR7ORgV

Jacutinga apresenta grandes semelhanças com a comunidade de Gamboa de Baixo, em Salvador, cujas dificuldades são descritas pelas professoras Keisha-Khan Y. Perry e Ana Cristina da Silva Caminha como “estruturais, tais como falta de acesso às outras áreas da cidade, falta de saneamento básico, água encanada, luz elétrica e, principalmente, o abandono e isolamento do local” (PERRY; CAMINHA, 2008, p. 131). Em seguida, a autora usa a expressão “*apartheid* urbano” para se referir à situação de segregação espacial, resultante do abandono do bairro pelo poder público.



Figura I.9. Mapa estilizado do município de Mesquita. Fonte: http://vanderson2010.blogspot.com.br.

Jacutinga vive a mesma situação de abandono pelo poder público, o mesmo isolamento físico do bairro. O acesso de Jacutinga à Via Dutra é restrito ao sentido São Paulo. Isto significa que, para acessar a rodovia no sentido Rio de Janeiro, de automóvel, é necessário o deslocamento até o município de Nova Iguaçu ou até o bairro BNH. De qualquer forma, a distância é considerável, percorrida em ruas mal conservadas, estreitas, escuras e com muitos buracos. O transporte público restringe-se a uma linha de ônibus, que liga o bairro a Nova Iguaçu. O intervalo entre um ônibus e outro é muito grande. Há, também, uma linha de transporte alternativo, realizada por kombis, que liga o bairro a Edson Passos, no primeiro distrito de Mesquita, mas que encerra suas atividades por volta de 21 horas. Isso resulta em longas caminhadas dos moradores para chegar ou sair de suas casas após esse horário.

Outra semelhança entre Jacutinga e Gamboa de Baixo é “o protagonismo de mulheres da comunidade, que, em sua maioria, constitui-se de mulheres negras com um histórico de pobreza acentuada e vítimas de uma estrutura maior de opressão racial e sexual, fortemente presente na sociedade brasileira” (PERRY; CAMINHA, 2008, p. 131). Segundo o IBGE, o município de Mesquita conta, em sua população total de pouco mais de 168 mil habitantes, com mais de 63% da população de negros (pretos e pardos). A maioria da população é feminina (52,6%). Apesar de não existir publicação oficial de dados demográficos por bairros, não é difícil deduzir que em bairros pobres como Jacutinga a proporção de negros é maior do que a média do município.

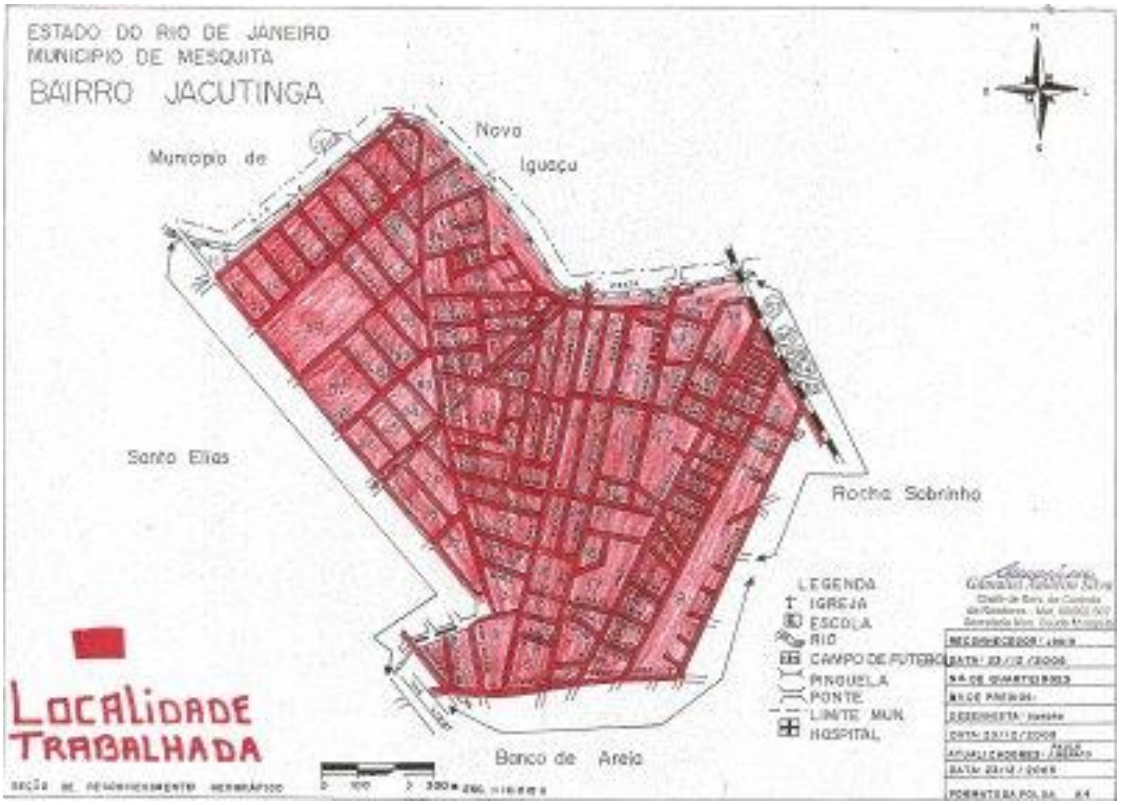


Figura I.10. Mapa de Jacutinga, com arruamento, e seus limites.

Fonte: http://gamorimsilva.blogspot.com.br/2009/07/fechamento-da-localidade-de-jacutinga.html.



Figura I.11. Jacutinga. Fonte: https://maps.google.com.

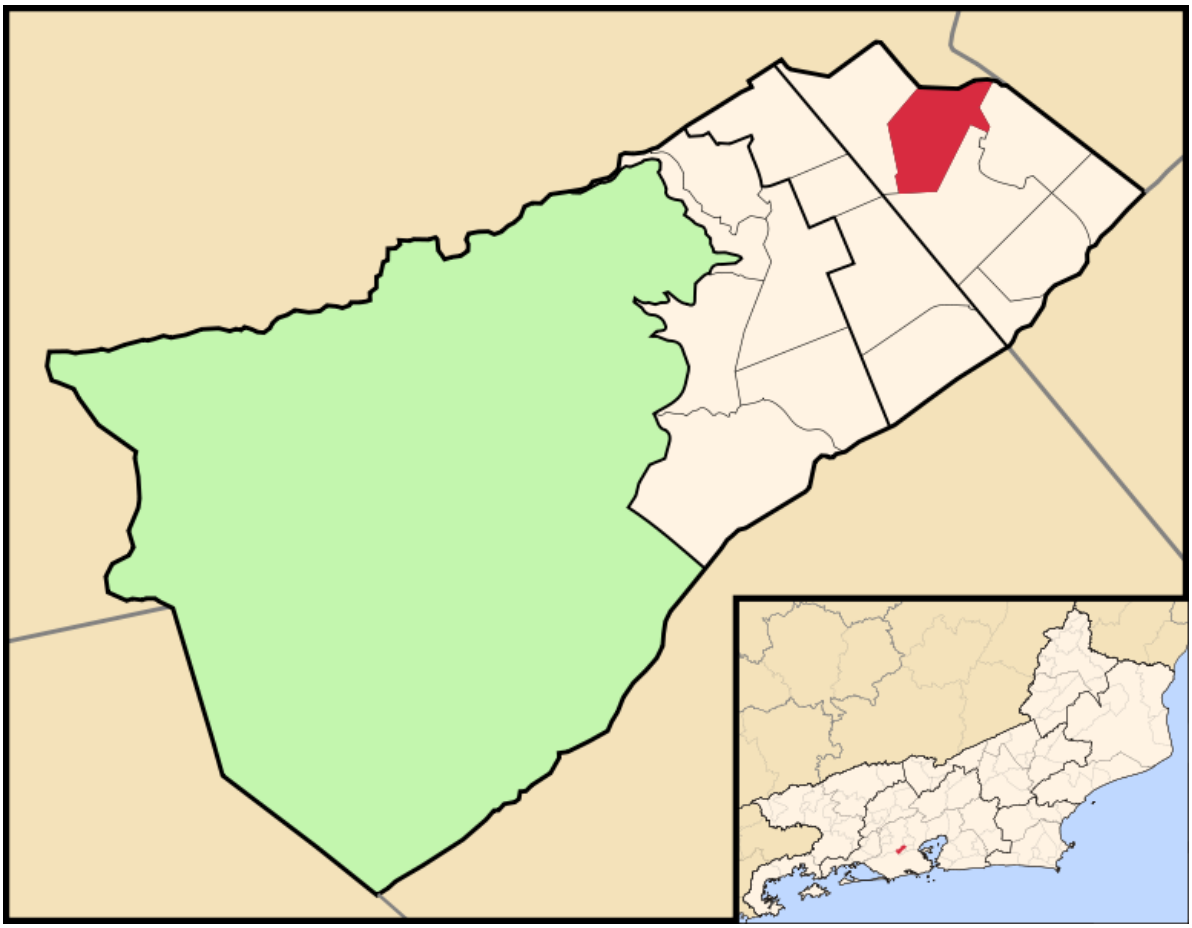


Figura I.12. No mapa maior, Município de Mesquita. A área verde é de preservação ambiental. Jacutinga está em vermelho. No mapa menor, localização de Mesquita no estado do Rio de Janeiro. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_de_Mesquita-RJ_(Jacuntiga).svg.

Jacutinga é, portanto, um bairro periférico de Mesquita. Próximo ao centro do mais novo município do estado do Rio de Janeiro, a ponto de ser possível alcançá-lo com uma caminhada que dura menos de uma hora. Todavia, distante do alcance dos melhores serviços públicos e inacessível através do transporte público, se em hora avançada, ou, em dias de chuvas torrenciais, quando a maior parte de suas ruas fica alagada.

Jacutinga é um território periférico, localizado na Baixada Fluminense, periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, importante centro urbano do Brasil, país periférico na atual ordem geopolítica mundial. O descaso do poder público com as periferias mostra-se muito visível na gritante realidade de Jacutinga.

CAPÍTULO II. AS PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS

Jacutinga é considerado, pelo senso comum, como o bairro mais pobre do município de Mesquita. Neste capítulo, apresentamos algumas condições que propiciaram a formação dessa generalização, bem como possibilidades de mudanças pessoais e coletivas em relação a essa realidade.

Os primeiros loteamentos das terras de fazenda em Jacutinga foram promovidos por Delfina Borges, antiga proprietária de terras no local, em 1905. A principal avenida de Jacutinga recebe seu nome. Todavia, eram lotes rurais, que não permitiam grande adensamento populacional. O desmembramento desses lotes ocorreu ao longo do século XX. Ainda assim, apenas os lotes da Avenida Dona Delfina Borges receberam edificações após a metade do século. As áreas mais distantes, devido à dificuldade de acesso em ruas sem calçamento, permaneceram com poucas casas, com grandes distâncias entre si.

Assim, em Jacutinga, há uma repetição da lógica de inclusão/exclusão espacial e social que apresentamos anteriormente. Os imóveis localizados ao longo da Avenida Dona Delfina Borges ou em outras ruas, desde que próximos à avenida principal, são mais valorizados, ocupados por lojas e por casas com bom acabamento. Já as áreas mais distantes de onde os moradores chamam de “asfalto” (apesar de a maioria das ruas já estar asfaltada) constituem a periferia de uma sucessão de outras periferias.

A relação entre Centro e Periferia, que obedece a uma lógica global, de hierarquização dos países em centrais e periféricos, se reproduz em escalas intranacionais, passando pela hierarquia entre estados da federação, entre municípios dentro dos estados, entre bairros dentro dos municípios e, até mesmo, entre áreas dentro dos bairros.

Em relação ao espaço ora analisado, há diferenças de organização espacial, de acesso aos serviços públicos e de relações sociais entre diferentes partes de Jacutinga. Ampliando a análise, essas diferenças podem ser percebidas entre Jacutinga e os bairros próximos. Estendendo ainda mais a escala de análise, as diferenças ocorrem entre esses bairros e o centro do município de Mesquita. E entre Mesquita e os municípios próximos, com destaque para a metrópole, o Rio de Janeiro.

A partir da observação da configuração espacial e de entrevistas com moradores, podemos delimitar o quarteirão compreendido entre as Ruas Ana Peixoto, Barros Peixoto, Aimoré e a linha férrea como exemplo de periferia da Jacutinga, isto é, a periferia da periferia.



Figura II.1. Vista da Rua Ana Peixoto, em junho de 2014. Foto do autor.

Elizangela Silva, moradora de Jacutinga há 59 anos, lembra de como era o local na sua infância:

> *"Era um brejo, que pegava duma rua que tem ali, do Aimoré, até a linha do trem[11]. E pra trás, também. Era tudo brejo. Aqui atrás era brejo. Não tinha casa, não tinha nada. Era uma casa aqui, outra lá não sei onde. Tinha muito terreno vazio. Existia aqui uma faixa de umas cem casas. Depois é que começou a povoar. Depois, com o tempo, é que começou"* (Entrevista concedida em outubro de 2013).

Sobre a mesma área, Rosely de Paula, moradora há 39 anos, afirma:

> *"Aqui eram umas árvores. Eu quase não vinha pra esse lado de cá, não. Aqui tinha um montão de mato. Era só mato, mato, mato. Aqui quase não tinha casa. Era pouca casa. A linha, não. A linha sempre teve. Mas era deserto. Era uma casa aqui, outra lá embaixo. Quando o CIEP foi construído, já tinha gente pra caramba aqui. Só esse pedaço aqui não tinha ninguém"* (Entrevista concedida em outubro de 2013).

[11] A linha do trem a que a entrevistada se refere é o Ramal Ferroviário Auxiliar da Rede Ferroviária Federal, usada para transporte de cargas.

A construção do CIEP 431 Padre Nino Miraldi é um marco para a transformação espacial da área ao seu redor. As terras localizadas entre as Avenidas Antônio Borges e Dona Delfina Borges já eram bastante ocupadas, como comprovam as palavras da entrevistada. Apenas as terras onde hoje está o CIEP e o quarteirão acima definido eram despovoadas. Isso ocorria porque o terreno era muito úmido, difícil de ser ocupado e edificado. Alguns chamam de brejo, outros de pântano. O certo é que o terreno é alagadiço, área de transbordamento do Rio da Prata, que banha o local, principalmente no verão, quando ocorrem chuvas intensas. As constantes enchentes afastavam os possíveis moradores.



Figura II.2. CIEP Padre Nino Miraldi, Rua Guarani e Travessa Marina. Foto do autor (junho de 2014).

Esse isolamento propiciou oportunidade de utilização do espaço para fins escusos. Sonia dos Santos Fernandes, moradora há 45 anos de Jacutinga, explica: “Por conta disso, existiam muitas desovas. Corpos. Porque era um lugar isolado, escuro, com muito mato”. Francisco da Silva, sessenta anos de idade, há 28 morando e trabalhando em Jacutinga, antes residia em Vila Emil, também em Mesquita, porém mais valorizado e atendido pelo Poder Público. Chico, como é conhecido, expressa sua opinião sobre Jacutinga, relatando um episódio de discriminação ao revelar onde morava:

"Meu querido, eu vou lhe contar uma coisa. Há tanto tempo que eu moro em Jacutinga, eu moro porque a necessidade me obriga. Não gosto de Jacutinga. Só do trabalho. Mas gostar de Jacutinga, não. Eu gosto das pessoas. Mas, do local, eu moro porque sou obrigado. Mas que eu gosto de Jacutinga, eu não gosto, não vou mentir. Moro porque é preciso morar, e eu tenho minha casinha. Se não, jamais moraria aqui, jamais. O lugar é muito discriminado. Eu tenho uma casinha na praia, em Araruama. Cheguei em Araruama, na beira da praia, crente que estava abafando. Uma mulher perguntou onde eu morava. Eu fui falar: 'moro em Jacutinga'. Todo mundo saiu de perto. Achei um abuso. Tudo que acontece é Jacutinga ou então é Chatuba. Dois lugares amaldiçoados de Mesquita são Jacutinga e Chatuba. Você chega num canto, todo mundo fala mal. Moro na Vila Emil, todo mundo está perto. Moro no BNH, todo mundo. Moro em Santo Elias. Mas não fala de Jacutinga. Todo mundo sai de perto de você. Ficou marcado como lugar de violência. Por conta desse passado. Tudo que era coisa ruim vinha pra Jacutinga, rapaz. Eu vi vários corpos amarrados aqui nessas pilastras[12], pendurados igual Cristo, de braços abertos" (Entrevista concedida em outubro de 2013).



Figura II.3. Vista da Rua Ana Peixoto, com o CIEP Padre Nino Miraldi na direita.
Foto do autor (junho de 2014).

Essa área, com poucas centenas de metros quadrados, uma das últimas a ser ocupada no bairro de Jacutinga, guarda histórias de discriminação, superação de adversidades e

[12] As pilastras a que o entrevistado se refere são do CIEP Padre Nino Miraldi.

esperança de vida melhor. Todo o terreno era de propriedade de Ana Peixoto, cujos herdeiros não demonstraram interesse nas terras alagadiças. Abandonado por décadas, serviu de abrigo e refúgio para centenas de pessoas, em sua maioria mulheres e crianças, que buscavam (e buscam) uma vida melhor, com menos sofrimento e mais dignidade.

Maria Santos da Silva, 49 anos, foi uma das pioneiras na ocupação da área, e é, até hoje, uma das líderes da comunidade. Sua história se assemelha a de muitas outras mulheres desta ou de outras comunidades. Maria já morou em vários municípios do estado do Rio de Janeiro. Natural de Barra Mansa, na Região Sul Fluminense, mudou-se com a família, ainda criança, para o Morro do Jacarezinho, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Depois, a família morou em Japeri, hoje município da Baixada Fluminense. Na época, era o 6º Distrito de Nova Iguaçu. Adolescente, foi residir com os pais no bairro de Anchieta, novamente na Zona Norte, em casa alugada, como gosta de frisar. Casou-se muito jovem, aos dezoito anos, com Noel, que foi criado com ela em Barra Mansa.

> *"Casei com dezoito anos. O Manoel, a minha mãe criou ele. Lá em Barra Mansa moravam várias famílias no mesmo quintal. A família do meu marido morava no mesmo quintal da minha mãe. A mãe do Manoel Rodrigues tinha doze filhos. A minha mãe teve cinco. Ela lutava pra que Deus desse uma filha mulher pra ela. Então, quando a mãe dele ganhava um neném, minha mãe é que fazia o parto. Quando a mãe ganhava um neném, a mãe dele fazia o parto. Quando veio essa menina linda chamada Maria Santos, a Dona Eunice falou pra minha mãe assim (assim me falaram): 'Essa daí vai ser minha nora. Manoel vai casar com ela'. Quando o Manoel me viu, disse: 'Vou casar com essa menina'. Ele é mais velho do que eu, né? Então, formos criados assim, crescendo juntos"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Anos mais tarde, quando a família de Maria já morava em Anchieta, no Rio de Janeiro, seu futuro marido, ainda adolescente, fugiu de casa, em Barra Mansa, indo morar em um parque, no município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Ao saber do ocorrido, a mãe de Maria conseguiu encontrar o futuro genro, convencendo-o a ir morar em sua casa.

> *"Morando na nossa casa, meu pai falou assim pro meu marido, pro Manoel: 'Eu tenho medo de morrer e deixar a Maria sozinha. A Maria não conhece nada, a Maria não sabe nada. E você foi criado com ela, e eu queria que você fosse meu genro. Você já conhece a Maria'. Aí, minha mãe fez um pacto com ele. E ele disse: 'Tia, a senhora pode ficar sossegada que eu vou casar com a sua filha'. Aí, nós casamos. Foi um casamento assim: seis meses de namoro, um ano pra poder casar. Eu casei assim: vestida de noiva, tudo direitinho. Mas não foi amor. Foi porque a família escolheu Não foi amor. Nem eu pra ele, nem ele pra mim"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Segundo Maria, a ausência de amor já seria motivo suficiente para que a vida de casada não fosse feliz. Mas, segundo relata, ela tinha esperança. O casal foi morar na Vila Vintém, comunidade localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Maria sempre foi muito

comunicativa. Essa virtude foi, e continua sendo, o principal motor de sua vida. Sua facilidade para se comunicar e seu indiscutível carisma fizeram com que se tornasse líder, em vários momentos da vida.

> *"No Jacarezinho, eu era pequenininha. Mesmo assim, eu já lidava com o público. Dava folhetos da igreja, falava com traficantes armados, não tinha medo. Eu sempre fui uma pessoa corajosa. Chegava assim e dizia: 'Jesus te ama'. E dava mesmo o folheto da igreja. Eu só fui aprender a ler com doze anos de idade. Era deste tamanho, com peitão grande e não sabia ler. Eu não tinha estudo. Minha mãe não podia dar estudo pra mim. Eu tive uma infância triste. Mas eu era uma menina esperta. Eu pegava a Bíblia, lia sem saber, porque tinha decorado. Meu pai era pastor e falava: 'O Senhor é meu pastor; nada me faltará'. Gravava aquilo. Aí, pegava a Bíblia e saía às ruas pregando. Eu sempre fui assim comunicativa com todos. Nunca tive medo de boca de fumo, nunca tive medo de nada. Eu nunca fui uma menina boa de estudos, mas eu era uma menina inteligente. Eu sabia falar com o pessoal. Eu nasci pra ser do povão mesmo. Eu não nasci pra ficar entre quatro paredes. Eu converso com qualquer um. Eu nunca tive uma boneca, nunca brinquei de panelinha. Eu lavava roupa no rio Guandu, em Japeri. Eu era uma criança esperta. Não uma criança de hoje, que tem tecnologia, mexe com celular, mexe em computador, não. Eu era inteligente pras coisas do povo"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Depois de morar na Vila Vintém, Maria e sua família (marido e dois filhos) mudaram-se novamente para Anchieta. Alugaram uma casa próxima à casa dos pais de Maria. Segundo ela, a saída da Vila Vintém não consistiu em uma mudança de vida para melhor. Maria, fiel da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, igreja protestante pentecostal, já frequentava Jacutinga desde 1991, quando seu pai fora designado pastor na igreja recém instalada na Rua Ana Peixoto. Tratava-se de uma construção precária, que Maria chama de "choupana", coberta com lona. Mas, como não havia outra igreja protestante no bairro, logo começaram a aparecer fiéis.

> *"Foi então que veio uma mulher e falou comigo assim: 'Vem cá, você não quer conhecer a Rose, não? Vocês moram tão longe. Tem uma invasão de terra que nós estamos fazendo nesse matagal aqui'. Era muito mato. Aí minha mãe falou: 'Ah, não venho, não. Sair da cidade pra vir pra esse matagal aqui?' Aí eu falei: 'Ah, mãe, eu vou. Eu vou'. Tomei aquela coragem. Por causa do meu sofrimento, eu fiquei assim, caladinha. Cheio de mulher, alguém vai me ajudar. Foi onde eu tive uma escapatória e abri meu bocão pra falar alguma coisa de mim. E, chegando aqui, comecei a primeira cavacada de enxada, minha mão logo criou aquelas bolhas. Eu falei: 'Meu Deus do Céu, eu vou desistir'. Aí essa Rose disse: 'Não. Você vai ser uma grande mulher. É aqui que você vai plantar uma grande semente'"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria relatou que sofria calada, porque, segundo ela, não tinha a quem recorrer. Era constantemente agredida e humilhada por quem deveria amá-la e protegê-la: seu próprio marido. Chamava a atenção que, por ter aprendido, desde criança, que era dever da mulher obedecer ao marido, aguentava calada agressões físicas, morais e sexuais. Ela buscava uma fuga e via em Jacutinga essa possibilidade de melhorar sua vida.

> *"Eu casei em 1983, em novembro. Eu apanhava escondido. No início, era puxão de cabelo, tapa na cara. Desde a lua de mel. Eu não sabia. Ele tinha*

> *preconceito. Ele não gostava de preto. E hoje ele casou com uma morena. Mas de mim ele não gostava. Não gosta até hoje"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria contou que, com apenas dezoito anos, começou a ser agredida pelo marido, sem motivo aparente. Ela dizia que a justificativa era apenas uma: a cor da sua pele. Maria é negra. Ou, como ela diz: "Eu sou preta". Seu marido, branco, teria se casado apenas para cumprir uma promessa feita aos sogros.

> *"Aí nós casamos, tivemos o primeiro filho, que foi o Samuel. Sofri muito. Apanhei muito. Porque ele não gostava de mulher grávida, não gostava da cor. A família já tem o preconceito todo aí: ele não gostava de mim porque eu era negra. Todas as vezes em que ele me batia em casa ele falava assim: 'Eu não queria casar contigo. Foi minha mãe, sua mãe que forçaram pra gente se casar quando a gente era pequeno. E eu não gosto de negra. Quando você morrer, vão passar vários urubus sobre a casa pra saber que você morreu'. E aí eu comecei a sofrer os preconceitos. E eu era uma mulher muito bonita. Tinha o cabelo comprido, cinturinha fininha, muito bonita. E sempre comunicativa, né? Aí, passados os dias, eu fui sofrendo uma série de preconceitos do meu próprio marido. E ano a ano eu tinha um filho. Depois veio o Gabriel. Tome-lhe de novo. Enchia a casa, mas apanhava do mesmo jeito. E nunca me tirava de casa. Eu ficava sempre trancada dentro de casa. Ele ia pras igrejas, ele ia passear e eu ficava dentro de casa" (Entrevista concedida em maio de 2014).*

Segundo revelou Maria, as agressões físicas e as ofensas morais iam crescendo cada vez mais. Ao mesmo tempo, Manoel não contribuía com o sustento da casa. Como Maria não trabalhava, a sua situação e, principalmente, a dos filhos, foi se tornando crítica. Chegaram ao ponto de passar fome.

> *"Eu nunca trabalhei na vida. Meus pais me davam tudo. Mesmo casada, meus pais me sustentavam. Meus pais me davam roupa, me davam coisas pro cabelo. Ele não me dava nada. Ele sempre trabalhou, mas ele era assim: não botava as coisas dentro de casa. Foi passando o tempo, foi passando o tempo, aí me veio uma gravidez. A gente já morava na Vila do Vintém. Lá conheci várias pessoas, tive contato com várias pessoas. Eu continuava pregando a palavra do Evangelho pra traficantes, prostitutas. Hoje elas não são mais isso. E o problema comigo continuava. Continuava com os problemas de preconceito. Aí ele fez um filho em mim de novo. Já tinha o Samuel e o Gabriell, os dois ainda usavam fralda. De ano a ano tinha um filho. Mas ele nunca assumiu um filho. E eu era casada com ele. Aí veio uma barriga de gêmeos. Sofri amargamente na minha vida. A minha casa era cheia de gente. Pra tudo, pra tudo. Eu era muito conhecida dos moradores da Vintém. Peguei gravidez de gêmeos. Peguei uma gravidez de duas meninas. Quando eu fiz oito meses, do nada ele falou pra mim assim: 'Ô Maria, o Samuel tá chorando'. Ele era muito chorão. E eu com o maior barrigão. Eu falei pra ele: 'Tem como você olhar ele pra mim que eu vou olhar a panela?' Eu morava numa casa de um quarto e um banheiro só, e não tinha água nessa casa. Quando eu fui pegar a panela pra tirar do fogo – ele só bate por trás –, só levei uma. 'Você não está ouvindo o Samuel gritar, não?' E ele gritava. Quando eu virei, levei um pontapé. Estourou a bolsa. O que aconteceu? Ele veio pra Anchieta, porque lá é assim, é igual aqui: fez, vai morrer. Caiu na boca do Celsinho, vai morrer. Comecei a passar mal, comecei a chamar a minha senhoria, que morava do lado, a Dona Rute, que está viva lá até hoje. Ela me perguntou: 'Cadê o Manoel?' Eu disse: 'Não sei dele, não'. Eu não podia falar a verdade. Antigamente não podia falar a verdade, não. Me levaram pra Santa Helena. Existe essa maternidade ainda, em Senador Camará. Quando chegou*

> *lá, o doutor falou: 'Você acabou de perder as duas'. O cordão umbilical enrolou e eu perdi as minhas duas filhas. Foram enterradas ali no Cemitério do Murundu[13]. E eu perguntava a Deus assim: 'Será que ninguém vê que eu estou sofrendo com esse casamento?' Isso era antes de eu vir pra cá. 'Será que ninguém vê que eu sofro com esse homem, não? Minha mãe não vê, meu pai não vê, ninguém me vê?' E eu não podia falar. Quando eu vim pra cá, eu abri os olhos. Hoje, eu não aturo mais, não. De homem nenhum. Mas antigamente a mulher ficava assim, presa, sofrendo sozinha. E ele falava: 'Ninguém vai acreditar que eu faço isso contigo. A tia não vai acreditar que eu faço isso'. E minha mãe não acreditava mesmo não. Eu tinha que inventar outra história. Fiquei na maternidade uns três dias. Enterraram minhas duas filhas sem eu ver. As duas meninas. Já tinha o Samuel e o Gabriel. Ficaram na casa dos outros, lá na Vila Vintém. Vim pra casa. Eu falei assim: eu quero uma filha, eu quero uma menina. Foi passando o tempo, passando o tempo, Deus me deu a Juliana. Juliana veio de sete meses, cardíaca. Quase perdi a Juliana, porque eu passava fome, com as duas crianças, e passava fome com ela. E ele sempre me batia. Isso sem fumar, sem cheirar, sem nada. Era pelas costas. Ele era segurança. Ele me batia sem arrancar sangue. Jesus me deu a Juliana de sete meses. Parei na mesma maternidade; ganhei Juliana. De lá fui direto pro Hospital do Humaitá, porque minha filha nasceu com um sopro no coração. Mas hoje esse sopro dela já fechou. Chegando lá, o médico perguntou: 'Por que a senhora ganhou esse bebê de sete meses, por que não veio de nove?' Não pude contar, não. 'Se o senhor não sabe, doutor, não sou eu que sei. Só sei que a Juliana veio e eu estou aqui'" (Entrevista concedida em maio de 2014).*

Maria afirma que, em todos os lugares em que morou, envolveu-se no auxílio aos mais necessitados, primeiro por questões religiosas, depois por ser essa sua vocação. Por isso, suas casas, todas pelas quais passou, viviam cheias de gente. Eram pessoas que iam buscar auxílio em suas palavras ou em suas ações. Mas Maria acabava sofrendo com a violência do marido.

> *"Ele me trancava e me metia a porrada. Do nada, do nada. Porque o arroz estava duro, sempre apanhava. Se eu não passasse a camisa dele direito, eu apanhava. Eu não traía ele, não fazia nada disso. Não podia fazer isso. A Maria de hoje mudou muito. Eu não sou mais aquela Maria idiota. Eu sou uma Maria vivida. Antigamente, eu era uma mulher boba, idiota mesmo"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Quando surgiu a possibilidade de mudar para Jacutinga, Maria disse que acreditou ser uma chance de se libertar das agressões, ofensas e humilhações pelas quais vinha passando. Como frequentava a igreja no bairro, tomou conhecimento da existência de um terreno que estava sendo ocupado por famílias pobres.

> *"Eu soube disso aqui porque eu tinha amizade aqui dentro, nós tínhamos igreja. Aí uma vizinha minha falou assim: 'Maria, lá pra dentro da Jacutinga tem uma invasão'. Eu nunca tinha vindo pra esse lado, pro meio do mato, cheio de cobra. Tenho medo de cobra. Ela falou: 'Maria, vamos lá na Jacutinga. Lá estão invadindo terra, tem uma menina chamada Rose'. A Rose parece com aquela cantora, a Elba Ramalho. A Rose não mora mais aqui. Agora ela está nos Estados Unidos, subiu na vida. Aí eu vim conhecer. Eu morava em Anchieta e dirigia uma igreja aqui, mas lá fora, perto do Quirino[14]. Mas este lugar era horrível! Que matagal é esse?! Você via isso aqui tudo plano. Aí quando eu*

[13] Cemitério de Realengo, localizado na Rua Murundu, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.
[14] Escola Estadual Municipalizada Professor Quirino, localizada no bairro de Santo Elias.

> *olhei, eu disse: 'Gente, não vou morar num lugar desse nada! Que é isso?' Era mato assim, mato grande. Eu disse: 'Eu nunca invadi terra, não!' A Rose disse: 'Você invadiu, marca com uma linha, qualquer coisa, um pau, a terra é sua'. Minha família toda morando em Anchieta. Aí, conversando com minha cunhada, ela não quis: 'Vou continuar pagando aluguel, morando aqui, pertinho de tudo'. Aí eu tomei coragem e vim, com aquela minha amiga. Começamos o dia, peguei a enxada e comecei a capinar lá em cima. Aí, pegaram o meu pedaço. Era assim: você capinava num dia, cercava. Chegava no outro, catavam. Eu perdia porque morava em Anchieta. Aí eu falei: sabe de uma coisa, vou falar com a Rose. Fui lá do outro lado da linha e falei: 'Rose, o negócio é o seguinte: tenho três filhos, pago aluguel e quero entrar nessa contigo'. Aí ela disse: 'Eu vou te dar um pedaço de terra. Você vai capinar. Aqui quem trabalha é mulher. O marido pode até dar mão de obra, mas eu quero a mulher pegando no batente. Porque no dia em que o marido te largar, você já sabe tudo. E ninguém tira os filhos da casa e nem a mulher. Aqui é assim'. Aí eu falei: 'Então está bom'. Eu vim capinar, chovendo, na tabatinga. Capinei um quadrado enorme, marquei. Aí tinha que fazer a sapata. Falei com meu marido, fizemos a sapata. Mais três meses, levantar tijolo. Levantou tijolo, tem que entrar. Não tinha nada, não tinha nada isso aqui. As mulheres que comandavam. Tinha só um cômodo, lá na frente, sem vaso, sem nada. Era um matagal. Aqui morava eu, mais lá na frente outro barraco. Só um cômodo, tudo um cômodo. As crianças pegavam umas cobras verdes aqui, cobra mesmo. Mas era uma paz. Os vizinhos dependiam uns dos outros"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria fala com orgulho da casa que construiu. Seu orgulho só não parecia ser maior do que a admiração que demonstrava por Rose, primeira líder da ocupação em Jacutinga, com quem aprendeu muito.

> *"Tá vendo isso aqui? [bate na parede] Quem fez isso aqui fui eu, meu filho! Essas casas todas aqui foram feitas com mão de mulher. Meu marido me ajudou em alguma coisa, porque as mulheres aqui é que pegavam no pesado. Pegava barro no CIEP, virava massa… Era uma comunidade só das mulheres carentes. Isso se formou através da Rose, o nome dela é Rosemary. Ela é que formou a turma das mulheres. Mesmo quem tivesse marido, companheiro, namorado, mas era mais das mulheres. Ela tinha sofrido preconceito, ela foi estuprada, vários problemas com o marido dela. Então ela falou: vou pegar as mulheres e vou fazer invasão, invadir terra. Terra que está há muito tempo parada, tipo essa daqui"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Segundo o relato de Maria, em pouco tempo, a admiração que Maria tinha por Rose se tornou recíproca. Rose percebeu que Maria poderia ser uma líder para as mulheres de Jacutinga, pois Maria conseguia manter bom relacionamento com todos: ajudava as mulheres que, como ela, procuravam um novo lar e uma nova vida; buscava alimentos, cozinhava e servia às crianças de sua nova comunidade. Precisou ter boa relação com criminosos e ter a compreensão de policiais. Era respeitada e admirada por toda a comunidade, que crescia rapidamente. Em pouco tempo, já eram seiscentas pessoas.

> *"Eu representava 600 pessoas. A Rose que me colocou, porque ela viu que eu tinha capacidade de liderança. Tanto para lidar com o público, com as pessoas, e saber falar com a comunidade. Então, em cada posto ela colocou uma mulher que sabia se expressar com a polícia, com, vamos dizer assim, um deputado, um prefeito, saber pronunciar. Antigamente, eu falava até melhor do que agora. Então, eu sabia me expressar"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Ainda conforme seu relato de memória, Maria afirmou que, após a rápida construção de casas, as mulheres que lideravam a ocupação de Jacutinga tiveram que enfrentar outros problemas. Alimentos, luz, água, esgoto, escola, atendimento médico eram necessidades urgentes.

> *"Antigamente, nós brigávamos mesmo. Saía aquele montão de mulher na rua, e o prefeito tinha que receber. Como era na CEASA[15]. Era um montão de mulher. Era um ônibus, e a gente trazia peixe, verduras, a gente fazia a nossa cesta, a cesta da comunidade, de graça. Hoje não tem mais essa união. Acabou essa união. A gente levava as mulheres, enchia o ônibus, levava abaixo-assinado. Chegava lá, falava com um representante da CEASA, pra ver se podia pegar essas coisas. Aí o representante levava pra um líder maior. Aí ele deixava a gente pegar. Todo final do mês a gente pegava. Vinha em caixote mesmo. Nós mesmas botávamos nas bolsas e distribuíamos. Distribuíamos de casa em casa. Ninguém morria de fome. Não dependia de homem"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria Santos revela nostalgia ao lembrar esse tempo. Ela afirma que era um tempo difícil, mas quando havia união, solidariedade, companheirismo entre aquelas mulheres que tanto sofriam. Tentando, ao mesmo tempo, suprir as necessidades mais básicas de seus filhos e as suas próprias, educar as crianças e, ainda, superar traumas ainda tão presentes em suas vidas. As mulheres, unindo-se, perceberam o quanto podiam ser fortes. Sua união demonstrava o seu poder. Seu poder de conquistar materialmente o que precisavam. Seu poder de conquistar a felicidade que lhes havia sido negada.

> *"Tá vendo aquela passarela ali[16]? Nós, mulheres, fizemos uma invasão ali,para ter aquela passarela ali. Não existia passarela, era mão dupla. Nós colocamos muitas mulheres para chamar a atenção do governo do município e do estado para ter aquela passarela ali. Aí, fizemos essa greve lá. Deu certo. Conseguimos a passarela. Depois da passarela, fizemos outro rebuliço: luz"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria relata que a cada conquista, outras se sucediam. Maria relata essas conquistas com o orgulho de quem foi uma das protagonistas. Quando as mulheres de Jacutinga foram à Prefeitura de Nova Iguaçu requerer a instalação de postes para iluminação das ruas da comunidade, foi exigido que uma delas, que possuísse documentos, se responsabilizasse por receber os trabalhadores na comunidade. Maria Santos se ofereceu.

> *"Fomos na Prefeitura, botamos meu nome. O primeiro poste, que colocaram na frente da casa da minha mãe, vieram procurar quem? Maria Santos da Silva. A Light: 'Quem é Maria Santos da Silva?' Aí juntou aquele montão de mulher. Aí*

[15] Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro S.A., em Irajá, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.
[16] Passarela localizada na Rodovia Presidente Dutra (BR-116).

> *ele[17] disse: 'É minha mãe'. Aí chegou a luz pra comunidade. O primeiro poste foi esse, com meu nome"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria se identificou como sendo a pessoa responsável pela chegada da luz à comunidade. Simbolicamente, ela acredita que contribuía para iluminar a comunidade com sua dedicação e sua solidariedade. Cada vez mais, se empoderava. O empoderamento (*empowerment*) tem sido uma estratégia essencial no movimento de mulheres em geral. Ele vem sendo utilizado como um meio para refletir sobre condições de opressão e de superá-las, trabalhando questões de diferença, relações de gênero, identidade e direitos das mulheres negras. Segundo Ana Alice Costa (s/d), o termo *empoderamento* foi construído nos Estados Unidos, na década de 1970, no âmago das lutas por conquistas de direitos sociais dos negros. Ela define empoderamento.

> *"A condição de Empoderamento é o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir e criar e gerir. (…) Para as feministas, o empoderamento compreende a alteração radical dos processos e estruturas que reduzem a posição de subordinada das mulheres como gênero. As mulheres tornam-se empoderadas através da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais"* (COSTA, p. 7).

Teresa Kleba Lisboa distingue três tipos de empoderamento, fundamentando-se nas ideias de John Friedman:

> *"O **social** refere-se ao acesso a certas 'bases' de produção doméstica, tais como informação, conhecimento e técnicas, e recursos financeiros. (…) O **político** diz respeito ao processo pelo qual são tomadas as decisões (…); significa maior participação no âmbito político, inclusive o acesso a ocupar cargos de representação e direção. O **psicológico** ou pessoal inicia com o despertar da consciência em relação à sua autonomia e desenvolvimento pessoal (…); decorre da consciência individual de força"* (LISBOA, 2008, p. 3).

Maria Santos ingressava, ainda que, talvez, inconscientemente, nos três tipos de empoderamento. Socialmente, responsabilizava-se pela criação dos três filhos e colaborava para o sustento da comunidade. Politicamente, exercia função de liderança em sua comunidade. Psicologicamente, tinha certeza de sua força. Todavia, não conseguia se libertar dos sofrimentos que seu marido ainda lhe causava.

> *"Aí entrou a luz no meu nome. Foi o primeiro poste. Ainda tem três desses postes[18]. Só veio luz pra rua. Aí fizemos uns gatos, né? Fizemos uma festa. Brincava de esconde-esconde com as crianças, virava um verdadeiro moleque com as crianças. Hoje, eles já morreram, a maioria. Aí começamos a puxar os fios pras nossas casas. Antes era luz de velas. Não tinha geladeira, nada disso.*

[17] Refere-se ao filho Gabriel, que acompanhava a entrevista.
[18] São postes de madeira, que ainda permanecem na Rua Ana Peixoto.

> *Se a gente não fizesse gato, a gente não ia ter luz. Tinha crianças pequenas, tinha pessoas idosas, que ficavam na cama o tempo todo, então enfrentamos a Light pra conseguir luz pras nossas casas"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Um fato interessante observado a partir das narrativas dos/as entrevistados/as, e que necessitaria de uma investigação mais aprofundada, é que os limites entre o legal e o ilegal, o certo e o errado se confundem. Por exemplo, o terreno, na Rua Ana Peixoto, tinha dona, já falecida, e mesmo assim, as mulheres de Jacutinga se apropriaram destas terras para se empoderarem. Precisavam ter o seu território para nele exercerem o seu poder. A ausência de ações dos diversos níveis de Poder Público levou estas mulheres a buscarem as ações necessárias à sua vida por conta própria, unindo-se, ajudando-se, vencendo.



Figura II.4. Maria Santos, seu filho mais novo e um dos postes originais da comunidade. Foto do autor (junho de 2014).

Outra necessidade da comunidade precisava ser resolvida: o saneamento básico. A solução encontrada para haver abastecimento de água, mesmo precário, era realizar instalações irregulares, captando água a partir de canos instalados pela CEDAE nas ruas localizadas em frente ao CIEP. "Nós não temos água, é difícil ter água aqui. Pegamos água lá da outra ponta; são vários canos remendados. Esse cano só veio pro pessoal que mora do lado de lá. Lá não

falta água; aqui falta água" (Entrevista concedida em maio de 2014). Percebe-se, claramente, o descaso do Poder Público com uma área mais pobre, pois "o pessoal que mora do lado de lá" tem casas maiores e mais bonitas.

As crianças precisavam de escola. Maria cobre de elogios o serviço oferecido pelo governo estadual. O CIEP, localizado do outro lado da rua, foi extensão da sua casa, desde o início da ocupação da Jacutinga. Ela afirma que, por vezes, o CIEP garantiu a alimentação de sua família. Foi, segundo ela, corresponsável pela criação de seus filhos e sua transformação em adultos de bem, felizes em suas profissões e com suas famílias.

> *"As pessoas dizem que o CIEP não presta. Presta sim. Foi graças a ele que meus filhos hoje têm educação. Um filho meu hoje é bombeiro, veio daí, dessa escola. Não usa drogas, não cheira, não é veado. Desculpa essa palavra, mas a verdade é essa: não é veado. Foi criado sem pai, porque aqui a terra é dos sem pai, é das mulheres. Mulheres é que criam os filhos. Ele não cresceu pra ser prostituto, não rouba ninguém. Ele é um bombeiro. O outro é professor de canto, psicanalista e vigilante. A Juliana, que ninguém dava nada por ela, porque era pequenininha, vivia doentinha, hoje é professora, formada no Instituto de Educação Professor Rangel Pestana, em Nova Iguaçu. A primeira professora dos meus filhos mora aqui perto. Quando me vê, fala: 'mãe, meus filhos estão lindos!' A minha filha fala: 'Foi do CIEP que eu saí', com o maior orgulho. Hoje ela é professora, bailarina, da pontinha de dedo. Dá aula pra crianças carentes, igual ela foi. Samuel, que era o chorão do colégio, chorava à toa... A diretora do colégio, Dona Rita, me dava um auxílio pra alimentação, porque o pai deles não servia pra nada. Hoje ele é professor de canto, é psicanalista. O outro, além de bombeiro, é professor de música, de todos os instrumentos que você possa imaginar. O Samuel é faixa roxa; o Gabriel é faixa amarela; saíram daqui. Todos aqui sabem dos problemas que eu tive com o meu marido"* (Entrevista concedida em maio de 2014).



Figura II.5. CIEP 431. Fonte: http://ciep431ninomiraldi.blogspot.com.br/2012/08/dia-da-familia-na-escola-18082012.html.

Segundo Maria, mais do que a função de educar seus filhos, a escola garantiu a alimentação da família, nos momentos mais difíceis. Maria fala do CIEP com orgulho, agradecida pelas boas lembranças que deixou em sua vida. Reforça, sempre que pode, a qualidade do trabalho realizado pelos profissionais que ali trabalharam. Maria, entretanto, revela um carinho especial pela primeira diretora da escola, professora Rita.

> *"Você lembra a época do leite, em saquinho, CCPL? A Dona Rita me dava sem eu pegar ticket. Era um ticket de papelzinho. Ela já me dava, porque sabia a situação dos meus filhos com o pai. Ela foi muito boa pros meus filhos. Quantas vezes meus filhos foram pro colégio sem café, sem comer, e ela dava, além daquilo que era pra dar pros alunos, o meu, que era para mandar aqui pra casa"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Em meados da década de 1990, Rose, então presidente da Associação de Mulheres de Jacutinga, organização criada por ela, decidiu sair da comunidade, indo residir nos Estados Unidos, com o seu companheiro. Rose serviria de exemplo para várias outras mulheres de Jacutinga, pois deixou a comunidade para ter um futuro materialmente melhor. Seus passos foram seguidos por dezenas de mulheres que se empoderaram.

> *"Quando a Rose foi embora, deixou de ser presidente, ficou sem ninguém, ao Deus dará. E eu continuei a mesma Maria. Não mudei o visual de nada. Ela foi e eu fiquei. Foi nisso que eu entrei pra política. Pra que o pessoal pudesse me ajudar pra eu conseguir ajudar a comunidade aqui. Eu deixei o Doutor Ricardo[19] entrar aqui porque ele me deu ligadura, oftalmologista, cirurgia, parto. Ele entrou e me ajudou bastante. Se eu mandar um bilhete hoje pra ele, ele vai atender aquela pessoa. Ele sabe que lidou com uma pessoa que levou ele a ganhar duas vezes" (*Entrevista concedida em maio de 2014).

Na ausência de Rose, que era seu modelo de líder, Maria ampliou ainda mais a liderança que já exercia em Jacutinga. Ela afirmou que entendia a necessidade de a comunidade ter acesso a atendimento médico. Vivenciava as dificuldades de postos de saúde e de hospitais públicos. A aliança política com um médico teria vantagens mútuas: de um lado, facilidade de atendimento médico para as pessoas da comunidade, principalmente para mulheres e crianças; de outro lado, votos da comunidade, suficientes para elegê-lo vereador. A relação entre a comunidade e o vereador era, portanto, pragmática.

> *"Eu dei meu sangue por isso aqui. Eu era muito respeitada. Não sei se ainda sou, mas antigamente eu era muito respeitada. Eu dei meu sangue pelo Doutor Ricardo Fried. Ele ficou em primeiro lugar na eleição aqui em Jacutinga. Ele chegou aqui no portão e perguntou: 'Quem é Maria Santos aqui?' Aí eu falei:*

[19] Ricardo Fried é médico e vereador de Mesquita. Foi eleito pela primeira vez em 2000, pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), com 2.453 votos. Em 2004, já no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), foi reeleito, com 2.403 votos. Em 2008, pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB), foi novamente reeleito, com 1.721 votos. Na última eleição, em 2012, foi eleito para seu quarto mandato, pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), com 1.665 votos.

> *'Sou eu'. Aí ele disse: 'Eu vim procurar a senhora, a senhora mexe com negócio de política. Eu queria entrar aqui dentro. Como é que eu faço? Eu sei que a senhora mexe com mulheres. Eu sou um médico, sou cardiologista. Eu uso a minha função e preciso de eleitores'. Aí o que eu fiz? Eu tenho a minha comunidade. Juntei a mulherada na minha casa, todinha. Falou em médico, todo mundo quer, né? Reuni a mulherada toda e falei: 'Estamos contigo. Precisamos daquelas que votam em Mesquita. Aquelas que votam em Nova Iguaçu ou em outro lugar têm que transferir o título, para votar aqui'. No mesmo dia da reunião, ele já deu as consultas. Foi visitar pessoas em casa, que estavam na cama. Lutei muito. Se eu me candidatar, eu ganho. Eu conheço muita gente. Se eu for me eleger, eu ganho. Sério mesmo, ganho. Eu sou muito comunicativa. Por isso, a Rose me escolheu. Ela queria alguém que falasse em várias áreas. Com os meninos do movimento, não dá pra falar: 'eu vou passar aí e acabou'. Tem que ser: 'pô, cara, dá pra passar aí e depois eu trago alguma coisa pra vocês, uma sopinha?'. Se for com policial: 'nós estamos aqui porque não temos onde morar; a gente vai acertar depois'. A minha casa, com tijolo, foi derrubada. Foi jogada no chão, no chão. Com tijolo, foi derrubada no chão. E eu ia brigar? Não era bandido, não. Era polícia. Eu não era dona, mas não tinha dona. A dona já tinha morrido. Então nós pegamos e invadimos. Era pra pessoas carentes. Trouxemos tudo num carrinho de mão, na chuva, cheio de lama. E vim trazendo. Aqui não tinha loja de material de construção. Tinha que ir lá fora, na pista. O caminhão deixava lá e a gente ia pegar com o carrinho de mão e carroça. E só via mulher; e as crianças"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Apesar de condenável, o assistencialismo promovido pelo médico-político com o auxílio de Maria Santos, serviu para permitir o acesso de boa parte da comunidade ao atendimento médico. O político aproveitou o estado de abandono do local pelo Poder Público e ofereceu seus serviços em troca de votos. Com a saída de Rose, Maria assumiu o papel de principal líder da comunidade. Sua ligação com o vereador teria colaborado com esse papel de protagonista na vida dos moradores de Jacutinga.

> *"A política me ajudou e eu ajudei as mulheres daqui. Eu fiquei internada em hospital com elas; eu fiquei como refém por causa de uma vizinha minha aqui, eu fiquei de refém. O Baiano, que a gente chama de Babão, a mulher dele foi fazer uma ligadura comigo. Eu fui levar ela, porque eu era a responsável. Fiquei lá internada com ela. Deu um problema no umbigo da mulher lá. O Babão falou: 'Eu sei que você não tem nada a ver com isso, não, mas, se a minha mulher morrer, você também vai pro buraco'. Ela ficou internada num hospital particular, o Samaritano. Era eu que marcava e acompanhava as internações. Todos os homens daqui confiavam em mim. Eu era, vamos dizer assim, uma 'deusa preta'. Eu era responsável por tudo e, se acontecesse alguma merda também, eu descia à sepultura. Só que Deus nunca deixou isso acontecer"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

O protagonismo de Maria na comunidade deve-se muito à essa relação repleta de contestações com um político local. Ela reconhece que, apesar de estar interessada no bem da comunidade, almejava, também, algum tipo de vantagem para si, principalmente um emprego. Segundo ela, a promessa de emprego que teria sido feita pelo vereador, nunca se concretizou. Pelo que relata, Maria era, de fato, uma pessoa importante para sua comunidade. Porém, a comunidade também muito contribuiu para melhorar sua vida, especialmente para elevar sua

autoestima e legitimá-la como liderança local, fazendo-a se considerar importante para si e para o grupo social em que se inseria.

Foi possível observar que, assim como Maria, a maioria das mulheres que ali viviam era negra. Eram mulheres com baixa escolaridade, que precisavam sustentar suas famílias. Quando não eram as únicas, constituíam as principais provedoras financeiras de suas casas. Atualmente, a maioria das mulheres da comunidade trabalha fora, exercendo funções consideradas de *status* profissional inferior no mercado de trabalho, tais como empregadas domésticas, diaristas, camelôs, vendedoras ambulantes, entre outras. Em geral, estão no mercado informal. Quando estão no mercado formal, ocupam cargos que exigem pouca qualificação e, consequentemente, são muito mal remuneradas.

> *"O que nós fazíamos? Nós capinávamos, nós pegávamos o terreno das pessoas que não pagavam. Esse era o nosso trabalho. Quando não era isso, a gente juntava aquele montão de mulher e fazia artesanato. Trabalhei muito com jornal, fazendo várias coisas, assim, cortina de jornal. A gente fazia fruteira de jornal. Esse era nosso trabalho. Nós fazíamos crochê. A gente vivia daquilo ali. Eu não fazia tanto, porque eu andava mais com o povão do que ficava dentro de casa. Mas pra quem ficava dentro de casa, como as mulheres mais idosas, da idade da minha mãe, fazia artesanato. Até panela de barro dessa terra aqui elas faziam. Tabatinga é muito boa pra fazer panelinha de barro. Ah, nós saíamos pra Nova Iguaçu. Era um tipo de feira. Mas, antigamente não tinha aquela feira que tem agora em Nova Iguaçu. Porque agora é tudo pela Prefeitura, né? Chegava, sentava lá e vendia. Era assim. E vendia muito bem, viu? Não tinha aquela hipocrisia de ir à Prefeitura, pegar o documento, cercar o pedaço, não. Sentava lá, vendia e acabou. Vinha com dinheiro pra casa. Agora, hoje, não pode fazer isso, né? Hoje você tem que recorrer à Prefeitura. Hoje, todas as mulheres que eu conheço trabalham fora. Umas por conta própria. A maioria aqui vende roupas em casa, vende chinelos, bijuteria. Minha nora mesmo vende Jequiti e ainda vende Avon* [marcas de cosméticos]. *A minha outra nora também vende. Ficou até melhor. As mulheres hoje estão mandando mais, viu?"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Há uma evidente contradição em relação à posição das mulheres negras em suas atividades laborais externas à comunidade e à posição por elas ocupada no contexto social interno à comunidade. Lá, no espaço do capital, regido sob a lógica do neoliberalismo, são subalternas, excluídas, humilhadas. Aqui, algumas são protagonistas de suas vidas e das vidas de seus companheiros, filhos, pais, vizinhos. Têm o poder de participar, de opinar, de influenciar nas decisões coletivas e, até mesmo, de comandar suas famílias ou grupos de vizinhos em situações específicas, como relata Maria.

> *"Ele queria que eu largasse esse negócio de comunidade. Mas eu nasci com isso. E agora? Não tinha como eu largar. Não, porque a minha casa era cheia de gente. De mulher, então, nem se falava. Toda vez que chegava uma mulher e dizia: 'Eu preciso fazer um exame no oftalmologista'. Ia lá e escrevia o meu nome: 'peço ao doutor Ricardo Fried para atender Fulana de Tal, da comunidade da Jacutinga' e era atendida sem pagar nada, porque o consultório dele é particular. Então, fui me envolvendo com política. Eu falei: 'Não! Eu vou*

> *continuar'. Foi aí que eu continuei. Aí nos separamos. Aí continuei lutando com as mulheres. Hoje eu me respeito como mulher. Tenho marcas no meu corpo do que ele fez comigo. Então, é por isso que eu vim morar na Jacutinga. Eu morava dentro da cidade; eu morava em Anchieta. Mas eu sofria. Através da igreja eu encontrei um lugar pra me esconder. Aqui era a terra das mulheres sofridas como eu. Então, eu me encontrei com uma outra família, a das mulheres que sofriam a mesma coisa que eu: abuso sexual, estupro, violência. Então, esta terra aqui foi feita pra essas mulheres que sofrem até hoje. Só que hoje a comunidade já mudou cem por cento. Hoje não temos a associação mais, que era na rua do Brizolão. Acabou. Hoje não tem mais líderes como antigamente"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria relatou que quando decidiu sair de Anchieta e iniciar uma nova vida em Jacutinga, Manoel disse que não a acompanharia. Mas ele teria mudado de ideia, indo morar com a esposa e os filhos em Jacutinga. E, segundo seus relatos, na terra que ela afirmava ser destinada às mulheres que sofriam abusos e violência, ela mesma continuou sofrendo abusos e violência.

> *"Mesmo depois que eu vim pra cá, continuou a violência. Quando o Gabriel fez quinze anos, eu sofri um processo de, como se fala, pedra na vesícula. Eu tinha 151 pedras dentro da minha barriguinha. E eu começava a vomitar, vomitava verde. Quando eu comecei a vomitar verde, era para me internar, era bílis, senão eu ia morrer. O que ele fez comigo? 'Tu vai morrer, sua desgraçada'. Me levou pro hospital. Chegando no hospital, o doutor falou: 'Ela vai ter que operar agora'. No outro dia, abriram minha barriga e tiraram 151 pedras. Depois, o médico falou pra mim: 'A senhora precisa de repouso. A senhora está com 25 pontos, por dentro e por fora'. Me internei no sábado, vim no domingo pra casa com 25 pontos na barriga. Quando eu entrei em casa, naquele meu quarto, que eu tenho trauma dele até hoje, o que acontece comigo? Manoel me estupra ali. Foi meu primeiro estupro. A minha barriga abriu toda. Não podia falar com a minha comunidade, senão ele ia morrer feio aqui. Então, a Maria continua calada. Eu fui estuprada. Vou te mostrar a marca na minha barriga. Abriu toda a costura. Abriu tudo. Começou a sangrar. Ele veio aqui, chamou minha mãe e falou assim: 'Tia, a Maria pegou uma lata d'água de vinte, e eu falei pra ela não pegar, e os pontos dela abriram'. A mãe rapidamente liga pra um pastor, pede pra me levar de carro lá pro Hospital Santa Maria, lá na cidade. Dão os pontos de novo na minha barriga. Voltei pra casa. 'Eu quero a morte. Já que ninguém sabe o que eu sofro, ninguém sabe de nada, vou querer a morte'. O que eu fiz? Parei de comer, parei de beber água, parei com tudo. Só falei com meu filho Gabriel: 'Mamãe vai morrer. Cuide da Juliana. Mamãe vai viver mais não'. Esse meu filho falou: 'Mãe, não morre, não. Só tem eu, Samuel e Juliana. A gente vai ficar com quem?' Me botaram no chão. Eu fiquei assim, durinha. Ele falou que a política é que tinha acabado comigo. Que era o Doutor Ricardo que era o culpado. Que era o Doutor Ricardo que tinha me deixado cuidar da minha comunidade sozinha. Mas eu escutava as pessoas falando. Parei de comer, aí parei de defecar. Parei de beber água, não vou urinar mais. Ninguém sabia o que estava acontecendo comigo. Me levaram pro Hospital Samaritano, me internaram lá. O Doutor Ricardo Fried falou pra ele que aquilo não era normal. Ele falava comigo assim: 'Maria, foi ele que fez isso contigo?' Eu só escutava, mas ficava o tempo todo olhando pro alto. Eu já estava morta ali. Eu não tinha nada, era emocional. Me botaram lá na cama. Nesse mesmo dia, nessa mesma noite, eu em coma, fui estuprada. Não sentia dor, porque não estava ali. Ainda tenho marcas, até hoje. Fui estuprada e meu filho Gabriel viu. Não sei como vazou isso aqui dentro, foi parar na boca de uns meninos e avisaram: 'Se ele pisar aqui, vai morrer'. No outro dia, a pessoa que veio me dar banho, viu o sangue. Eu amo a minha comunidade, porque aqui é das mulheres que sofrem abuso sexual. Aí foi que, depois de quatro meses, despertei desse coma, voltei em si de novo. Deus me trouxe a vida, pra cuidar dos meus filhos. Fui procurar um psicólogo pra cuidar desse trauma. Mas*

> *continuei sendo a mesma pessoa. Casada com a mesma pessoa. E não podia fazer nada, porque era evangélica. Eu fui cansando. 'Não vou ficar com esse homem aqui dentro. Não vou, não vou mesmo'. Fui botando na minha cabeça. A minha primeira separação foi quando eu fui pra Mangaratiba. Quando eu ia embora, ele me encheu de porrada. Eu tenho marcas no corpo todinho, de pontapés, socos. Arrancou meu cabelo. Meu filho foi correndo chamar minha cunhada, Celia Regina, pra me socorrer. Chegando aqui, ela apanhou também".* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Diante das agressões sofridas, Maria revelou que decidiu sair de sua casa. Aproveitando os contatos de seus pais com membros de sua igreja, conseguiu um lugar para morar no município de Mangaratiba, no limite entre a Região Metropolitana e a Região da Costa Verde do estado do Rio de Janeiro. Lá, Maria relatou ter se envolvido com a comunidade local e com a questão do acesso à terra.



Figura II.6. Maria Santos e seu filho mais novo na entrada para a sua comunidade.
Foto do autor (junho de 2014).

> *"Na última surra que eu levei do meu ex-esposo, aqui na comunidade, aí minha mãe me levou pra Mangaratiba, pela igreja. Minha mãe falou com o pastor de lá: 'A Maria precisa ficar um tempo aqui. Ela é boa pra falar com o público'. Aí eu fiquei lá. O pastor me deu uma casa. Ele morava na casa da frente e eu morava atrás. Aí eu fui conversando com os vizinhos, fazendo amizade com os*

> *vizinhos. Foi aí que me levaram até o Charlinho[20]. Me levaram até ele e falaram: 'Olha, tem uma menina lá do Rio que tem experiência com comunidade'. Ele me chamou pra trabalhar com ele. E como eu não tinha mais nada pra fazer, eu falei: 'eu vou mesmo', porque eu gosto do povão. Eu me envolvi em invasão de terra lá, com o Charlinho. Ele foi prefeito, né? Mas eu ajudei muito na comunidade da Praia do Saco. Já ouviu falar da Praia do Saco? Atuei muito na comunidade, na igreja. Hoje aquela comunidade tem o direito de posse, que antes não tinha… Então, é assim, em cada lugar eu faço alguma coisinha, sempre em negócio de política".* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Apesar de relatar seu envolvimento na reivindicação de direitos para as comunidades em que viveu, Maria mostrava-se frágil e submissa quando se tratava de sua relação conjugal. Segundo ela, essa submissão devia-se a valores pessoais, definidos por dogmas religiosos. Por isso, teria retornado a Jacutinga, indo residir novamente com seu marido.

> *"E eu voltei de novo pra mesma casa, porque meu marido foi me buscar. Foi me buscar, porque a gente não podia se divorciar. Então, deixei o povão lá e vim de novo pra Jacutinga. Ele foi me buscar, porque na nossa religião, protestante, tem um problema: a gente não pode se divorciar[21]. Então, eu não podia me divorciar dele. Tinha que aguentar ele. Tinha que aguentar do jeito que ele era. Era a lei bíblica da igreja"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Para compreender esta situação, consideramos importante abordar conceitos como interseccionalidade e empoderamento, sempre os relacionando à realidade vivida por mulheres negras moradoras de uma comunidade empobrecida, em estado de relativo abandono pelo Estado, o qual tem sido ausente tanto em termos de políticas públicas quanto na simples consideração da comunidade como relevante para os interesses políticos dos grupos dominantes.

A antropóloga Sônia Santos, ao tratar da *interseccionalidade*, afirma:

> *"A literatura produzida no campo político e acadêmico por feministas afrodescendentes tem enfatizado a centralidade da interseção de 'raça', gênero, classe e sexualidade, não só no que se refere à compreensão do status marginalizado e das drásticas condições de vida a que as mulheres negras encontram-se sujeitas, mas também no que diz respeito à elaboração de estratégias sociais e políticas que transformem tais circunstâncias"* (SANTOS, 2007, p. 12).

---

[20] Carlos Busatto Junior, o *Charlinho Busatto*, foi vereador em Mangaratiba por dois mandatos (1989 a 1997), pelo Partido Liberal (PL). Em seguida, foi prefeito de Mangaratiba por dois mandatos consecutivos, de 1997 a 2004, ambos pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Depois, foi prefeito do município vizinho de Itaguaí, também por dois mandatos, entre 2005 e 2012, sendo que no primeiro foi eleito pelo Partido da Frente Liberal (PFL), e no segundo, pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

[21] Apesar de, na doutrina da Assembleia de Deus, haver permissão para o divórcio em casos de adultério, a entrevistada relata que havia uma grande rejeição ao divórcio em sua igreja.

Para entender a realidade relatada por Maria Santos, a interseccionalidade torna-se importante. Primeiramente, ela é negra e, como tal, passa por constantes situações de discriminação, seja dentro de sua própria comunidade, em seu deslocamento pelos bairros mais nobres do município em que vive e ainda em outros espaços em que precisa transitar. No entanto, ainda que enfrentando essas barreiras sociais, ela exerce influência política e tem um papel social essencial em sua comunidade. O racismo se constitui na expressão – diária e habitual – da discriminação racial, vivenciada por Maria, por outras mulheres e por toda a população de ascendência africana que reside no bairro.

Todavia, é importante ressaltar que a opressão racial experimentada pela mulher negra apresenta peculiaridades em relação àquela que vitima o homem negro. Em outras palavras, numa sociedade patriarcal como o Brasil, ainda que subjugados racialmente, os homens negros usufruem do poder masculino que confere a eles privilégios e vantagens sociais, aos quais as mulheres negras não podem acessar; relegando-as, assim, a status ainda mais inferior que seus pares masculinos dentro da hierarquia de gênero, condição esta que ocupa um lugar abaixo das mulheres brancas na pirâmide das relações de gênero.

Desse modo, um segundo elemento que impõe dificuldades sociais às mulheres negras se constitui na condição de gênero. No contexto das relações de gênero, as mulheres são consideradas como minoria social, mesmo que constituam maioria demográfica. As mulheres negras vivem os efeitos da discriminação de gênero tanto quanto as brancas, mas, devido à discriminação racial, as primeiras acabam por experimentar um tipo de desigualdade ainda mais complexo e perverso – a combinação do racismo com o sexismo – que as colocam numa condição tão singular que somente através de conceitos como a interseccionalidade será possível compreender como este tipo de opressão se materializa e se manifesta na vida e status das mulheres negras.

Neste sentido, o caso de Maria Santos possui os elementos necessários para exemplificar os efeitos materiais desta situação de iniquidade. Maria é uma mulher negra, casada com um homem branco. Um homem branco declaradamente racista e que trata a companheira com violência e desprezo, agindo na sua pretensa superioridade de homem e de branco. Essa pseudosuperioridade ganha reforço no aspecto religioso, que impõe à mulher o papel submisso de obediência cega às ordens do marido e de aceitação muda à violência e aos abusos por ele cometidos.

O relato de Maria é um exemplo de violência de gênero. A violência de gênero não consiste apenas na violência contra a mulher. Esta é englobada por aquela. A violência de gênero

está diretamente associada ao patriarcalismo, que tradicionalmente caracteriza as sociedades que valorizam o gênero masculino como dominante. A noção de patriarcalismo é pré-capitalista, pois tem sua origem na estrutura familiar, social e econômica do período colonial. Nesse sentido,

> *"(…) patriarcalismo era fundamentalmente a representação da figura de um indivíduo do sexo masculino, comandando escravos, homens e mulheres, seus filhos, esposa, concubinas e agregados em uma grande propriedade, na qual o centro do poder estava na casa-grande"* (REIS, 2001, p. 7).

A permanência do predomínio de certos indivíduos do gênero masculino sobre um grupo social específico é, assim, a permanência de relações sociais arcaicas, fundamentadas em um falso poder, muitas vezes restrito ao ambiente doméstico, mas que não se reproduz fora dele.

Vale ressaltar que gênero é um conceito socialmente construído, assim como são construídas socialmente as diferenças entre homens e mulheres. Assim, a categoria "sexo" destina-se à análise das diferenças biológicas entre os seres humanos masculinos e femininos. Por outro lado, a categoria "gênero" revela as características culturais e sociais que formam os conceitos de homem e mulher. Nesse sentido, explica a autora chilena Cecilia Castillo Nanjari:

> *"(…) o que é considerado masculino e feminino depende de cada contexto, de cada cultura, e pode variar de uma sociedade para outra. (…) Em outras palavras, gênero é um conceito que permite compreender de que modo a sociedade opera a construção do masculino e do feminino em relação a uma diferença sexual"* (NANJARI, 2009, p. 144).

Assim, a violência de gênero é um comportamento violento, fundado no conceito de superioridade social do gênero masculino sobre o feminino e do homem adulto sobre os demais grupos sociais. Em uma sociedade patriarcal, o uso da violência pelo homem é legitimada e perpetuada, inclusive por algumas de suas vítimas, como as mulheres e as crianças. A socióloga Heleieth Saffioti define como ocorre a violência de gênero:

> *"Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social* ***homens*** *exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência"* (SAFFIOTI, 2001, p. 115, grifo da autora).

A condição singular das mulheres negras, duplamente discriminadas e oprimidas, não foi compreendida inicialmente pelo movimento feminista, que além de não ser um movimento popular (onde a maioria das mulheres negras estava concentrada), era formado em sua maioria por feministas brancas pertencentes às camadas médias e altas, e mais escolarizadas

(CARDOSO, 2008, p. 3). As mulheres negras, especialmente as de Jacutinga, ainda estão muito longe de serem consideradas intelectuais, no sentido acadêmico do termo, pela elite intelectual que se pauta por valores sexistas e racistas. Apesar dos avanços das últimas décadas, as mulheres negras continuam sendo discriminadas na academia: elas são minoria, em todos os corpos docentes das universidades públicas brasileiras.

Dessa forma, o fato do movimento feminista ter sido organizado e conduzido em sua origem por intelectuais brancas das classes dominantes, fez com que se criassem barreiras para a compressão das condições de vida e restrições sociais a que as mulheres negras estavam sujeitas, de tal modo que suas demandas e necessidades eram quase invisíveis dentro do movimento, e assim permaneceram durante um longo período, tendo ainda reflexos nos dias atuais, pois ainda há em muitas organizações de movimentos de mulheres uma dificuldade quanto ao entendimento das especificidades da opressão que atinge as mulheres negras, devido à incompreensão (ou a recusa em compreender) sobre os efeitos do racismo. Em muitos casos, as mulheres negras ainda são pouco ouvidas dentro dos movimentos de mulheres mistos, pois não é permitida a elas a "autoridade da fala", típica do modelo de intelectualidade medida por parâmetros da ideia de branquitude ocidental burguesa com seus cânones acadêmicos.

Adicionalmente à discriminação racial e de gênero, algumas mulheres negras vivenciam uma terceira situação de opressão, que tem uma relação dialógica com as duas primeiras – a discriminação vinculada à classe social. Vivendo em uma comunidade periférica num município periférico, e que por sua vez, está localizado num país periférico, essas mulheres são desprovidas dos meios socioeconômicos e políticos necessários para acessarem os benefícios advindos da fase informacional do capitalismo, integrando, desta forma, marginalmente a sociedade capitalista: ingressam no mercado de trabalho exercendo funções que exigem baixa ou nenhuma qualificação profissional, ou ocupam posições precárias e desprotegidas pelas leis trabalhistas no mercado informal que alimentam a economia formal; fazem parte de um grande contingente do "exército de reserva".

Maria Santos só conseguiu concluir o ensino fundamental recentemente, em 2011, no CIEP em que seus filhos estudaram, através da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Já teve vários empregos. Em todos, exercia funções subalternas, nas quais servia (e serve), com declarado orgulho, a pessoas de classes sociais mais abastadas. Foi auxiliar de serviços gerais, copeira, balconista.

> *"Depois que eu criei os filhos no CIEP, fui eu que fui pro CIEP. É interessante isso, também, né? Depois dos meus filhos serem alunos, eu fui aluna do CIEP. Não tinha esse negócio de EJA. É assim que fala, né, EJA? Só era pras crianças, era horário integral. Lutamos pra conseguir de noite. Conseguimos.*

> *Mas a maioria das mães aqui iam e desistiam. A maioria era garotão. Eu me sentia uma velha. Mas eu não desisti. Não faltava a uma aula, minha querida [dirigindo-se à nora, que parou de estudar no sexto ano]. E batalhando. Não faltava a uma aula. Era a primeira que chegava. Em Matemática eu só levava I [Insuficiente]; eu era ruim mesmo. Eu me esforçava em tudo. Por isso, eu digo: volte a estudar. É muito bom. Faz falta. É uma pena que não tenha mais a EJA aqui. Tem que voltar. Eu queria voltar a estudar"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Desse modo, podemos observar a centralidade dessas três formas de opressão, que atuam simultaneamente na vida das mulheres negras, produzindo situações de vulnerabilidade social e de profundas desigualdades. Somam-se a essas circunstâncias a lógica da segregação espacial urbana ("apartheid urbano"), que cria muros invisíveis entre as áreas nobres e as áreas pobres da cidade, e aglutinam adversidades sociais e econômicas da própria relação dessas mulheres com o espaço em torno do lugar de moradia, o território de convivência com os diversos grupos sociais que residem no bairro, que constituem, também, elementos que potencializam as condições de desigualdade. É importante ressaltarmos que poucos quilômetros separam Jacutinga dos bairros mais nobres de Mesquita. Porém, esta distância se multiplica quando analisamos as desigualdades socioeconômicas entre territórios tão próximos espacialmente.



Figura II.8. CIEP 431. Fonte: http://ciep431ninomiraldi.blogspot.com.br/2012/08/dia-da-familia-na-escola-18082012.html.

CAPÍTULO III. PROBLEMAS, SOLUÇÕES E UTOPIAS

Os relatos da entrevistada Maria retratam uma comunidade, criada em Jacutinga, abrigava mulheres que, acompanhadas por seus filhos, fugiam da violência, do desrespeito, da humilhação. De acordo com ela, essas mulheres almejavam uma segunda chance. Uma chance de recuperar a autoestima, o orgulho de si mesmas, o amor próprio. Maria afirmou que ainda tiveram que enfrentar muitas discriminações. Discriminações, por serem mulheres, por serem negras, por serem pobres, por não estarem acompanhadas por homens, por residirem em uma comunidade periférica.

> *"A maioria é negra. Aquelas mulheres que chegaram aqui eram negras. Morenas. Passou de morena, negra é. A gente sofria discriminação na Prefeitura, na Ceasa. Como eu te falei, a gente precisava alimentar as crianças. Então, a gente tinha que fazer um abaixo-assinado de várias pessoas aqui da própria comunidade pra poder ir pra Ceasa. Então, o que a gente fazia? Fazia um abaixo-assinado nas igrejas evangélicas – tem muita igreja aqui dentro – pra poder ir pra lá. A gente era discriminada porque era muita mulher. Não tinha quase homem. Mas, mesmo assim, a gente enfrentava isso aí pra trazer o pão de cada dia pra comunidade"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Quando questionada sobre o que mais gosta em Jacutinga, Maria é direta. O lugar lhe traz boas e más lembranças. Para ela, Jacutinga foi, ao mesmo tempo, local de sofrimento e de superação.

> *"Posso ser sincera? Olha só, eu não gosto de nada aqui. Nada aqui me chama a atenção, nada. Agora, uma coisa que vai ficar marcada na minha vida é que foi aqui que eu aprendi a ser uma grande mulher. Então, tem uma marca, né? Aprendi a ser uma grande mulher, apesar de tudo o que eu passei aqui nesta comunidade. Aprendi a capinar, aprendi a não passar fome, aprendi a correr atrás de terra pro pessoal… Então fica uma coisa marcada. Hoje você vê, isso aqui é uma cidade. Antes não era uma cidade. É como meu filho*[22] *falou: isso aqui era puro mato. Não tinha nada. Então, o que eu gosto de hoje é o CIEP, tem mercado aqui dentro. Pra comunidade tem grande coisa. Pra mim mesmo, não tem grande valor, não. Eu moro aqui por necessidade. Se tivesse condições, ia embora. Ia embora daqui. A maioria do povo quer ir embora. Por que quer ir embora? Porque aqui, como eu te falei, a gente invadiu sabendo que era um pantanal. Era um pantanal, e vai sempre encher d'água. Vai sempre transbordar de água. Então, não é um lugar muito seguro. É um lugar mais, assim, pra esconderijo, pra poder sair do aluguel, pra poder sair de certas confusões de casais, pra ter nossa própria casa. Então, a comunidade nossa foi feita só pra isso, mas a maioria já foi embora. Está morando em lugares melhores do que esse aqui. E eu continuo aqui porque ainda não consegui comprar uma boa casa, a casa que eu quero. Mas um dia eu pretendo sair daqui. Um dia eu pretendo. Por enquanto…"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

As enchentes, que se repetem a cada verão, constituem problemas de difícil solução em Jacutinga. A área localizada no quarteirão limitado pelas Ruas Ana Peixoto, Barros Peixoto,

[22] Samuel, que nos recebeu na residência de sua avó materna.

Aimoré e a linha férrea é, certamente, a mais afetada pelo transbordamento das águas do Rio da Prata, que banha a área. Os depoimentos de moradores reiteram a ocorrência de enchentes como o principal problema do local. Como nos fala Maria Santos:

> *"Como eu te falei, a nossa encrenca aqui é a enchente. Brigamos muito por esse rio aí. Ele banha de Nova Iguaçu, vai indo pra Pavuna, e vai embora, Vale do Ipê. Então, esse rio aqui é o nosso grande problema, porque a Prefeitura não mete o dedo nesse rio. Como eu te falei: ali tem dedo da Prefeitura de Nova Iguaçu, Mesquita e a Rodovia. Então, nenhum dos três faz nada. A gente fica abandonada aqui. Eles só aparecem quando tem eleição. Só vem aqui pra beijar as crianças, pegar as crianças no colo e prometer coisas que não vão cumprir. Nossa briga aqui é esse rio, porque, arrumando esse rio, não vai encher. Eu ganhei um guarda-roupa lindo, mas sei que vou perder ele, porque sempre vai encher esse rio"* (Entrevista concedida em maio de 2014).



Figura III.1. O valão que passa sob a Linha Férrea Auxiliar e o lixo em sua margem.
Foto do autor (junho de 2014).

Rosely de Paula, moradora de Jacutinga há 39 anos, reforça as palavras de Maria Santos:

> *"A preocupação da gente é mais a enchente aqui. A limpeza do rio, que tinha que ser canalizado, que aí ninguém jogava mais lixo. Também aí não é o prefeito; é a gente. Assim, as pessoas jogam o esgoto. Aqui não enchia. Aqui não tinha nada. Meu filho que morreu tinha três anos quando eu levei a família da minha sogra pra minha casa, porque a casa dela encheu. As pessoas jogam*

> *guarda-roupa, jogam sofá, jogam cama, tudo no rio. Acaba entupindo. Aí o problema não é do rio. O único jeito que seria uma boa seria o prefeito juntar e fazer a encanação. Fazer o rio já canalizado. E ninguém jogar mais nada. Quando quiser jogar, jogar no seu quintal. Quanto mais sujeira, mais vai subindo a água. A minha rua enche. Mas dá pra passar. Mas pra cá é pior. O pessoal daqui sofre. Porque aqui entra água demais. Aqui é o foco"* (Entrevista concedida em outubro de 2013).



Figura III.2. Vista do valão, de linha férrea e de casas de Jacutinga. Foto do autor (junho de 2014).

Rosely, que mora em uma área menos periférica de Jacutinga, entre o CIEP e a Avenida Dona Delfina Borges, ressalta que na sua rua a quantidade de água é pouca e, reforça, "a minha casa não enche". Todavia, reconhece que os que moram nas ruas localizadas atrás do CIEP sofrem muito mais com as enchentes. Maria Santos é uma dessas moradoras:

> *"Nós pretendemos subir a casa porque continua enchendo. E vai continuar enchendo, porque isso aqui é uma bacia. Se você for na Dutra e passar ali de carro, você vai ver que isso aqui é mais baixo. Quem mora em cima, muito bem. Quem mora embaixo, não adianta arrumar, que vai encher d'água. Nós estamos cercados de rios aqui. Esse rio vai pra Pavuna. Isso aqui era um pântano. Nós é que invadimos o pântano. Não foi o pântano que invadiu a comunidade. Deu um temporal de meia hora, vai encher aquele rio. A primeira a sofrer vai ser a minha mãe, que mora lá na frente, e já é uma senhora de*

> *idade. Vai ter que subir rapidamente pra casa de Samuel[23]. Eu vou ter que subir rápido pra casa de Gabriel. Saio pra trabalhar e deixo a porta aberta. Se chover, meu filho entra, pega o que é mais necessário, e o resto, deixa a água levar. E é muita água, muita água. Ela brota do chão, é um brejo. Você vê saindo do piso, a água assim. Não tem como tirar a água. Tem que esperar parar de chover, pro rio descer e liberar aquela água podre. Vem esgoto, vem merda, vem bicho, vem tudo. Até aquela bicha[24] que eu odeio, ela vem junto. Então tem que esperar tudo baixar, pra depois lavar a casa toda. Todo ano a gente perde tudo. Então a solução é fazer em cima aqui dois cômodos pra não perder as coisas de novo"* (Entrevista concedida em maio de 2014).



Figura III.3. Vista da Rua Ana Peixoto e do muro do CIEP. Foto do autor (junho de 2014).

As enchentes recorrentes em Jacutinga consistem em um exemplo claro do descaso das diversas esferas do Poder Público com as populações das áreas marginalizadas. Estando à margem do mercado formal de trabalho, a maioria da população apresenta baixa escolaridade e vive em condições precárias, pois as construções são precárias e, mais ainda, a estrutura das ruas é precária. O pequeno senso de organização dos moradores permite que inexistam políticas públicas destinadas à melhoria das condições de vida do local.

[23] Samuel, filho mais velho de Maria, construiu sua casa em cima da casa da avó, localizada no primeiro terreno do quarteirão. Gabriel, filho mais novo, construiu sua casa em cima da casa da mãe. Juliana não mora mais na comunidade. "Paga aluguel, lá em Nova Iguaçu".
[24] Cobra.

As obras, quando ocorrem, têm fins eleitoreiros e são de baixa qualidade. Quando são realizadas grandes obras, não têm como fim principal trazer benfeitorias para a comunidade. Podem ser até prejudiciais ao bairro. É o caso da estação de tratamento de esgoto que está sendo construída na área até recentemente ocupada pela principal praça de Jacutinga. A promessa feita por diversos políticos era de que seriam construídas quadras esportivas, além de serem instalados brinquedos na praça.



Figura III.4. Lixo e entulho se acumulam na calçada do CIEP Padre Nino Miraldi.
Foto do autor (junho de 2014).

O que mais chama a atenção é que a estação de tratamento de esgoto tem o nome de Santo Elias, bairro vizinho de Jacutinga. A principal impressão que os moradores têm é de que a obra estava prevista para Santo Elias, mas, devido à articulação política dessa comunidade, foi transferida para Jacutinga, onde a resistência foi tímida, para não dizer nula. A comunidade não tem certeza se a obra trará benefícios. Todavia, é maior a desconfiança de que traga mais problemas, para se somarem aos muitos já ali existentes. Sandra Ferreira, moradora do bairro há 45 anos, resume a insatisfação d os moradores.

> *"A questão é que iam construir uma praça e, de repente, colocaram ali um esgoto. Então, a insatisfação nossa – eu acredito que seja geral – é com a construção desse negócio ali. Porque iam fazer uma praça e, de repente, trocaram e botaram ali"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria Santos reforça as palavras de Sandra:

> *"E o que estão fazendo na praça agora? Uma estação de tratamento de esgoto com o nome de Santo Elias. Mas está errado: é Jacutinga. Porque agora eu estou trabalhando, se não ia brigar por esse negócio aí. Não tinha nada a ver aquilo ali com a nossa praça. Eu queria que ali fosse a nossa praça. As antigas líderes aqui já morreram. Só sobrou a Dona Maria. Mas agora eu estou trabalhando. Se não, eu ia brigar, porque o negócio está lá, na nossa praça. Santo Elias é do valão pra lá. Esse lado é Jacutinga"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

O relato da vida de Maria Santos mistura lutas e sonhos. As lutas envolvem a necessidade de uma moradia digna, a criação dos filhos, a necessidade de se considerar uma grande mulher. Os sonhos envolvem o desejo por um futuro melhor, apesar das aparentes marcas do passado.

> *"E eu cheguei onde eu estou agora, com o corpo todo machucado, ferida a alma, pedindo a Deus pra me dar o dom do perdão. Como eu vou passar pra outras mulheres se eu mesmo não perdoei? Mesmo sabendo que é difícil, mas Deus me deu coragem e pude ajudar pessoas que passaram coisas piores do que eu, que os homens queimavam com a faca, cortavam com a faca, furavam com a agulha, eu tinha o que falar, porque eu sofri isso aí. E o final da minha história é o seguinte: eu sofri durante 23 anos, caladinha. Mas, depois que eu entrei aqui na minha comunidade, eu aprendi a abrir a boca. Fui pra Delegacia das Mulheres, porque aí passou a existir a Lei Maria da Penha, né? Chamou ele lá, depois da Lei Maria da Penha[25], enquadrou ele lá, bonitinho. Falou: 'Quero ver você bater nela agora. Antes ela ficava quieta. Agora quero que você faça isso'. Mas ele não teve coragem. Aí ele ficou fichado lá. Ela até falou pra mim, a delegada: 'Você trazia mulheres pra mim. Agora você é que está vindo'. 'Sou eu mesma. Agora tomei coragem. Coragem pra denunciar'. Denunciei meu próprio marido. Denunciei. Levei meus filhos. Virei amiga do delegado e dos policiais lá de Nova Iguaçu. Ela disse: 'Olha, ela agora é uma mulher ativa. E ela vai se divorciar de você. Você nem sonha de ir atrás dela, porque pode estar na mão do diabo, eu te tiro da mão do diabo e dou um tiro na tua cabeça'. Ele foi pra Bahia, me deixou em paz. Mas ele falou pra mim: 'Nunca vou te dar pensão, nunca vou dar nada pros seus filhos. Seus filhos. Até hoje, nunca me deu nada. Mora na minha casa. Casou com outra mulher. Mora na minha casa. Nunca deu nada pros filhos. Nunca deu nada pra filha. E as marcas que me deixou. Apesar dele, eu sou uma grande mulher"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria Santos, depois de retornar de Mangaratiba, voltou para a mesma casa, em Jacutinga. Porém, após relatar ter sofrido mais uma agressão, apresentou denúncia na Delegacia da Mulher de Nova Iguaçu contra seu agressor. Maria já era conhecida na delegacia, por lá já ter comparecido diversas vezes, acompanhando mulheres que sofriam com a violência conjugal.

[25] Lei nº 11.340, publicada em 7 de agosto de 2006.

> *"Antigamente tinha também a Delegacia da Mulher, uma delegada chamada 'Marrone'[26], ô mulherzinha ruim. A mulher era ruim. Mas pelo menos recebia a gente na Delegacia da Mulher. Porque antigamente não tinha esse negócio de Lei Maria da Penha, não existia. As mulheres daqui são mulheres que sofreram estupro, apanhavam de homem. Eu fui uma dessas, estuprada, apanhava muito do meu marido. Mas, mesmo assim ele veio pra cá comigo, morar na mesma casa. Depois eu me divorciei. Esse lugar aqui era pras mulheres sofridas, mulheres que sofriam abusos sexuais, que sofriam com os maridos, que sofriam alguma coisa assim, psicológica, mãe que foi nova assim, com uns quinze anos, então essa comunidade foi feita pra essas mulheres carentes, como eu. Eu pagava aluguel, mas não era feliz, eu sofria estupro, eu sofria pancadaria. Eu casei assim, bonitinha. Então, quando eu vim pra cá, eu sabia que ia ter uma comunidade que ia me ajudar, uma ajudando a outra. 'Ei, eu apenhei, eu sofri estupro...' Então, virei uma líder. Nós tínhamos uma associação de mulheres. Então, chegando ali, o que ia acontecer? Ela ia passar isso pra delegacia da Marrone, ela ia vir aqui, ou eu ligava pra ela, ela vinha e: 'Bateu? Então agora você vai levar'. Porque ela era assim. Ela era da Delegacia da Mulher de Nova Iguaçu. Hoje não está mais lá. Mudou tudo agora. Tem muitos anos isso"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

A pedido da filha, Maria retirou a queixa que havia formalizado contra o marido. "A minha filha falava: 'mãe, não deixa o meu pai ir preso, não'." Mas, enfrentando, segundo ela, a discriminação da família e da comunidade religiosa que frequentava, bem como seus próprios preconceitos, Maria decidiu se divorciar.

> *"Eu procurei um bom advogado, até advogado do PT, o Carlos Ferreira, o Ferreirinha[27]. Ele disse: 'Eu faço seu divórcio de graça'. Foi então que ele fez, mas o homem sumiu da área. Foi o próprio juiz que fez meu divórcio. Ele está aí, morando com outra pessoa, e eu estou aqui, no mesmo lugar que eu sofri as penas"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Como eram casados em regime de comunhão parcial de bens, todos os bens adquiridos após o casamento deveriam ser divididos entre os ex-cônjuges. A casa foi dividida: a parte da frente, com portão para a Rua Ana Peixoto, ficou com seu ex-marido. A parte de trás, com portão para uma servidão de passagem utilizada pelas famílias que moram nos terrenos localizados atrás de sua casa, ficou com Maria. Ambos casaram novamente. Manoel vive com a companheira e seus cinco filhos. Maria vive com seu companheiro, Antonio Silva, e com Simão, seu quarto filho, um bebê, adotado.

> *"Ele casou de novo. A mulher dele tem cinco filhos. E veio morar na minha casa. Eu pretendo um dia sair daqui de cabeça erguida, ir morar numa boa*

[26] Alusão a Kate Mahoney, personagem da série de televisão *Dama de Ouro* (o título original era *Lady Blue*), veiculada na rede de televisão norte-americana ABC entre os anos de 1985 e 1986. A personagem principal, interpretada pela atriz Jamie Rose, era uma investigadora da polícia de Chicago, cuja principal característica era a brutalidade com que enfrentava os criminosos. Devido à baixa audiência, teve apenas treze episódios. No Brasil foi veiculada na Rede Globo no final da década de 1980, apresentando relativo sucesso popular [http://www.tvsinopse.kinghost.net/d/dama.htm].

[27] Carlos Roberto Ferreira é vereador de Nova Iguaçu desde 1997. Está, portanto, em seu quinto mandato consecutivo, sempre se elegendo pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

> *casa, cuidar dos meus filhos, dos meus netos. Eu tenho três netos. E que o homem que botou esses problemas na minha vida não venha a ver os problemas que eu tenho. E tomando bastante remédio pra não morrer. Porque agora eu tenho uma nova vida pra cuidar. Também bem sofrido. Não era nem pra estar vivo. Por isso que eu peguei ele, porque tem o mesmo sofrimento do que eu. Ele ia morrer. Deus me deu essa oportunidade de, ganhando salário mínimo, cuidar de uma criança assim. A mãe rejeitou ele. Não queria nem ver ele"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Não há como negar que os anos de agressões físicas e morais deixaram sequelas no corpo e na alma de Maria. Ela é hipertensa e diabética. E atribui esses problemas à violência que lhe foi imposta pelo ex-marido. Entretanto, tenta escondê-los, pois sabe que pode ser prejudicada em seu trabalho, se seus empregadores descobrirem as suas doenças.

> *"Eu posso morrer a qualquer momento. Segunda-feira eu passei mal no serviço. Minha pressão foi a 19. Eu tenho dor na cabeça. Eu tenho uma doença terrível, que mexe com o meu emocional. Sabe o que eu tenho hoje? Diabetes. Mas ninguém sabe a doença que eu tenho, não. Eu não mostro pra ninguém, senão, não ia ser empregada, né? A minha diabetes é muito alta. Chega a 500, ela me derruba. Aí eu começo a inchar, inchar, inchar… A minha alimentação é toda controlada. Mas é o meu emocional. Se eu fico alegre, eu fico bem. Se eu começo a pensar nos meus problemas, eu começo a passar mal. É um problema que eu vou morrer com ele. Na minha família ninguém tem. Tudo veio através dos espancamentos. Foi o que ele me causou"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Além da diabetes, Maria guarda grandes cicatrizes no corpo. As marcas não permitem que ela esqueça as dores. Quando fala desses sofrimentos, ela parece reviver as agressões, sofrendo novamente.

> *"Então, eu estou sempre tomando remédio. E tem sempre alguém que me fala que ele deseja minha morte. Cada vez que ele me vê, eu estou diferente. Eu mostro que eu não estou isso que ele pensa. Não me mostro decaída. Jamais! Quando eu saio pra trabalhar, eu vou uma outra Maria. Não falo mais com ele. Nem vou falar mais. Nem tem como. Não tem mágoa, mas falar com ele, eu não falo. E tem outra coisa: eu sinto dores. Não é na alma, não. Eu sinto dores onde ele me machucou. Sofro em consequência dos socos. Porque a gente tem um corpo fino… Posso mostrar?* [Maria levanta a blusa, mostrando uma enorme cicatriz no abdome e apalpa uma protuberância no lado esquerdo do abdome.] *Aqui tem um caroço. Tem um outro aqui. Esse 'ovo' que está aqui foi um chute, o último chute que ele me deu quando ele arrancou o meu cabelo. Bobeira. Sabe o que foi? Foi uma festa de casamento que as minhas crianças iam pra poder comer e dormir com a barriguinha cheia. Casamento aqui da igreja. Eu falei pra ele assim: 'Amor, eu vou levar as crianças na festa pra comer bolo, porque aqui em casa não tem comida'. Ele: 'Você não vai ficar na festa. Só vai na cerimônia'. Eu: 'Eu vou levar eles assim mesmo'. O Gabriel, sentado, já dormia ali, de fraqueza de fome. Levei eles. Quando cheguei, uma hora da manhã, ele me trancou no quarto. Mas apanhei muito.* [Mostra novamente a protuberância no abdome.] *Eu fui no médico ver isso aí. É uma carne esponjosa que ficou na minha costela. E essa carne esponjosa pode virar um câncer. E o medo de voltar lá pra ver isso aí? Por isso que eu digo pra você que eu sou uma grande mulher. E foi assim que eu vim aprender a abrir a boca. E eu vou ajudar qualquer uma que aparecer. Eu vou fazer a mesma coisa. Eu queria ser uma mulher de poder mais alto pra ajudar essas mulheres aí. Essa é minha*

> *história: estupro, pancada. E ele não bebe, não cheira, não fuma. E todos os meus filhos têm problemas de saúde: Samuel é hipertenso, Gabriel é hipertenso, Juliana tem vários problemas de saúde. Cada um tem uma marca"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Apesar de relatar ter sofrido tanto, Maria mostra-se orgulhosa. Disposta a ajudar outras mulheres, sua autoestima é elevada: "eu sou uma grande mulher". Quando a tristeza ronda, Maria se lembra da grande mulher que ela é.

> *"Tá doendo, tá doendo. Porque toda vez que vira o tempo, isso aqui dói. E dói muito. E eu estou arriscada a nascer esse problema de doença aí. E, pra você ver, eu estou emagrecendo. Estou me acabando. Não é por causa do serviço, não. É por causa da diabetes que eu estou me acabando. Estou emagrecendo. Vou-me embora. Eu sinto muita dor nas pernas, muita falta de ar"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

A violência de gênero, associada ao racismo, perpetua-se, mesmo que não ocorra mais de fato. Segundo Heleieth Saffioti, a "violência simbólica impregna corpo e alma das categorias sociais dominadas" (SAFFIOTI, 2001, p. 118). A mesma autora esclarece que, devido ao patriarcalismo, é comum que as mulheres sofram durante anos, por vezes a vida toda, mas não reajam. Não se trata, porém, de aceitação da violência de gênero. "'Aceitação da violência' é uma expressão muito forte (…). Parece que a questão é de falta de alternativa numa sociedade machista" (SAFFIOTI, 2001, p. 132).

Maria chora. Mas, rapidamente se recompõe. Ela quer se mostrar forte, para si e para o mundo. Ela afirma querer ser um exemplo de superação para outras mulheres.

> *"Eu não estou triste, não. Estou bem, estou bem. Só dói um pouquinho na alma, mas estou bem. Tem mais um detalhe: eu não consigo ser feliz. Não sou feliz. Em relação à vida conjugal, assim, eu me sinto a pior mulher do mundo. Porque eu não tenho mais um corpo bonito, eu não sou mais a pessoa que era pra ser. Mas, quando eu lembro disso, eu lembro de outras coisas: não, Maria, você é uma grande mulher. Você venceu todas as barreiras nesse lugar aqui. Você mostrou pra ele que você pode. E eu posso. Eu posso sabe por quê? Porque o que está em mim é a minha coragem, a minha sede de sobreviver e ser uma grande mulher. Como a Lupita. Essa Lupita é uma grande atriz[28]. Só quero ser uma grande mulher pra poder ajudar as outras a vencer essa barreira do preconceito. Preconceito de sexo, preconceito de ser mulher. E eu sempre falo pras pessoas: há uma chance ainda de você recuperar isso. Eu passei por isso; você também pode passar. Aqui mesmo têm outras pessoas que sofrem com*

[28] Lupita Amondi Nyong'o é uma atriz queniana, nascida na Cidade do México, em 1983, onde seu pai, queniano, era professor universitário de Ciência Política. Lupita foi para o Quênia com apenas um ano de idade, retornando ao México aos 16 anos, para aperfeiçoar o espanhol. Graduou-se em Cinema e Teatro nos Estados Unidos. Foi a primeira queniana a ganhar um Oscar, de Melhor Atriz Coadjuvante, pelo filme *Doze Anos de Escravidão* (*12 Years a Slave*), em 2014. No mesmo ano, foi eleita a mulher mais bonita do mundo pela revista norte-americana *People*. Seu nome é um diminutivo de Guadalupe, uma homenagem de seus pais à Nossa Senhora de Guadalupe, santa padroeira do México [http://www.blogdouniversitarioafricano.com/2014/03/a-diva-queniana.html].

> *isso, mas sofrem caladas. Eu digo: 'Tu viu o que eu passei. E como é que eu estou hoje. Eu consegui sair do buraco. Tu também vai conseguir'. Esse lugar aqui tem marcas"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria fala do preconceito de gênero, por ser mulher. Seu relato é marcado pelo peso de ser mulher em uma relação marcada pelo sexismo, pelo machismo conservador. Machismo que nada exige do homem, mas tudo cobra da mulher. Ao mesmo tempo, a interseccionalidade do preconceito seria um dos fatores que explicariam o comportamento violento contra a mulher e, não apenas mulher, mas mulher negra.

> *"É porque eu sou negra. Ele não gosta de preto. Era pra ele ter casado com outra pessoa, ser feliz. Eu sou feliz porque eu tenho meus três filhos, dele. Porque o resto… O que mais me chateia é que ele mora na minha própria casa. Volta e meia eu vejo ele"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria continua desejando uma vida melhor. Entretanto, ela afirma desejar uma vida melhor em um mundo melhor. É a utopia de um mundo melhor, mais justo, menos desigual, menos violento, com mais solidariedade. Em relação à utopia, escreve a autora afroamericana Angela Davis:

> *"Eu realmente penso que utopia é quando a gente se move em novas direções e visões. Utopia no sentido de que necessitamos de visões para nos inspirar e ir para frente. Isso tem que ser global. Precisamos achar um modo de dar conta e saber como vamos interligar nossas lutas e visões e chegar a algumas conclusões sobre como desenvolver novos valores revolucionários e, principalmente, como desatrelar valores capitalistas de valores democráticos"* (DAVIS, 2004, p. 6).

Contrariamente ao que define o senso comum, utopia não é uma realidade impossível, puramente imaginária, sem possibilidade de se concretizar, tal como a ilha inexistente retratada na *Utopia*, escrita pelo inglês Thomas More e publicada em 1516. Uma visão utópica é uma visão otimista, buscando o (aparentemente) impossível; é a realização do irrealizável. Defendendo a validade do pensamento utópico, Antônio Andrioli afirma:

> *"Uma utopia, portanto, não é algo ilusório, e sim algo 'que não é, mas pode vir a ser'. Neste sentido, para mudar a realidade, evidentemente, não basta ter uma utopia, é necessário identificar as contradições históricas objetivas que apontam para a possibilidade de superação real. (…) Uma utopia, entretanto, deixa de ser uma ideia abstrata se estiver fundada no movimento histórico real, e se transforma naquilo que Ernst Bloch identifica como uma 'utopia real': a intenção utópica de avançar, o princípio esperança, a antecipação real daquilo que não é garantido vivenciar, mas que move a humanidade e dá real sentido ao viver"* (ANDRIOLI, 2006, p. 1).

As experiências cotidianas têm tanta importância para a análise da sociedade quanto as construções teóricas. Os Estudos Feministas, em especial os do Feminismo Negro, enfatizam que não há teoria sem a prática, sem a realidade social. As formulações teóricas, que tentam

explicar e categorizar as práticas sociais são sempre insuficientes para englobar toda a diversidade em que a realidade se apresenta. Realidade que é múltipla e plural, visto que é percebida e interpretada de tantas formas quantas forem os atores sociais nela envolvidos.

Assim, é tendência do feminismo, especialmente do feminismo negro, considerar as diversas vozes dos atores sociais, cada um a partir do seu ponto de vista, contribuindo para um todo maior que a soma das partes. Luiza Bairros, analisando o pensamento da autora afroamericana Patrícia Hill Collins, afirma:

> *"A autora considera como contribuição intelectual ao feminismo, não apenas o conhecimento externado por mulheres reconhecidas no mundo acadêmico, mas principalmente aquele produzido por mulheres que pensaram suas experiências diárias como mães, professoras, líderes comunitárias, escritoras, empregadas domésticas, militantes pela abolição da escravidão e pelos direitos civis, cantoras e compositoras da música popular"* (BAIRROS, 1995, p. 463).

Nesse sentido, o registro do depoimento de Maria Santos consiste em um exemplo da interseção de opressões e discriminações. Associada à questão de gênero e à sua condição socioeconômica, a questão racial permeia o discurso de Maria. O racismo está em todos os lugares, durante todo o tempo.

> *"Até hoje eu sofro isso aí. No trabalho, na escola, quando eu estudava à noite, eu sofria isso. Isso deveria acabar. Só que eu levava tudo na brincadeira. Outro dia me botaram o nome de Lupita. Não sei se você conhece quem foi Lupita. Ela fez um papel de escrava lá nos Estados Unidos. Ela ganhou um Oscar. Uma negra que fez um papel de escrava muito bem feito. Então, me chamam de Lupita. Ainda bem que é uma atriz, mas até hoje tem discriminação. Você vê esta criança: é um bebê branco. Eu passo com ele na rua, até mesmo o pessoal da comunidade diz: 'Maria, que neném branco é esse?' Eu digo: 'Mas o pai é branco'. Negra não pode ter filho branco, não? Então, há discriminação. Eles sabem que é adotado. Então, já discriminam porque o meu neném é branco e eu sou negra. Mas foi das grandes negras que saiu esta comunidade aqui. Porque a Rose era negra, eu sou negra, a outra do 600, lá embaixo, era negra. Já morreu. Só tinha negra que comandava aqui. Hoje, eu me sinto uma mulher negra realizada, porque eu consegui ver a luz, ver a comunidade com casa e os filhos dos filhos, hoje, serem grandes homens e grandes mulheres. Eu sou feliz porque eu vejo o pessoal todo bem"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Essa vontade de ver o bem do outro, o bem comum, o bem de todos está sempre presente no discurso de Maria. Segundo ela, sua felicidade está diretamente associada à felicidade das outras pessoas, principalmente daquelas que, assim como ela, passam ou passaram por privações, humilhações, agressões, abusos.

> *"É isso aí! Chegou onde eu queria. Eu fico feliz em ver as pessoas bem. Se as pessoas que sofreram ficarem bem, eu estou bem. O melhor presente do mundo é saber que aquela pessoa que passou comigo aqui hoje está melhor do que eu. O meu ouro é esse daí. Você chegou onde eu queria. O tema é: a*

> *minha felicidade é ver o pessoal daqui bem"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria afirma que sua utopia é ver sua comunidade melhor, é ver os sofrimentos comuns e individuais acabarem. E sua revolta é com o abandono da comunidade e de seus moradores pelas diversas esferas do Poder Público.

> *"Se eu trabalhasse na Prefeitura, eu ia abrir uma creche para os idosos, para as crianças e para os drogados, porque aqui tem muita gente que cheira. Na comunidade eu queria isso: uma creche pras crianças, porque as mães trabalham; e um asilo pros idosos. O meu neném, por exemplo, uma menina toma conta dele pra mim. Eu pago duzentos reais. Mas não é do governo. As crianças e os adolescentes estão morrendo aqui. Já é do tempo dos meus filhos. Do lado da minha casa tem um menino que cheira. Ele é viciado desde criança. Não poderia alguém ajudar essa pessoa a sair disso? Mas não tem. Eu fico triste porque a comunidade está carente, mas ninguém vê isso. Só vêm quando tem a política. Aí vem o prefeito, vem Fulano, vem Beltrano"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria demonstra nostalgia em relação ao tempo de início da ocupação do local. Tempo difícil, mas quando, segundo ela, havia união entre os moradores. O individualismo dos dias atuais, a saída dos pioneiros, o crescimento demográfico e a urbanização da comunidade são fatores que explicariam o enfraquecimento dos laços de solidariedade entre os vizinhos, resultando em maiores dificuldades para resolver ou, ao menos, diminuir os problemas da comunidade. A capacidade de organização que as mulheres de Jacutinga tinham para reivindicar seus direitos teria se perdido com o passar do tempo, com o falecimento de algumas e a saída de outras da comunidade.

> *"A gente não tem ajuda nem do governo, nem ajuda religiosa. Mas a minha revolta é isso. Eu vejo em comunidades carentes, todas têm uma associação pra ajudar o povo. Aqui não tem. Quando precisasse de alguma coisa, ia lá na associação de moradores. Então, a associação é pra ajudar a comunidade. Aqui tinha associação, mas, que eu saiba, agora acabou. Quem entra não fica. Não são guerreiros. Sempre quem entra é homem. Não estou dizendo que os homens não são guerreiros, mas param. Não pode parar. Isso aqui tem uma história, gente, tem uma história. A sede era na rua do colégio, que hoje é um bar. Virou um bar. Na esquina. Agora, acabou a associação de moradores. Antigamente, ninguém passava fome aqui, não. Não passava mesmo. Era perigoso, assim, pra sociedade de fora ver a gente. Mas não era, não. A gente era muito unido mesmo. Essa união acabou porque cresceu um pouco aqui dentro. Virou, vamos dizer assim, uma cidade. E veio gente de outros lugares morar aqui. Invadiram algumas casas. Outros passaram a casa. Muita gente saiu. Muita gente morreu aqui dentro. A maioria dos novos está vindo do Norte, Bahia, Cidade de Deus. Muita gente vindo corrida, porque aqui é muito calmo. Esse silêncio que você está vendo aqui é o tempo todo: é Carnaval, Natal. Silêncio. Mas é um silêncio meio perigoso. Fez, pode contar…"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

O discurso de Maria permite a percepção de um importante fator para o fechamento da associação de moradores: a violência da comunidade, agravada pela chegada de novos

moradores, sendo que alguns, segundo ela mesma, vieram “corridos” de outras comunidades. Buscando, por meio do discurso, valorizar sua comunidade, Maria chega a ser contraditória quando fala da violência no local.

> *“Aqui dentro? A realidade é a seguinte: o lugar sempre foi bom. Nunca teve mortandade, como a gente vê nesses morros aí da vida. Aqui sempre foi um lugar calmo. Agora o pessoal de lá da cidade é que está invadindo Jacutinga. Estão vindo do Rio pra cá. Porque aqui sempre foi assim. Natal você não vê festança aqui. Carnaval você não vê nada. Até mosca quando passa você escuta o barulho. O lugar é ótimo pra se viver. São as pessoas que estão vindo lá da Zona Sul, lá dos morros, e entrando aqui pra se esconder. Mas também não se criam muito, não. Porque também vão lá pro valão. O lugar aqui é ótimo. Se não tivesse casa nenhuma aqui você ia ver que ventinho gostoso. Tranquilidade. Você ouve barulho de bicho. O lugar aqui é o melhor lugar pra se morar. Tirando a enchente. Mas é bom. Não tem violência, não. Você só vê assim, uma vez ou outra, como eu te falei. Errou, pá. Fora disso, não. Quando a polícia entra aqui é por causa de furtos e crack. Fora disso, é essa tranquilidade que você está vendo aí”* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Os problemas da comunidade se acumulam. A acessibilidade ao bairro é um desses problemas. Uma cooperativa de kombis é responsável pela ligação de Jacutinga com o bairro de Edson Passos, onde há uma estação ferroviária do ramal Japeri, no limite com o município de Nilópolis. O outro meio de transporte coletivo que atende a comunidade é o ônibus, que liga o bairro ao centro do município vizinho de Nova Iguaçu. Por não existirem opções, o serviço de transporte é precário.

> *“Agora, depois da última eleição, foi até um político que ganhou e colocou essas Kombis aí. Antes, era 'Viação Canela', ou, então, você pegaria o Jacutinga, que é o 'Corninho'. A gente chama de 'Corninho' porque ele é muito pequenininho. Depois de a gente brigar bastante, é que veio um maior. É uma lata de sardinha. Esse Jacutinguinha aí já era pra ter mudado há muitos anos. Há trinta anos, a Jacutinga nunca concorreu com outra empresa. O BNH* [bairro próximo] *tem o Austin, ele tem ar condicionado, já mudou os bancos, já mudou tudo. O ônibus da empresa Turvia até hoje não mudou. Continua verdinho, safado, sem vergonha. Os bancos caindo. Os motoristas não têm paciência com as pessoas de terceira idade. Param fora do ponto. Passam o sinal. Atrasam. Quem trabalha e vai lá pra fora, tem que sair antes, porque às vezes ele não vem aqui dentro. Fica lá no morro e volta. E não tem concorrência. Se tivesse concorrência pra mudar esse ônibus aí, mais conforto pra nós, seria ótimo. Mais conforto. Ninguém nunca pensou, porque esse Jacutinga aí é velho, muito antigo. Aqui só tem esse e a Kombi que vai pra Edson Passos. Quem vai pra outro lugar tem que ir a pé, ou pra Dutra, ou vai pra pista pegar o Central. Fora isso, é só esse pequenininho mesmo e a Kombi. E esses caras que usam os próprios carros pra fazer de táxi. Lotada. Mas isso aí é outra banda podre. Mas a Kombi vai só até onze horas. Se eu chegar na estação* [de trem de Edson Passos] *depois disso, eu já não venho de Kombi. Tenho que vir a pé. Ir lá pelo cemitério, cortando caminho pra chegar em casa. Quando meu horário era de três a dez da noite, lá no shopping, eu chegava aqui meia-noite. Eu tinha que vir a pé, porque não tinha ônibus. Porque aqui pra dentro não tem mais”* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Enchentes; violência; consumo de drogas; transporte público precário; coleta irregular de lixo; entulho espalhado pelas ruas e calçadas; abastecimento irregular de água; esgoto sendo

despejado no rio, transformado em valão; interrupções constantes no fornecimento de energia elétrica; ruas esburacadas; ausência de áreas de lazer; falta de creches; a praça transformada em estação de tratamento de esgoto, antes destinada a ser construída em outro bairro. É o retrato do completo abandono de Jacutinga pelo Poder Público.

> *"Aqui parece que é o esgoto, o esgoto-mãe. Tudo de ruim joga aqui dentro. O principal mesmo não estão vendo: os meninos morrendo aí. Todo dia morre um, morrem dois. Viciados nas drogas, no crack, na pedrinha. Os velhos morrendo sem ver médico dentro de casa. Eu estou falando do médico visitar os doentes na cama. Não tem isso. Deveria ter. Cadê o nosso lazer? Tem lazer lá em Santo Elias. Agora botaram tudo lá em Santo Elias. Mas cadê nossa praça? Fizeram o esgoto da Cedae. Cadê a pracinha daqui? Aqui dentro não tem praça. Você vê mato ainda, mato"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Em Jacutinga, o racismo se faz presente na negação da cidadania à sua população, de maioria negra, de lideranças femininas e negras, de pessoas pobres, excluídas do mercado capitalista.

> *"Atualmente, o racismo também tem se revelado por meio de restrições da cidadania, por meio de imposição de distâncias sociais criadas por diferenças enormes de renda e de educação, por meio de desigualdades sociais. Assim, na ausência de discriminações raciais declaradas ou institucionalizadas, o racismo se legitima na cidadania negada pela pobreza, violência e acesso aos bens produzidos culturalmente"* (SILVA, 2010, p. 5).

Maria relatou que, além de perceber e denunciar as mazelas impostas a Jacutinga pela omissão do Poder Público, lutava contra a desigualdade e o preconceito, especialmente no trabalho. Segundo ela, já trabalhou em várias empresas, quase sempre como copeira ou auxiliar de serviços gerais. Essa é a sua função em seu atual emprego, no qual está há alguns meses, em um shopping da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

> *"Eu estou trabalhando muito, sou multiuso. Eu sou pracista, mas, faltou alguém, sou deslocada, para banheiro, elevador. É um tal de sobe escada, desce escada. E eu vou emagrecendo. Estou lá no shopping há sete meses. Você não vive, você vegeta. É muita coisa pra fazer. E outra coisa que hoje eu vejo muito que não está bom é a acepção de cor, o preconceito, que está muito forte ainda. As pessoas acham que o negro não pode chegar a um cargo maior. E isso aí também pega muito pra gente. É na faculdade, no serviço mesmo, onde eu trabalho, tem preconceito. Como eu te falei, eu lido com o povão. Você que trabalha em praça de alimentação, você mexe com todo tipo de pessoa. Eu tiro as bandejas das pessoas. Quando acabam de se alimentar, eu vou lá, peço licença, dou boa tarde, e pego mais de cinco bandejas. E vou pro balcão e vou distribuindo cada bandeja pra cada loja. Então, tem pessoas que são agradáveis a você. Outras nem te olham, outras te chamam de 'Psiu', outras te chamam de 'Neguinha'. Uns falam até com carinho; outros, não. Uns, quando você vai pegar a bandeja, tiram o celular de perto, achando que você vai roubar o celular, tiram a chave do carro. Quantas vezes eu encontro chave de carro, celular, e devolvo? Mas eles acham que nós, negros, fazemos isso. Acontece isso comigo quase todos os dias. E vou dizer uma coisa pra você: quando a gente coloca aquele uniforme de bate-bola ali, tem que estar maquiada, cheirosa, tudo bonitinho pra falar com o cliente. Eu não vou de qualquer jeito. Eu sempre chego cheirosa. Eu não chego perto do cliente e digo: 'Me dá aqui*

> *sua bandeja'. Não é assim. A educação vem de casa. Eu sou negra. Eu já sei que não tem muito alguém a favor de uma negra, porque é verdade. O preconceito é geral. Tu acha que eu vou tratar um branco com ignorância, sabendo que o racismo está em todos os lugares? Não, eu sou esperta. Mesmo que a pessoa seja negra ou branca, eu vou ser educada, porque a educação vem da minha casa. E eu lidei com o povão no passado. Então eu sei lidar com branco, preto, amarelo, azul, sei lidar com qualquer um. Eu fico o tempo todo mais em pé. Mas eu gosto, porque mexo com o povo. Adoro isso aí. Criança, adolescente e velho é comigo mesmo"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria relata outra situação de discriminação que teria vivido em um ambiente de trabalho. Quando participou de uma seleção para ser contratada por uma empresa que prestava serviços para a Receita Federal, sentiu o preconceito por ser negra.

> *"Senti* [preconceito] *foi quando eu entrei na Receita Federal. Não foi nem pelos delegados, porque eles me receberam muito bem e ainda me chamaram de 'Pérola Negra'. Mas, quando eu entrei na empresa Angel, a primeira coisa que me perguntaram foi sobre isso aí. 'Você não tem condições de ser uma copeira pra trabalhar na Receita'. Eu falei: 'Por que não?' Estavam pensando que estavam tratando com uma pessoa burrinha. 'O que importa é a minha profissão. Eu trabalhei muito pra chegar a ser uma copeira. E por que vocês acham que eu não tenho condições de trabalhar dentro da Receita?' 'Ah, as meninas são todas assim, mais branquinhas'. 'Então é preconceito? Isso dá cadeia. O que importa não é a minha cor, não, é a minha capacidade'. Foi quando uma outra pessoa falou assim: 'Ela vai se encaixar lá no RH da Receita. Nós vamos passar os dados dela. Ela tem capacidade para tratar as pessoas com delicadeza'. A única negra lá era eu. O que aconteceu? Eu fui crescendo. As brancas que estavam lá foram mandadas embora. Eu fiquei. Eu só saí com a morte do meu pai. Queriam me levar pros Estados Unidos, a Receita Federal. Porque eu lidava com todo mundo. Todos que passavam pela Alfândega eu tinha que dar água gelada, cafezinho. Reunião de pessoas que vinham dos Estados Unidos, Europa, quem arrumava a reunião era eu. Martinha aqui que arrumava aquela mesa imensa. A pessoa que me tratou mal lá no RH em Bonsucesso disse que eu não tinha condições de trabalhar na Receita Federal. Fiquei três anos e meio lá. Conheci todo mundo. Ganhei muito presente dos delegados. Na última enchente minha aqui, quem trouxe as coisas pra mim foi a Receita Federal. Quando o carro bateu aqui, nem um rato ficou na rua. Aquele carro preto, com uma listra amarela. O cara veio armado, né? 'Tu mora mal pra caraca, Maria!' Quando esse carro bateu aqui, é tipo uma camionete, que faz apreensão de caça-níqueis, e quando chegou um Gol branco, escrito assim: 'Receita Federal', e pararam no meu portão, não ficou um fumador de droga aqui. Trouxeram pra mim tudo do bom e do melhor quando souberam que eu tinha perdido as coisas. Então, eu era muito bem vista onde eu trabalhava. Eu só saí mesmo porque eu tive que ficar com meu pai. Se não, eu estava lá até hoje. E eu ia crescer muito. Eu ganhava muito bem. Meu ticket refeição era muito bom. Não ficava me estressando. Pelo contrário, eu ria demais. O melhor emprego que eu consegui foi lá. Era terceirizado? Era. Mas eu podia crescer. Cortaram os meus sonhos. Quem cortou? A doença do meu pai. Se não, eu estava muito bem. Saí, mas saí bem. Nunca saí de empresa com problema. Nunca tive falta. Agora, eu tenho que chegar lá onze horas. Saio daqui oito e meia. Levo esse 'pinguinzinho' a pé a Juscelino, no carrinho, pra babá. Pego o ônibus nove e meia. Chego em Madureira dez e meia. Entro no shopping 10h56. Troco de roupa, bato o cartão, que lá é digital. Meio-dia estou na praça de alimentação. Nunca faltei um dia. Enchente. Saí de casa não estava chovendo. Quando voltei, minhas coisas estavam nadando na água. Eu fiquei só com a roupa do corpo na casa do meu filho. Eu fui com essa roupa do corpo, peguei o meu uniforme, botei num saco, fui com água até aqui assim [acima da*

> *cintura], com o saco de roupa na cabeça. Quando cheguei lá na pista, na casa da minha colega, é que eu troquei de roupa pra poder ir pro serviço. Nunca faltei um dia. Então, disso empresa nenhuma pode reclamar"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria tem muitos sonhos. Ela os relata com alegria, parecendo acreditar na possibilidade de concretizá-los.

> *"Eu me esforço ao máximo, mesmo, pra ser reconhecida, porque as pessoas acham que o negro não pode ser um empresário, não pode ter um carro. Eu quero ter um Toyota, marca Toyota. Eu vou ter um dia. Vou. Essa marca não sai da cabeça. Eu acho um carro bonito, grande. Não tem um agora que saiu que o teto é de vidro? Chique e do último! Eu vou chegar lá um dia. Vou ter um carro assim. Vou começar com um Golzinho, um Fusquinha, mas eu vou chegar lá. A minha intenção é crescer; não andar pra trás. Eu vou mostrar pra muitos que o negro também pode alcançar aquilo que ele quer. Basta ele estudar e ter aquele objetivo: eu vou ser isso, e acabou. Eu ainda não consegui chegar ao segundo grau, não. Mas eu vou conseguir chegar onde eu quero. Eu quero ser a própria dona. Eu não quero ser a cauda; eu quero ser a cabeça. Eu quero ser dona do meu próprio negócio. E eu tenho capacidade pra isso. Eu me acho capacitada pra fazer o que eu quero fazer. Ser uma empresária. E eu vou ser. Miniempresária. Depois chego até lá. Nutricionista e depois ter minha própria pastelaria. Eu vou chegar lá. Eu quero ter uma boa casa"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

O envolvimento com a política partidária, quando apoiou, em eleições municipais, o vereador mesquitense Ricardo Fried, já fez Maria cogitar uma candidtura a um cargo eletivo. Entretanto, ela imediatamente rejeita a possibilidade: "Se eu largar isso tudo e for pro PT, eu sei que eu vou me dar muito bem. Todo mundo me quer na fita, mas eu não confio, não. Eu não quero morrer. Eu acho que a maioria morre. E tem que mentir muito". Outra possibilidade que se apresenta a Maria, e constitui uma de suas utopias, é de ser "guardete", como ela chama a guarda feminina.

> *"E o meu projeto é: sair desse negócio de serviços gerais. Eu quero ser uma guardete. E eu vou ser uma guardete, por causa da política também. Esse patrão do Samuel, da vigilância, Coronel Paulo, eu já trabalhei pra ele como copeira, através da política. E ele falava pra mim: 'Maria, faz um curso aqui dentro da empresa, como guardete'. 'Não, eu quero ser copeira sua'. Ele me chamava de 'copeirinha'. Eu não quis. Agora que eu estou trabalhando na pedreira mesmo lá, eu vou fazer. Em novembro eu entro de férias, se Deus me permitir chegar lá com vida, eu vou fazer o curso e vou ser uma guardete. É um desejo meu também. É lidar com o público. Ele vai me botar em shopping ou em outros lugares, onde tem povo"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Maria ainda tem mais um sonho: sair de Jacutinga. Apesar de ter sido em Jacutinga que ela aprendeu a ser, em suas palavras, "uma grande mulher", as lembranças que tem dos maus momentos ali vividos a fazem querer se afastar. Ela demonstra um pouco de ressentimento por ter visto suas antigas vizinhas, saírem de Jacutinga, indo morar em lugares "melhores", e por ela continuar morando em condições precárias. Maria revela que gostaria de voltar a morar em Mangaratiba, município localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, no limite com a

Região da Costa Verde. “Penso alto, né? Eu tenho vontade de ir pra lá. Porque lá é um lugar turístico, um lugar bom pra se viver. E eu conheço o pessoal de lá, também”.

Ela defende o CIEP Municipalizado 431 Padre Nino Miraldi, que é, para ela, a referência maior de Jacutinga. Ela acredita que foi a partir da ocupação do CIEP que sua história de libertação e empoderamento começou.

> *“Quando eu vim para cá, isso aqui tudo era área de desova. Matavam e jogavam os corpos aqui. O CIEP aqui era um ‘caveira’[29]. Aqui era tudo cheio de mato. E embaixo aqui, onde as crianças ficam cantando o hino da independência, era muito barro, essa tabatinga vermelha, e ali ficavam as cabanas, cabanas de plástico, do pessoal que invadia essa terra aqui, que éramos nós. Aí eu dava sopa aqui embaixo do CIEP, leite para as crianças e aqui embaixo mesmo, onde colocam os carros, era um caminho de cobra e onde os caras vinham para cá, matavam e enterravam aqui mesmo. Os primeiros alunos da dona Rita foram Gabriel, Samuel e Juliana, quando o CIEP foi inaugurado, no tempo do Brizola. Era aquela roupinha azulzinha e amarelinha. Então foi ali embaixo que eu distribuía sopa para o pessoal da invasão. Tanto a área do CIEP como essas áreas todinhas aqui, desde o Morro do Cocô, da linha, lá em cima, para cá, era tudo mato. Aqui era de fazendeiros, que plantavam laranjas, essas coisas assim. Quando eles morreram, ficou por isso mesmo. Eles morreram, os herdeiros pararam de pagar o IPTU, e nós invadimos. Nessa invasão tinha charrete, tinha cavalo, não existia carro aqui. Se entrasse, era lá na frente, mas era assaltado. Aqui era tudo mato. Aqui era um poço, tinham uns peixinhos aqui. E era água limpa, porque isso aqui era um pantanal. E quando você furava uns buracos para fazer casa, aquela água brotava do chão. Era água limpinha. Aqui na frente tinha um valão, com água limpinha. Tinha muito peixe, cascudo, aqueles peixes gostosos. Não tinha esgoto. Só veio a ter esgoto quando nós começamos a invadir as terras. E era assim: eram três meses para você fazer um alicerce; não podia ter barraco. Você tinha que fazer o alicerce. Nós fazíamos o alicerce em três meses e tinha que levantar um cômodo como esse aqui[30]. Aí você levantava um cômodo e entrava com as crianças. Aqui o que contava eram as mulheres; homem não tinha muita vantagem aqui, não. Aí nós entrávamos na casa e íamos construindo tudo no mesmo padrão das outras casas: dois quartos, sala, cozinha e banheiro”* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Por isso, seu desejo é a valorização do CIEP e da comunidade de Jacutinga. Sua indignação é contra os governantes locais, contra a Prefeitura e a Câmara Municipal.

> *“É aquilo que eu falei pra você: o colégio que nunca deveria acabar, esse CIEP aí. Uma coisa marcante da Jacutinga é o CIEP. Os moradores antigos, a maioria está debaixo do chão. Os que sobraram estão quase indo pro chão também. E o que eu mais queria que o município de Mesquita cuidasse mais é da Jacutinga, aqui dentro, não Mesquita. As autoridades ficam todas lá em Mesquita. Eu queria que entrassem aqui, pra ver como os moradores ficam aqui dentro, quando está tudo cheio d'água. Porque quando tem enchente aqui, não adianta você vir com um saquinho de arroz, três quilinhos de feijão. Eu não pego, não. Outra coisa: tem que ver que a maioria morre com doenças de rato. E não estão nem aí pra gente, não. Vai jogando aqui pra dentro, vai jogando. Tem que saber que tem morador aqui dentro, tem criança. E eles não veem. Só veem Mesquita lá fora. Eu queria que eles viessem aqui dentro, ver a situação que a gente vive aqui dentro. Jacutinga não tem um prefeito que cuida*

[29] Caveira é o nome que a entrevistada dá a uma construção inacabada, também chamada de “esqueleto”.
[30] A entrevistada refere-se a um cômodo de cerca de 10 m².

> *da comunidade. É daqui que eles chegam naquela cadeira bonitinha. Somos nós que ajudamos eles aqui. E eles não veem isso"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

É interessante notar que Maria se refere, assim como a maior parte dos moradores de Jacutinga, a Mesquita como se fosse outro território, sem relação com Jacutinga. "Lá em Mesquita" é expressão recorrente entre os moradores locais, como se Jacutinga não fizesse parte do município de Mesquita, como se não fosse um de seus bairros. Esse sentimento de exclusão, de não pertencimento, demonstra como a negação da cidadania foi absorvida e é reproduzida, inadvertidamente, pelos membros da comunidade.

Assim, não há como enxergar nos moradores locais qualquer identidade territorial com Mesquita. A identidade territorial, a territorialidade, quando há, ocorre com Jacutinga, ou, mais precisamente, com partes específicas do bairro, como é o caso da comunidade surgida a partir do mutirão do início da década de 1990, que trouxe os(as) pioneiros(as) para o local.

> *"É como eu estou dizendo pra você: Jacutinga mexe muito comigo. Hoje eu fico pensando: não quero honra. Isso aqui não tinha nada, só tinha mato, não tinha água. Hoje eu vejo famílias e mais famílias, gerações diferentes. Chego ali no colégio e vejo outras crianças. O colégio levou meus filhos a serem homens e mulher de bem. O Samuel tem 29 anos; é um grande homem, trabalhador. A Juliana é uma grande bailarina. Juliana tem 25 anos. É uma menina muito educada. Dizem que o Brizolão bota a pessoa má. Bota não. É uma família. Essa escola pra mim é uma família. Meus filhos hoje são o que são graças ao ensino e a educação que eu já tinha dado. Gabriel hoje é professor de música, como eu já tinha te falado. Samuel é psicanalista, professor de canto também, com diploma. Tudo veio de onde? Escola particular? Não, veio daí, do CIEP. E ainda falavam que meus filhos iam ser marginais. Hoje todos trabalham. E eu sou uma grande mulher, como se fosse uma Dilma, né, porque eu fiz o meu nome aqui, sem homem, sem marido, sem ninguém. Ajudei outras famílias e consegui fazer a minha família estar hoje bem. Meus três filhos eu criei sozinha aqui neste lugar. Aqui, com Comando Vermelho. Nessa vala aí, que você já viu, tinha muito corpo aí dentro, dessa vala. Gente que ajudava a gente, que dava leite, dava botijão de gás, pra gente morar aqui. A gente não tinha luz, a gente comprava vela. Então, isso aqui tem uma história. Isso tem uma história. Isso não pode morrer. O povo que mora novo aqui não sabe o que nós passamos lá no passado. E eu sofri muito. Corri de cachorro policial. 'A senhora não vai entrar aqui não'. 'Vou entrar, sim! São mulheres e crianças que precisam da sua casa própria'. Nós invadimos. Eu morri? Estou aqui. Por quê? Porque eu tive uma história. Se eu não tivesse passado por isso, se não tivesse sido aquela mulher sofrida, eu não estaria morando aqui hoje. Porque aqui era terra de mulheres que sofrem: que sofrem estupro, que sofrem espancamento, que sofrem abusos sexuais, pedofilia. Então, essa comunidade foi feita pra isso. Pra essas mulheres que sofriam. E eu sou uma dessas mulheres. Então, eu me sinto uma grande mulher em ver hoje a minha família e a comunidade com luz, com água. A água ainda não tem em quantidade, mas breve vai ter; estão fazendo uns buracos aí. Mas nós temos a nossa luz, a nossa casa de usucapião, podemos fazer as escrituras das casas, pagar IPTU, porque nós lutamos pra chegar onde nós chegamos, entendeu?"* (Entrevista concedida em maio de 2014).

Lembrar o passado fez Maria trazer à tona os sonhos e pesadelos, os bons e os maus momentos. É certo que os seus relatos são fruto de sua percepção dos fatos. Suas palavras são

permeadas por sua visão de mundo, por suas convicções. Por vezes, ela exagera em autoelogios. Mas sua redenção como mulher, reforçando sua identidade de mulher negra e, mais ainda, de mulher forte, de "grande mulher", constitui-se como valioso exemplo de empoderamento. Entre uma entrevista e outra, num intervalo de uma semana, Maria confessa: "Chorei a semana toda. Mas passou. Acabou". Em outro momento, Maria encerra a conversa: "Foi bom. Eu pude botar pra fora tudo o que eu queria falar".



Figura III.5. Maria Santos na casa de sua mãe, em Jacutinga. Foto do autor (junho de 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da pesquisa que resultou neste trabalho, a escolha de Jacutinga como espaço de análise deveu-se às possibilidades que apresentava. Trata-se de bairro quase abandonado pelas ações dos agentes do poder público. Apresenta os mais diversos problemas sociais e ambientais. Os moradores do bairro são, em geral, das classes baixa e média baixa. Porém, é possível perceber em Jacutinga a reprodução da lógica de oposição entre centro e periferia, que caracteriza as relações sociais nas diversas escalas espaciais de análise: global, nacional, estadual, regional, municipal e local.

As desigualdades e contradições existentes em escala global, entre países centrais e países periféricos, reproduz-se na escala nacional, entre a região mais desenvolvida do país (Centro-Sul) e as demais. Essa oposição entre centro e periferia também ocorre na escala estadual, entre a capital (Rio de Janeiro) e os demais municípios do estado. Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a oposição entre centro privilegiado (Rio de Janeiro) e periferia excluída (Baixada Fluminense) volta a ser percebida. O mesmo ocorre dentro de cada município, não sendo diferente no município analisado. O centro de Mesquita e alguns bairros considerados nobres são mais atendidos pelas ações de governos e empresas, enquanto outros, como Chatuba, Coreia e, principalmente, Jacutinga, encontram-se em estado de abandono e exclusão.

É importante notar que também no bairro considerado mais pobre de Mesquita, Jacutinga, há uma divisão entre uma área mais “nobre” e outra mais “pobre”. O limite entre essas duas áreas é a Rua Ana Peixoto. Uma edificação é o principal símbolo dessa divisão: o CIEP Municipalizado 431 Padre Nino Miraldi. Sua construção, iniciada na década de 1980 e concluída no início da década de 1990, marcou o início da ocupação intensa dos terrenos alagadiços localizados atrás dele.

A caracterização de uma área mais nobre em Jacutinga é difícil. Mais correto seria a referência a uma área “menos pobre”. Os imóveis localizados mais próximos à Rua Dona Delfina Borges são maiores e apresentam melhor acabamento. As ruas são asfaltadas; há iluminação nos postes, apesar de não muito intensa. Quando ocorrem enchentes, esses imóveis são afetados. Todavia, o escoamento das águas pluviais existe, apesar de não ser muito eficiente. Como se tratam de proprietários com maior poder aquisitivo, a maioria dos imóveis possui mais de um pavimento, possibilitando que, ao haver alagamento, não haja perda de móveis e eletrodomésticos, protegidos em um andar superior das casas.

Já a área mais pobre de Jacutinga é constituída por imóveis pequenos, com casas construídas muito próximas umas das outras. Apesar de todas serem de alvenaria, a maioria não possui bom acabamento. As enchentes são comuns no verão, quando ocorrem chuvas intensas. Como as casas foram construídas sobre uma área que naturalmente era alagada quando o Rio da Prata transbordava, é comum que os moradores, que já possuem poucos recursos materiais, tenham suas casas invadidas pela água, misturada ao esgoto, que até hoje é lançado *in natura* no rio, transformado em um “valão”.

O mesmo valão recebe os corpos de vítimas da violência urbana, associada a grupos criminosos que dominam o território local. A associação de Jacutinga à violência e à ausência do poder público, que caracterizou a Baixada Fluminense na segunda metade do século XX, é percebida no depoimento de seus moradores. Apesar de, em sua maioria, afirmarem que se trata de um lugar calmo, os moradores relatam a ocorrência de crimes, a ausência de policiamento e a falta de perspectivas para os jovens da comunidade.

As desigualdades socioeconômicas se fazem presentes em Jacutinga. A questão das classes sociais e todas as injustiças típicas do capitalismo podem ser percebidas na organização espacial acima descrita. Não foi surpreendente perceber que a questão de classe estivesse associada à questão de raça. Não restam dúvidas quanto ao predomínio de negras e negros entre os moradores da área mais pobre de Jacutinga.

Entretanto, na tentativa de entender uma territorialidade negra, isto é, a formação de uma identidade territorial a partir de uma identidade racial, foi possível compreender que mais um elemento faria parte do complexo identitário de Jacutinga. Além das questões de classe e de raça, estava fortemente presente no local a questão de gênero. A área mais pobre de Jacutinga, atrás do CIEP, foi formada por uma associação de mulheres, em sua maioria negras, que buscavam um recomeço em suas vidas, depois de terem sido vítimas da violência de gênero, a violência da sociedade patriarcal, que oprime as mulheres. Essa opressão se faz mais severa quando se somam características da oprimida: mulher, negra e pobre.

Um grupo de mulheres negras, marcadas pela violência de gênero, de seus companheiros, devido à sua condição de mulheres, que se uniram, a maioria sem se conhecer anteriormente, em um mutirão para ocupar terras devolutas, então pertencentes ao município de Nova Iguaçu, construir suas casas e iniciar uma tentativa de melhorar suas vidas e a de seus filhos e filhas. A marca dessas mulheres era a marca da violência física, moral, psicológica e sexual.

A interseção de formas de opressão (classe, raça e gênero) resulta no conceito de interseccionalidade. A percepção da múltipla e integrada opressão é vital para a superação da situação de vítima, permitindo a essas mulheres que, apoiando-se reciprocamente, como no mutirão para construção de suas casas, pudessem se empoderar, estimulando mutuamente a autoconfiança e o amor próprio, reafirmando sua identidade de mulheres fortes.

Através do relato de uma das líderes do mutirão de mulheres, a última remanescente do grupo de mulheres que ocupou Jacutinga no final do século passado, foi possível reconstruir um fragmento da história das mulheres que sofreram as múltiplas violências da sociedade patriarcal neoliberal.

Não é de se estranhar que essa comunidade constituída, em sua maioria, por mulheres negras e pobres tenha se concretizado como uma das mais pobres e abandonadas por todas as esferas do poder público. A singularidade da comunidade está no fato de ter sido liderada, durante anos, apenas por mulheres. Mais do que isso, essas líderes eram mulheres negras.

Nesse ponto, a questão da “feminização da pobreza”, termo cunhado inicialmente por Diane Pearce, em 1978, nos Estados Unidos, torna-se mais concreta e visível. A comunidade mais pobre do município de Mesquita é, justamente, aquela onde predomina a população feminina negra. Muitas famílias são formadas apenas por uma mulher adulta e seus filhos. As três fontes de renda apresentadas pela autora (salário, transferência privada e transferência pública) representam parcos recursos para essas mulheres (Cf. NOVELLINO, 2004, p. 4).

As mulheres de Jacutinga, em sua maioria, exercem funções que lhes rendem baixos salários. Muitas estão no mercado informal, principalmente no comércio, enquanto as que estão empregadas formalmente atuam em atividades mal remuneradas, como é o caso de uma das líderes do mutirão, que é auxiliar de serviços gerais de um shopping center. As que estão separadas ou divorciadas dos pais de seus filhos recebem valores muito baixos a título de pensão alimentícia, quando recebem, pois, assim como essas mulheres, os homens são pobres. Algumas participam de programas de transferência pública de renda, com destaque para o programa Bolsa Família, promovido pelo governo federal. De qualquer forma, tratam-se de valores muito baixos, que visam a manutenção de condições mínimas de sobrevivência para essas famílias.

> *“O reconhecimento da maior vulnerabilidade social das mulheres é também o reconhecimento de que sistemas de subordinações se cruzam, como os de classe, de raça e de gênero, o que me leva a insistir que políticas de ações afirmativas se fazem necessárias mais no sentido de minimizar discriminações por conta de identidades político-culturais, como o ser mulher, ser negra, ser jovem ou ser mais velha – não ao azar grupos mais vulneráveis, ou que vêm*

> *se destacando entre os que se encontram em relações mais precárias de trabalho, no setor informal, no serviço doméstico, em formas de terceirização, trabalhos a tempo parcial e domiciliar"* (CASTRO, 1999, p. 90).

A feminização da pobreza e a vulnerabilidade social das mulheres em uma sociedade patriarcal, onde se entrecruzam outras formas de discriminação e opressão, propicia a requisição, por parte cada vez mais considerável da população, da criação e implementação de políticas públicas direcionadas para as mulheres, principalmente as que estão incluídas em mais de uma categoria socialmente vulnerável. Assim, são urgentes as ações do poder público direcionadas para mulheres negras e pobres. Mais ainda, para aquelas que sofrem algum tipo de violência, ainda que simbólica e mascarada pela sociedade patriarcal.

A pesquisadora Maria Salet Ferreira Novellino define muito bem as políticas públicas no caso brasileiro:

> *"Políticas públicas são declarações de princípios subjacentes às ações governamentais. (…) Elas têm como propósito ser soluções para questões públicas. Em países como o Brasil, o papel das políticas públicas seria o de prover pelo menos as necessidades mais básicas de sua população. Essas necessidades dizem respeito à saúde, trabalho, educação e direitos humanos"* (NOVELLINO, 2004, p. 10).

A mesma autora define as políticas públicas de gênero, opinando sobre como deveriam ser essas políticas no Brasil:

> *"Políticas de gênero são políticas públicas sensíveis às questões de gênero. Políticas de gênero têm como objetivo contribuir para o empoderamento das mulheres e para a erradicação da desigualdade de poder entre mulheres e homens. Em países como o Brasil, políticas de gênero deveriam ser um instrumento contra as desigualdades de gênero bem como desigualdades sociais e étnicas. As principais questões de gênero, sociais e étnicas são: direitos sexuais, acesso a serviços de saúde, violência doméstica e na rua, creches e escolas maternais, distribuição de propriedades, reforma agrária, educação e programas de emprego, representação política, desregulamentarização da legislação trabalhista, e privatização da seguridade social"* (NOVELLINO, 2004, p. 10).

As políticas públicas defendidas pela autora no que tange à interseção de questões de gênero, classe e étnicas perpassam por todas as dificuldades e por todas as ações das mulheres de Jacutinga. Constituem, enfim, a necessidade de afirmação e de garantia dos direitos humanos, como defende Cecilia Castillo Nanjari.

> *"Compreender a violência contra a mulher exercida no espaço doméstico, ou fora dele, como uma expressão da desigualdade de gênero e uma violação de direitos humanos, aponta para diversas formas de câmbio social, cultural e econômico reduzindo esta desigualdade e aumentando as garantias dos*

> *direitos humanos, contribuindo para relações de gênero harmoniosas e sadias"* (NANJARI, 2009, p. 149).

As últimas palavras da autora chilena constituem a verdadeira utopia, o sonho distante, mas possível: "relações de gênero harmoniosas e sadias", sem discriminação, desigualdade, violência ou injustiça, para a construção de um mundo mais feliz, onde todos possam conviver, respeitando as diferenças e aprendendo com elas.

Este trabalho, dentro de suas limitações, buscou exemplificar uma realidade de interseção de fatores de opressão (de gênero, racial, social, econômica, espacial), percebida em uma comunidade periférica da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. As dificuldades para sua concretização foram diversas, com destaque para o reduzido acesso à comunidade, bem como à ausência de qualquer registro documental do passado e do presente do local. Todavia, apesar dessas restrições, foi possível identificar a existência de uma identidade territorial periférica entre os(as) poucos(as) moradores(as) entrevistados(as), que almejam melhorias em suas vidas, em termos individuais, mas, também, desejam melhorias coletivas, para a comunidade. Assim, o otimismo utópico permeia o ambiente de Jacutinga. É esse otimismo que parece mover as pessoas desta comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauricio de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Iplan-Rio / Jorge Zahar Editor, 1988.

ANDRIOLI, Antônio Inácio. **Utopia e realidade**. Revista Espaço Acadêmico, n. 56, jan. 2006.

BAIRROS, Luiza. "Nossos feminismos revisitados". **Estudos Feministas**, Ano 3, n. 2, 2º sem. 1995, pp. 458-463.

BARBOSA, Lícia Maria de Lima. "Feminismo negro: notas sobre o debate norte-americano e brasileiro". **Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. Florianópolis, 23 a 26 ago. 2010, 9 p.

BARROS, Gisela de Jesus (Org.). **Nossas ruas têm história: Mesquita/RJ**. Rio de Janeiro: Memória Fluminense, 2011, 153 p.

BEZERRA, Nielson Rosa. "Tensões e interações das relações sociais em torno do regime escravista na freguesia de Santo Antônio da Jacutinga". In: **Revista Pilares da História**, Ano 2, n. 2, maio 2003, pp. 7-18.

BEZERRA, Nielson Rosa. **Escravidão, farinha e tráfico atlântico: um novo olhar sobre as relações entre o Rio de Janeiro e Benguela**. Disponível em: http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Nielson_Bezerra.pdf. Acessado em 7 set. 2012.

BIZARELLI, Jânia. "Basta de omissão, Jacutinga e Santo Elias". In: **Jornal Panorama**, Rio de Janeiro, 27 mar. 2012, p. 7.

BONETTI, Aline de Lima; ABREU, Maria Aparecida A. (Orgs.). **Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil**. Brasília: Ipea, 2011, 160 p.

BRASIL. **Lei n. 601.** Rio de Janeiro, 18 set. 1850. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm. Acessado em 7 set. 2012.

CARDOSO, Cláudia Pons. "História das mulheres negras e pensamento feminista negro: algumas reflexões". **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 25 a 28 ago. 2008, 7 p.

CASTRO, Mary Garcia. “”Feminização da pobreza’ em cenário neoliberal”. **I Conferência Estadual da Mulher**. Porto Alegre: Coordenadoria Estadual da Mulher, 1999. Disponível em http://cdn.fee.tche.br/mulher/2001/artigo6.pdf. Acessado em 25 ago. 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. UFBA, s/d., 9 p.

CUSTÓDIO, Aline. “A vantagem mora ao lado”. Rio de Janeiro: **Extra**, 7 abr. 2012, p. 3.

CUSTÓDIO, Aline. “O descaso vive ao lado”. Rio de Janeiro: **Extra**, 7 abr. 2012, p. 4.

DAVIS, Angela Yvonne. “As mulheres negras na construção de uma nova utopia”. **Cadernos do CEAS**, n. 210, mar./abr. 2004, 7 p.

ENNE, Ana Lucia S.; DINIZ, Betina Peppe. “Reportagem policial na imprensa carioca dos anos 80: o caso Mão Branca e a mitificação da violência na periferia”. **Anais do III Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. Novo Hamburgo: Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia, 2005. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/3o-encontro-2005-1?b_start:int=100. Acessado em 7 set. 2012.

FERREIRA, Vanderson. **Localidade Maria Cristina em Banco de Areia**. 08 mar. 2010. Disponível em http://vanderson2010.blogspot.com.br/2011/03/localidade-maria-cristina-em-banco-de.html#uds-search-results. Acessado em 8 set. 2012.

FRANÇA, Live. “Catolicismo no Recôncavo da Guanabara no século XVIII”. **Revista 7 Mares**, n. 2, abr. 2013, pp. 34-51.

FRIDMAN, Fania. “Freguesias do Rio de Janeiro ao final do século XVIII”. **Mneme – Revista de Humanidades**. UFRN, Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008. Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais. Acessado em 6 set. 2006.

FUNASA. **Saúde da população negra no Brasil: contribuições para a promoção da equidade**. Brasília: Funasa, 2005, 446 p.

GARCIA, Antonia dos Santos. **Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, 543 p.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997, 293 p.

HAESBAERT, Rogério. "Concepções de território para entender a desterritorialização". In: SANTOS, Milton *et al*. **Território territórios**. Niterói: PPGEO-UFF/AGB, 2002, pp. 17-38.

HEILBORN, Maria Luiza. "De que gênero estamos falando?" **Sexualidade, gênero e sociedade**, ano 1, n. 2, CEPESC/IMS/UERJ, 1994.

HEILBORN, Maria Luiza. "Gênero, sexualidade e saúde". In: **Saúde, sexualidade e reprodução: compartilhando responsabilidades**. Rio de Janeiro: Uerj, 1997, pp. 101-10.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4ª ed. Brasília: Ipea, 2011, 39 p.

LIMA, Maria Batista. "Identidade etnicorracial no Brasil: uma reflexão teórico-metodológica". **Revista Fórum Identidades**, ano 2, vol. 3, pp. 33-46, jan.-jun. de 2008.

LISBOA, Teresa Kleba. "Empoderamento de mulheres e participação na gestão de políticas públicas". **Anais do II Seminário Nacional "Movimentos sociais, participação e democracia"**. Florianópolis: UFSC, 25 a 27 abr. 2007, pp. 640-652.

LISBOA, Teresa Kleba. "O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais". **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 25 a 28 ago. 2008, 6 p.

MESQUITA. **Lei Complementar n. 009**. Dispõe sobre a criação de distritos e abairramento no Município de Mesquita e dá outras providências. Rio de Janeiro: Diário Oficial dos Municípios do Rio de Janeiro, 25 ago. 2009.

NANJARI, Cecilia Castillo. "Gênero como categoria de análise para desvendar a violência contra as mulheres: um desafio para a educação teológica". **Revista Caminhando**, v. 14, n. 2, pp. 141-51, jul./dez. 2009.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. "Os estudos sobre feminização da pobreza e políticas públicas para mulheres". **XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP,

Caxambu, set./2004. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_51.pdf. Acessado em 24 ago. 2014.

PERRY, Keisha-Khan Y.; CAMINHA, Ana Cristina da Silva. "'Daqui não saio, daqui ninguém me tira': poder e política das mulheres negras da Gamboa de Baixo, Salvador". **Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero** – NUTEG, v. 9, n. 1. Niterói: EDUFF, 2. sem. 2008, pp. 127-153.

PEZZATO, João Pedro. "Pesquisa qualitativa, modernidade, pós-modernidade, questionários e entrevistas: um diálogo com pesquisadores". In: FRAGA, Nilson Cesar (org.). **Territórios e fronteiras: (re)arranjos e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2011, pp. 209-228.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, Adriana Dantas. "Gênero, patriarcado e a história da escravidão no Brasil". **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo, julho 2001.

ROCHA, André Santos da. "'Nós não temos nada a ver com a Baixada!' – problemática de uma representação hegemônica na composição do território". **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**. Ano 3, n. 4, jan.-jul. 2013.

ROSA, Isaac Gabriel Gayer Fialho da. **A gestão escolar democrática: o caso da rede municipal de Mesquita**. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2009, 133 p.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. "Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero". **Cadernos Pagu**, n. 16, 2001, pp. 115-36.

SANTOS, Ana Maria Marques dos. **Entre saberes, ações e sujeitos: contribuições das práticas educativas do projeto lixo é vida**. Rio de Janeiro: ISEP / UNESA, s/d., 15 p.

SANTOS, Sônia Beatriz dos. "Feminismo negro diaspórico". **Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero** – NUTEG, v. 8, n. 1. Niterói: EDUFF, 2. sem. 2007, pp. 11-26.

SILVA, Maria Fatima de Souza. **Das terras de Mutambó ao município de Mesquita – RJ: memórias da emancipação nas vozes da cidade**. Mesquita: Entorno, 2007, 204 p.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. “Movimentos sociais, território e desenvolvimento”. In: COELHO NETO, Agripino Souza; SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro; SILVA, Onildo Araujo da. **(Geo)grafias dos movimentos sociais**. Feira de Santana: UEFS, 2010, pp. 171-186.

SILVA, Tarcia Regina da. “A construção da identidade negra em territórios de maioria afrodescendente”. **Revista África e Africanidades**, ano 3, n. 11, Nov. 2010.

SILVEIRA, Artur Messias da. “Um pouco da nossa rica história”. In: BARROS, Gisela de Jesus (Org.). **Nossas ruas têm história: Mesquita/RJ**. Rio de Janeiro: Memória Fluminense, 2011, pp. 17-20.

SOUZA, André. **Exemplo de vida, fé e doação**. 29 jul. 2010. Disponível em http://literaturaarteeliberdade.blogspot.com.br/2010/07/momento-para-uma-homenagem.html. Acessado em 9 set. 2012.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, pp. 77-116.

TAVARES, Rossana Brandão. **As várias Mesquitas de várias Baixadas: vitalidade e desigualdade no território fluminense**. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, 143 p.

TORRES, Genesis Pereira. **A vila de Iguassú: uma importância atribuída?** Belford Roxo: Faculdade Redentor, 2013.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA – CEFET/RJ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ETNOCORRACIAIS PENSAMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS: *DIMENSÕES INSTITUCIONAIS DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS*

MESTRANDO: Alexandre dos Santos Monteiro

ORIENTADORA: Dra. Sônia Beatriz dos Santos

1. NOME: _____ 2. TELEFONE: _____

3. SEXO: ( ) Masculino ( ) Feminino 4. IDADE: _____

5. ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU? _____

6. QUAL É SUA RELIGIÃO? _____

7. QUAL É A SUA RAÇA OU COR? _____

8. HÁ QUANTO TEMPO MORA EM JACUTINGA? _____

9. DO QUE VOCÊ MAIS GOSTA EM JACUTINGA?

_____

10. DO QUE VOCÊ NÃO GOSTA EM JACUTINGA?

_____

_____

11. O QUE MELHOROU EM JACUTINGA DESDE QUE VOCÊ VEIO MORAR AQUI?

_____

_____

12. ALGUMA COISA PIOROU EM JACUTINGA DESDE QUE VOCÊ VEIO MORAR AQUI?

_____

_____

13. O QUE OS GOVERNANTES TÊM FEITO DE BOM AQUI?

_____

_____

14. O QUE OS GOVERNANTES DEVERIAM FAZER PARA MELHORAR SEU BAIRRO?

_____

_____

15. VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI? POR QUÊ?

16. VOCÊ TEM FOTOGRAFIAS DE JACUTINGA DO TEMPO EM QUE VOCÊ VEIO MORAR AQUI?

17. VOCÊ PRETENDE CONTINUAR MORANDO EM JACUTINGA?

18. VOCÊ GOSTARIA DE CONTAR OUTRAS COISAS SOBRE SUA HISTÓRIA EM JACUTINGA?

19. CITE ALGUMA SITUAÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO OU PRECONCEITO QUE VOCÊ SOFREU OU PRESENCIOU.

20. VOCÊ ATRIBUI ESSA DISCRIMINAÇÃO OU PRECONCEITO À RAÇA OU COR DA PELE?

21. VOCÊ ESTÁ SATISFEITO(A) COM SEU TRABALHO? POR QUÊ?

22. VOCÊ ACREDITA QUE HOMENS E MULHERES DEVEM TER AS MESMAS OPORTUNIDADES DE TRABALHO? POR QUÊ?

23. VOCÊ ACREDITA QUE HOMENS E MULHERES DEVEM TER OS MESMOS DIREITOS E DEVERES NAS ATIVIDADES DOMÉSTICAS? POR QUÊ?

24. O QUE MAIS VOCÊ QUER DIZER SOBRE AS DIFERENÇAS (NO TRABALHO, NO ESTUDO, NA VIDA) ENTRE HOMENS E MULHERES?

ANEXO

O discurso de Lupita Nyong'o: Não há vergonha na beleza negra.

Blog Blogueiras Negras

Com tradução de Maiara Lima

Quero aproveitar esta oportunidade para falar sobre beleza, beleza negra, beleza escura. Eu recebi uma carta de uma menina e gostaria de compartilhar apenas uma pequena parte dela com vocês: "Cara Lupita," onde se lê: "Eu acho que você realmente tem sorte por ser tão negra e ainda tão bem sucedida em Hollywood. Eu estava prestes a comprar um creme da "Whitenicious" para clarear minha pele quando você apareceu no mapa e me salvou."

Meu coração sangrou um pouco quando li essas palavras, eu nunca poderia ter imaginado que o meu primeiro trabalho seria tão poderoso e que me tornaria em uma imagem de esperança, da mesma forma que as mulheres de "A Cor Púrpura" foram para mim.

Lembro-me de um tempo em que eu também me sentia feia. Eu ligava a TV e só enxergava pele pálida, fui provocada e insultada sobre o tom da minha pele cor de noite. E a minha única oração a Deus, o milagreiro, era que eu acordasse de pele mais clara. Na manhã seguinte, eu acordava tão animada em ver a minha nova pele que eu recusava a me olhar até que estivesse na frente de um espelho, porque eu queria ver o meu rosto claro de primeira. E todos os dias eu experimentava a mesma decepção de ser tão escura como eu era no dia anterior. Tentei negociar com Deus, eu lhe disse que iria parar de roubar cubos de açúcar à noite se ele me desse o que eu queria, eu obedeceria cada palavra da minha mãe e nunca perderia o casaco da escola de novo, se ele só me deixasse um pouco mais clara. Mas eu acho que Deus não se impressionou com as minhas barganhas, porque Ele nunca escutou.

E quando eu era adolescente, meu auto-ódio cresceu, como acontece durante a adolescência. Minha mãe me lembrou muitas vezes que ela me achava bonita, mas ela é minha mãe, é claro que ela deveria me achar bonita. E então … Alek Wek, uma modelo célebre. Ela era escura como a noite, ela estava em todas as passarelas e em todas as revistas e todo mundo estava falando sobre como ela era bonita. Até Oprah a achava bonita e fez disso fato. Eu não podia acreditar que as pessoas estavam abraçando uma mulher que parecia muito comigo, tão bonita. Minha pele sempre foi um obstáculo a ser superado e, de repente, Oprah estava me dizendo que não era. Foi desconcertante e eu queria rejeitá-lo, porque eu tinha começado a desfrutar da sedução da inadequação.

Mas a flor não poderia deixar de desabrochar dentro de mim. Quando eu assistia Alek, via um reflexo de mim mesma que eu não podia negar. Agora eu tinha um degrau a cada passo meu, porque eu me sentia mais vista, mais apreciada pelos distantes guardiões da beleza. Em torno de mim a preferência pela minha pele prevaleceu, porém para os cortejadores com quem me importava, eu ainda era vista como feia. E a minha mãe novamente me dizia que você não pode comer beleza, porque ela não te alimenta, e estas palavras me atormentavam e incomodavam. Eu realmente não entendia, até que finalmente me dei conta de que a beleza não era uma coisa que eu poderia adquirir ou consumir, era algo que eu tinha que ser.

E o que minha mãe quis dizer quando disse que você não pode comer beleza é que você não pode depender da sua aparência para se sustentar. O que é bonito é fundamentalmente a compaixão que você sente por si mesmo e por aqueles ao seu redor. Esse tipo de beleza inflama o coração e encanta a alma. Foi o que colocou Patsey em tantos problemas com seu mestre, mas também é o que tem mantido a sua história viva até hoje. Recordamos da beleza de seu espírito, mesmo depois que a beleza de seu corpo se foi.

E por isso espero que a minha presença em suas telas e revistas possa levá-la, jovem, em uma viagem semelhante. Que você sinta a validação de sua beleza externa, mas também chegue ao mais profundo objetivo que é ser bonita por dentro. Não há vergonha na beleza negra.

O discurso de Lupita Nyong'o foi feito no evento ESSENCE Black Women In Hollywood.

Fonte: http://mariadapenhaneles.blogspot.com.br/2014/03/o-discurso-de-lupita-nyongo-nao-ha.html. Acessado em 26 ago. 2014.